

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA**  
**CURSO DE MESTRADO**

**ROBERTA REGINA SALDANHA**

**ENTRE O LIVRO LITERÁRIO E A ARTE DE LER: REVERBERAÇÕES DO LEIA**  
**MULHERES EM CAXIAS DO SUL**

**CAXIAS DO SUL/RS**

**2025**



**ROBERTA REGINA SALDANHA**

**ENTRE O LIVRO LITERÁRIO E A ARTE DE LER: REVERBERAÇÕES DO LEIA  
MULHERES EM CAXIAS DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, Curso de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras e Cultura.

Linha de pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos

**CAXIAS DO SUL/RS**

**2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S162e Saldanha, Roberta Regina

Entre o livro literário e a arte de ler [recurso eletrônico] : reverberações do Leia Mulheres em Caxias do Sul / Roberta Regina Saldanha. – 2025.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2025.

Orientação: Flávia Brocchetto Ramos.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Livros e leitura na literatura. 2. Mulheres na literatura. 3. Leitura em grupo - Caxias do Sul - Mulheres. 4. Interesses na leitura - Mulheres. I. Ramos, Flávia Brocchetto, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 028.4

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

ENTRE O LIVRO LITERÁRIO E A ARTE DE LER: REVERBERAÇÕES DO LEIA  
MULHERES EM CAXIAS DO SUL

*Roberta Regina Saldanha*

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 18 de julho de 2025.

Banca examinadora

Dra. Flávia Brocchetto Ramos  
Orientadora  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Dra. Regina Zilberman  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dra. Alexandra Santos Pinheiro  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Dra. Rosane Maria Cardoso  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

À minha avó, Neuza do Canto Regina, meu  
livro-vivo preferido.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha avó, Neuza do Canto Regina, por ter me contado as primeiras histórias que ouvi, orientando-me na escrita de minha história junto a tantas outras. À minha mãe, Analuisa do Canto Regina, pelo acolhimento a cada instante dessa trajetória, muitas vezes, tortuosa. Sem sua presença, meu caminhar seria menos sereno. Ao meu irmão, João Vitor, pela confiança em meus passos. À minha tia Ana Cristina, por ter indicado, para mim, o caminho da educação.

Às amigas que me inspiram e incentivam, Carol, Daniela, Diuliane, Laura G., Laura D., Luiza, Juliana, Raissa, Vitória, dentre outras pessoas queridas que me acompanharam nesse processo, inclusive, compreendendo minhas ausências.

Meu profundo agradecimento às leitoras e aos leitores do *Leia Mulheres em Caxias do Sul*, especialmente, às interlocutoras deste estudo, que tornaram tudo isso possível. Sem vocês, não só esta pesquisa seria outra, como eu também não seria a mesma.

À minha orientadora, Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos, para além de atenção minuciosa a esta pesquisa, agradeço pelo carinho, pela generosidade e pela coragem, que me fortaleceram e incentivaram em cada desafio. A ela, também sou grata pela oportunidade de participar do grupo de estudos Observatório de Leitura e Literatura (OLLI), que contribuiu significativamente para o desenvolvimento desta investigação, de modo que agradeço às demais pesquisadoras participantes, que enriqueceram cada discussão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, e a todas as suas professoras e a todos os seus professores, pela oportunidade de aprender e dar o destino da pesquisa às minhas perguntas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação do Ministério da Educação, pela bolsa integral, que permitiu meu acesso e minha permanência na pós-graduação *stricto sensu*.

*Y por pertenecer*  
*A la gente del libro*  
*Pretendiendo entender*  
*Los enigmas del universo*  
**José González, “El Invento”**

## RESUMO

Este estudo nasce das reverberações que os encontros do Leia Mulheres em Caxias do Sul provocaram na pesquisadora, mediadora do grupo há oito anos (de 2017 a 2025), e tem como objetivo geral compreender a leitura partilhada, com base em narrativas de participantes do referido grupo de leitura, visando a uma contribuição para as discussões a respeito da experiência de leitura literária. Dentre os objetivos específicos, constam: (a) registrar a história do Leia Mulheres em Caxias do Sul – RS; (b) conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras e os possíveis atravessamentos do gênero em seus percursos; e (c) caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo. Para tanto, utilizou-se como base teórica: Larrosa (2015), Bajour (2012), Barthes (2004; 2013), Candido (2011), Lajolo e Zilberman (2019), Neitzel e Ramos (2022), entre outros/as. A empiria da investigação, de base qualitativa, foi construída por meio de entrevistas com nove leitoras participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul. Essas leitoras foram selecionadas devido à frequência assídua no grupo, com participação em, no mínimo, seis encontros entre julho de 2023 e julho de 2024. As entrevistas semiestruturadas e individuais tiveram duração média de 60 minutos. Dessa forma, foi possível constituir a narrativa dos percursos de leitura das interlocutoras e verificar os impactos do gênero nesses trajetos. A partir das entrevistas, emergiram também tópicos caracterizadores da leitura partilhada, a saber: o encontro com o outro, ressonâncias, dissonâncias e silêncios. Concluiu-se que o aspecto relacional é elementar, visto que a leitura partilhada se estabelece pelo diálogo. As dimensões de fala e de escuta promovem ressonâncias, quando a diferença não gera distância e existe a possibilidade de transformar-se pelo encontro com o outro; e dissonâncias, quando a diferença se sobrepõe e a voz do outro gera apenas afastamento. Além disso, o silêncio surgiu como outra dimensão, que pode tanto decorrer do constrangimento ou da introspecção quanto pode ser um efeito da experiência da leitura literária. Diante disso, observou-se que a leitura partilhada pode aprofundar o sentido do texto para quem lê, promovendo a compreensão de potencialidades da literatura, de modo que possibilita a realização de uma experiência estética e a percepção das sutilezas inerentes ao ser humano.

**Palavras-chave:** literatura; Leia Mulheres; leitura partilhada; experiência de leitura literária.

## RESUMEN

Este estudio surge de las reverberaciones que los encuentros del grupo *Leia Mulheres* en Caxias do Sul provocaron en la investigadora, mediadora del grupo desde hace ocho años (de 2017 a 2025), y tiene como objetivo general comprender la lectura compartida, a partir de los relatos de participantes del mencionado grupo de lectura, con el propósito de contribuir a las discusiones sobre la experiencia de la lectura literaria. Entre los objetivos específicos se encuentran: (a) registrar la historia del grupo *Leia Mulheres* en Caxias do Sul – RS; (b) conocer las trayectorias lectoras de las participantes y los posibles cruces de género en sus recorridos; y (c) caracterizar la lectura compartida a través de los aspectos señalados por las propias participantes. El marco teórico del estudio incluye a Larrosa (2015), Bajour (2012), Barthes (2004; 2013), Candido (2011), Lajolo y Zilberman (2019), Neitzel y Ramos (2022), entre otros/as. La parte empírica, de carácter cualitativo, fue construida mediante entrevistas con nueve lectoras participantes del grupo *Leia Mulheres* en Caxias do Sul. Estas lectoras fueron seleccionadas por su asistencia frecuente, siendo criterio de inclusión haber participado en al menos seis encuentros entre julio de 2023 y julio de 2024. Las entrevistas, semiestructuradas e individuales, tuvieron una duración media de 60 minutos. De esta manera, fue posible construir las narrativas de los recorridos de lectura de las interlocutoras y analizar los impactos del género en dichos trayectos. A partir de las entrevistas, también surgieron temas que caracterizan la lectura compartida, a saber: el encuentro con el otro, las resonancias, las disonancias y los silencios. Se concluyó que el aspecto relacional es esencial, ya que la lectura compartida se establece a través del diálogo. Las dimensiones de la palabra y la escucha generan *ressonâncias*, cuando la diferencia no genera distancia y existe la posibilidad de transformarse a través del encuentro con el otro; y *dissonâncias*, cuando la diferencia predomina y la voz del otro produce solamente alejamiento. Además, el silencio emergió como otra dimensión, que puede surgir tanto del retraimiento o la introspección como del efecto de la experiencia literaria. A partir de este estudio, se observó que la lectura compartida puede profundizar el sentido del texto para quien lee, favoreciendo la comprensión del potencial de la literatura y posibilitando una experiencia estética y la percepción de las sutilezas inherentes al ser humano.

**Palabras clave:** literatura; *Leia Mulheres*; lectura compartida; experiencia de lectura literaria.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                 |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 QUEM FAZ, COMO E POR QUE FAZER UMA PESQUISA SOBRE O LEIA MULHERES?</b>                                     | <b>11</b>  |
| 1.1 O COMEÇO: EU LEITORA.....                                                                                   | 11         |
| 1.2 A PESQUISA E SUA RELEVÂNCIA .....                                                                           | 14         |
| 1.3 O PERCURSO METODOLÓGICO .....                                                                               | 21         |
| <b>2 LEIO LIVROS, LEIO O MUNDO</b>                                                                              | <b>28</b>  |
| 2.1 A PRESENÇA DE MULHERES NA HISTÓRIA DA LEITURA.....                                                          | 30         |
| 2.2 LER: UMA QUESTÃO DE GÊNERO? .....                                                                           | 36         |
| 2.3 LEITURA EM MOVIMENTO: A HISTÓRIA DO LEIA MULHERES EM CAXIAS DO SUL.....                                     | 41         |
| <b>3 ENTRE LER E NARRAR: AS LEITORAS DO LEIA MULHERES EM CAXIAS DO SUL</b>                                      | <b>48</b>  |
| 3.1 AS TRAJETÓRIAS DE LEITURA DAS PARTICIPANTES DO LEIA MULHERES ...                                            | 49         |
| 3.1.1 Conceição.....                                                                                            | 50         |
| 3.1.2 Isabel.....                                                                                               | 54         |
| 3.1.3 Octavia.....                                                                                              | 56         |
| 3.1.4 Daniela .....                                                                                             | 60         |
| 3.1.5 Eliane .....                                                                                              | 62         |
| 3.1.6 Lygia .....                                                                                               | 64         |
| 3.1.7 Clarice.....                                                                                              | 66         |
| 3.1.8 Camila.....                                                                                               | 68         |
| 3.1.9 Elena .....                                                                                               | 69         |
| 3.1.10 Caminhos cruzados: um panorama das trajetórias das leitoras.....                                         | 71         |
| <b>4 DESATANDO OS NÓS: A LEITURA PARTILHADA E A COMPOSIÇÃO DE LAÇOS</b>                                         | <b>75</b>  |
| 4.1 A LEITURA PARTILHADA E O ENCONTRO COM O OUTRO.....                                                          | 76         |
| 4.2 RESSONÂNCIAS: O ENTRELAÇAR DE FRAGMENTOS DE SENTIDO.....                                                    | 80         |
| 4.3 DISSONÂNCIAS OU QUANDO A VOZ DO OUTRO NÃO REPERCUTE .....                                                   | 87         |
| 4.4 “EU VENHO NO LEIA E NÃO FALO NADA”, QUANDO O SILÊNCIO TAMBÉM SIGNIFICA .....                                | 92         |
| <b>5 CONCLUIR? FINALIZANDO UM PERCURSO E DESCORTINANDO HORIZONTES</b>                                           | <b>97</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                              | <b>102</b> |
| <b>APÊNDICE A – SÍNTESE DO ESTADO DA ARTE COM OS DESCRITORES “LEITURA COMPARTILHADA” E “LEITURA PARTILHADA”</b> | <b>106</b> |
| <b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>                                                                       | <b>110</b> |
| <b>APÊNDICE C – LIVROS LIDOS NO LEIA MULHERES EM CAXIAS DO SUL</b>                                              | <b>112</b> |
| <b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>                                                     | <b>115</b> |

## 1 QUEM FAZ, COMO E POR QUE FAZER UMA PESQUISA SOBRE O LEIA MULHERES?

Entre livros e outros textos lidos, escrevo a história desta pesquisa, que tem tanto de mim. Instigada pela multiplicidade de saberes e encantada pelo universo ficcional, a partir das linhas que li, ao longo de minha breve existência, fui compondo minha trajetória. Entregar o que recolhi, esses “fiapos de saber” dos quais fala Michèle Petit (2019, p. 20)<sup>1</sup>, é um modo de retribuir um pouco do que recebi de pessoas que tiveram a generosidade de partilhar comigo suas leituras, suas vidas. Neste capítulo, conto um pouco sobre a minha trajetória como leitora e pesquisadora e apresento os pontos principais de minha pesquisa.

### 1.1 O COMEÇO: EU LEITORA

As histórias marcaram presença na minha vida mesmo antes de eu ser capaz de ler livros sozinha. Eu passava as manhãs com minha avó que, apesar do pouco estudo, contava repetidas vezes a história da Chapeuzinho Vermelho. Lembro-me, com carinho, de quando ela perguntava “o que tem na cesta da Chapeuzinho para ela levar para a avó?”, e, então, era minha vez de assumir a palavra e enumerar todas as delícias culinárias que podia imaginar naquela época. Nesses momentos, eu exercia, junto com minha avó, a coautoria do texto! Também, era nessas manhãs que a vizinha Tere, de alguns andares acima do apartamento de minha avó, chamava-me para o pátio, de onde eu conseguia vê-la, e, lá do alto, ela jogava uma sacola plástica com livros e revistas para colorir, objetos que eu herdava dos filhos dela já crescidos.

Ainda na infância – nasci em 1996 –, os livros impressos estiveram presentes em razão de meu avô. É a imagem dele que surge em minha mente quando penso no primeiro leitor que conheci. Em um quartinho do apartamento, ele fez uma espécie de escritório, cheio de livros e cadernos nos quais ele escrevia com uma letra bonita e ilegível para mim, mesmo depois de alfabetizada. Católico fervoroso, suas leituras eram essencialmente religiosas. Ao refletir sobre minha relação com a leitura, não posso deixar de imaginar como deve ter sido para ele perder a visão, devido à diabetes e ao glaucoma. Entretanto, assim mesmo, permaneceu leitor, passou a ouvir livros.

---

<sup>1</sup> “Eu lhe entrego fiapos de saber e ficções para que você seja capaz de simbolizar a ausência e enfrentar, tanto quanto possível, as grandes questões humanas, os mistérios da vida e da morte, da diferença entre os sexos, o medo do abandono, do desconhecido, o amor, a rivalidade. Para que escreva sua própria história entre as linhas lidas” (Petit, 2019, p. 20).

Na adolescência, os livros firmaram-se como uma companhia constante e íntima. Eles deram nome às coisas, àquelas que eu não conhecia e àquelas que eu sentia, mas não entendia. Senti e vivi a tal humanização promovida pela literatura de que fala Antonio Candido (2011). Foi nessa fase, repleta de incompreensão, que eu precisei lidar com medíocres notas em Português. Não sabia o que fazer, uma vez que eu estudava e não tinha bons resultados. A melhora veio quando eu não estava pensando em melhorar. Assisti ao filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix* no cinema e ganhei o primeiro livro da série, no Natal, um presente da minha mãe, e o restante, como doação de uma conhecida. Apaixonada pela série, enquanto sonhava com a chegada da minha carta de *Hogwarts* (na época ainda era tempo, eu tinha 11 anos), a mágica que eu vi acontecer foi a primeira prova de Português gabaritada.

Depois disso, as coisas mudaram: nunca mais deixei de ler e de ficar acima da média em Português, que só perdeu o posto de melhor disciplina, porque, felizmente, no Ensino Médio existiam aulas de Literatura, momento em que mais um horizonte foi descortinado. A razão foi a minha professora, prof. Olga Neri de Campos Lima, que conheci, no terceiro ano, quando consegui uma bolsa em uma escola particular. Durante as aulas, ela lia para a turma; recitava Mário Quintana; exibiu o documentário *Lixo extraordinário*, sobre o trabalho do artista plástico brasileiro Vik Muniz; pediu que lêssemos *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Foi aí que o encanto se concretizou. E quando eu contei que pensava cursar Medicina, ela disse “não sei se te vejo médica, mas se for o que tu queres, faça”. Ela nunca fez essa sugestão, mas foi em segundo lugar no vestibular da Licenciatura em Letras Português que acabei classificada, para o desespero da minha tia médica, e a minha alegria. De todo modo, não sei se eu saberia ser médica, mas leitora tenho convicção que sei, pois sou há muito tempo.

Nos cinco anos de graduação, com bolsa integral do Programa Universidade para Todos (Prouni), soube que não poderia ter estudado outra coisa, apesar dos desafios e da frustração diante da realidade tão difícil da educação brasileira. No Ensino Superior, descobri a pesquisa científica, que eu nem desconfiava ser possível para além de jalecos, microscópios e laboratórios. Desde o segundo semestre de graduação até quase o último, atuei na iniciação científica, sendo orientada pelo Prof. Dr. João Cláudio Arendt. Com isso, pude vivenciar o cotidiano da pesquisa acadêmica, a partir da busca por materiais de investigação, do conhecimento sobre metodologias, da elaboração de textos e de apresentações de trabalhos.

À vista disso, não posso deixar de destacar a importância de políticas afirmativas para o acesso de estudantes de escolas públicas ou bolsistas em escolas particulares, não brancos ou com baixa renda às instituições universitárias. Foi em razão do Prouni que me tornei licenciada em Letras sem precisar trabalhar formalmente para pagar o curso e que foi possível me dedicar-

à pesquisa científica. Se não fosse isso, o caminho da pós-graduação, com a obtenção do título de mestre, certamente seria mais difícil.

Assim como as demais motivações de meu percurso acadêmico, meu objeto de pesquisa está associado à minha trajetória. Comecei a nutrir interesse pela leitura partilhada quando soube do projeto de leitura *Leia Mulheres*, criado pelas brasileiras Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques em São Paulo. Com a chegada do projeto em Caxias do Sul/RS, cidade onde resido, passei a participar dos encontros, estando presente desde o primeiro, em julho de 2017. E, desde setembro desse ano até 2025, quando escrevo esta dissertação, sou a mediadora do grupo.

A Figura 1 registra um momento da minha atuação como mediadora e como leitora. São minhas mãos e meus objetos que estão em foco; ao fundo, parte das leitoras do grupo. A imagem revela a materialidade envolvida na ação de mediar: livro, papel, caneta, lápis, mãos. E sugere o que não aparece: voz, escuta, silêncio. A partir disso, minhas leituras foram ampliadas, e, mais que isso, passei a me questionar sobre as especificidades dessa prática em conjunto.

Figura 1 – Artefatos para mediar



Fonte: imagem cedida por Juliana De Conto Mandelli.

Por isso, não pude encontrar outro objeto de pesquisa que não o *Leia Mulheres em Caxias do Sul*, para desenvolver meu estudo no Curso de Mestrado em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Busco, dessa forma, contribuir para a promoção da leitura em espaços não formais de aprendizagem e as discussões sobre a igualdade de gênero a partir da literatura, observando o contato com o livro literário e as reverberações do encontro de leitoras e leitores entre si.

## 1.2 A PESQUISA E SUA RELEVÂNCIA

Como um objeto histórico constituído nas práticas cotidianas, a leitura é atravessada por diversos fatores, conforme afirma Bortolanza (2014), dentre eles, o gênero. Atualmente, as leitoras, no Brasil, correspondem à maioria, representando 49% de quem lê, de acordo com a 6ª edição de Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro (2024). É nesse cenário que o *Leia Mulheres*, como projeto literário que visa à promoção da leitura de obras de autoras, insere-se, buscando realizar a expansão e a manutenção do espaço conquistado pelas mulheres no universo literário.

Além disso, o *Leia Mulheres* possibilita um espaço de diálogo e de estabelecimento de vínculos, bem como permite explorar o livro como obra de arte, realizando-se uma *experiência estética e artística* com esse objeto. Por essa razão, escolhi investigar como são realizadas as leituras e quais relações se estabelecem entre os livros e quem lê e entre leitoras e leitores entre si, tendo vista a ampliação do acesso às obras literárias, o aprofundamento da leitura como experiência e a reflexão sobre questões relacionadas a gênero.

Há pesquisas que se aproximam do presente estudo. Em outubro de 2023, realizei uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para verificar a existência de pesquisas sobre o *Leia Mulheres*. Ao utilizar esse descritor, localizei seis estudos, sendo cinco dissertações e uma tese, os quais foram realizados em programas de pós-graduação nas áreas de comunicação, língua e cultura, crítica cultural, letras e literatura. Neles, há predominância de palavras-chave como “*Leia Mulheres*” ou “*clube de leitura*” e “*leitura*”. Com frequência, também aparece o termo “*feminismo*” ou outra palavra vinculada à discussão de gênero, como “*autoria feminina*”, além de expressões como “*mediação*”, “*representação*”, “*identidades*”, “*internet*” e “*sistema literário*”. No quadro a seguir, organizei uma síntese dos trabalhos encontrados.

Quadro 1 – Síntese do estado da arte com o descritor “Leia Mulheres”

| Ano  | Título                                                                                                                              | Autoria                         | Palavras-chaves                                                                                                          |
|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2022 | “Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar”: leituras compartilhadas pela internet nos clubes Leia Mulheres                    | Jean Silveira Rossi             | Usos sociais das mídias. Práticas de leitura. Etnografia digital. Clubes de leitura. Leia Mulheres.                      |
| 2022 | Mulheres lendo mulheres: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura Leia Mulheres – Salvador | Milena Farias de Sousa          | Linguística Aplicada. Análise de Discurso Crítica. Clube de Leitura. Identidades. Representação. Gênero. Feminismos.     |
| 2021 | Leia Mulheres - Salvador: uma comunidade de (des)formação                                                                           | Jeniffer Geraldine Pinho Santos | Leia Mulheres. Leitura. Feminismo.                                                                                       |
| 2019 | Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres             | Gabriela Barbosa Pacheco        | Leia Mulheres. Mediação. Leitura. Reconhecimento. Feminismo.                                                             |
| 2019 | #leiamulheres: campo literário e ciberespaço                                                                                        | Raysa Ferreira Soares           | Literatura brasileira contemporânea. Autoria feminina. Campo literário. Internet. Leia Mulheres.                         |
| 2019 | ‘Literatura feminina’ do <i>wattpad</i> e o projeto ‘Leia Mulheres’: repertórios em discussão no sistema literário brasileiro       | Michelle Claudino Pires         | Sistema literário brasileiro. Repertório literário. <i>Wattpad</i> . Projeto Leia Mulheres. Crítica Literária Feminista. |

Fonte: elaborado por mim.

Conforme o Quadro 1, no ano de 2022, foi defendida a dissertação “*Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar*”: leituras compartilhadas pela internet nos clubes *Leia Mulheres*, de Jean Silveira Rossi. O pesquisador investigou as mutações em aspectos culturais e comunicacionais em encontros *on-line* de cinco grupos do projeto *Leia Mulheres*, entre eles, o que ocorre em Caxias do Sul. Do mesmo ano, a tese de Denise Maria Oliveira Zoghbi, intitulada *Mulheres lendo mulheres: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura Leia Mulheres – Salvador*, analisou a avaliação das moderadoras do grupo sobre as repercussões das leituras e dos debates em suas próprias identidades e representações, utilizando para tanto a Análise do Discurso e a Linguística Aplicada.

*Leia Mulheres – Salvador: uma comunidade de (des)formação*, dissertação defendida em 2021 por Jeniffer Geraldine Pinho Santos, abordou a formação social, política e pessoal promovida pelo projeto às participantes do grupo de leitura na capital baiana. Já na dissertação

*#leiamulheres: campo literário e ciberespaço*, de Raysa Ferreira Soares, apresentada em 2019, foi discutida a relação que se estabelece entre o campo literário e a internet com base no Leia Mulheres. Michelle Claudino Pires, autora da dissertação *“Literatura feminina” do Wattpad e o projeto “Leia Mulheres”: repertórios em discussão no sistema literário brasileiro*, de 2019, analisou as indicações de obras literárias trazidas à cena pelo Leia Mulheres, visando a uma investigação sobre o sistema literário brasileiro.

Na dissertação *Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres*, de Gabriela Barbosa Pacheco, foram estudadas as mediações presentes no clube de leitura Leia Mulheres em Belo Horizonte, em sua atuação na internet e *offline*, compreendendo o grupo como um espaço de resistência na medida que discute obras deixadas de fora do cânone literário.

Poucas pesquisas foram identificadas no universo acadêmico referentes ao Leia Mulheres. Portanto, vejo uma oportunidade de investigação sobre o grupo de leitura, especialmente, a partir da concepção de ler com outras e outros e das possíveis especificidades dessa experiência literária. Além disso, no que se refere ao registro de histórias de leitura e mediação, meu estudo apresenta originalidade.

Ainda, procurei, no já citado catálogo, dissertações e teses relacionadas aos descritores “leitura partilhada” e “leitura compartilhada”. Localizei 44 estudos que contemplavam esses termos, em seus títulos ou em suas palavras-chave, nas áreas do conhecimento de Linguística, Letras e Artes; Ciências Humanas; e Ciências Sociais Aplicadas. Após ler os resumos, constatei que a maior parte das pesquisas se referia à Educação Básica, com um direcionamento para o ensino, a aprendizagem e a formação de leitores em espaços escolares, havendo algumas que discutiam a utilização de aparelhos tecnológicos, redes sociais e mídias digitais relacionadas à leitura.

Como delimitação, para esta pesquisa, restrinjo-me a apresentar resumidamente os estudos que transcendem a interação entre leitor e texto e tratem também da interação entre leitor e leitor, bem como abordem o contexto não escolar. No Apêndice A, consta, na íntegra, a síntese do estado da arte com os descritores “leitura compartilhada” e “leitura partilhada”, e, no Quadro 2 a seguir, apresento os estudos segundo o recorte estipulado.

Quadro 2 – Síntese do estado da arte com os descritores “leitura partilhada” e “leitura compartilhada”

| Ano  | Título                    | Autoria         | Palavras-chaves                    |
|------|---------------------------|-----------------|------------------------------------|
| 2016 | “Entendores, entenderão!” | Tatiana de Laai | Antropologia. Identidade. Consumo. |

|      |                                                                                                                           |                                   |                                                                                                                                     |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      | podcasts, fanfictions e fansites: leituras e escritas compartilhadas                                                      |                                   | Cibercultura. Fã. Fandom.                                                                                                           |
| 2019 | Caminhos da literatura na internet: o <i>booktube</i> e a partilha de experiências de leitura                             | Ana Carolina Barbosa Carpintéro   | Booktube. Práticas de leitura na internet. Cultura participativa. Convergência. Crítica literária contemporânea.                    |
| 2019 | Do igual, o igual, conversas desarmadas: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em clubes de leitura | Mara Aline de Campos dos Santos   | Clubes de leitura. Coletivos de leitura. Efeito estético. Experiência estética literária. Leitura compartilhada. Leitura dialógica. |
| 2022 | Quarenteners: leituras partilhadas durante a pandemia da Covid-19                                                         | Ana Paula Gomes Rosa              | Leitura literária. Comunidades de leitores. Pandemia.                                                                               |
| 2022 | A voz e a palavra viva na leitura em voz alta compartilhada, notas d'um leitor                                            | Augusto Stevanin                  | Leitura Literária. Voz alta. Som. Sentido. Experiência.                                                                             |
| 2023 | O leitorbiblioteca: leitura, recepção e a transformação do leitor em livro literário                                      | Lucianno Di Mendonça              | Leitor. Leitura. Poética do compartilhamento. <i>Fahrenheit 451</i> . Borges. Leitorbiblioteca.                                     |
| 2023 | Muito além da dancinha: as apropriações do <i>Tiktok</i> para o compartilhamento da leitura                               | Marina Judiele dos Santos Freitas | Booktoker. Tiktok. Comunidades. Leitura Compartilhada.                                                                              |
| 2023 | A recepção de livros de autoria de mulheres negras: representação e reconhecimento em leituras compartilhadas             | Adriana Aires da Silva            | Clubes de Leitura. Mulheres Negras. Recepção.                                                                                       |

Fonte: elaborado por mim.

De acordo com o Quadro 2, no ano de 2016, Tatiana de Laai defendeu a tese “*Entendores, entenderão!*” *podcasts, fanfictions e fansites: leituras e escritas compartilhadas*. Sua discussão era acerca da constituição da condição de fã e de consumidor relacionada ao movimento identitário que ocorre em ambientes virtuais de compartilhamento de narrativas escritas por aqueles pertencentes à cultura de fandom: o coletivo de fãs, no caso, “nerds”, leitores de histórias em quadrinhos, de determinados artistas. Para tanto, a pesquisadora procurou, no contexto digital, dados qualitativos, adotando uma perspectiva etnográfica.

A dissertação de Ana Carolina Barbosa Carpintéro, defendida em 2019, é também sobre os internautas. Intitulada *Caminhos da literatura na internet: o booktube e a partilha de experiências de leitura*, a pesquisa teve como objeto de estudo o *booktube*, entendido como a comunidade digital composta por aqueles que produzem conteúdo para a internet e os

espectadores dos vídeos (Carpintéro, 2019, p. 14), e visou investigar o compartilhamento da experiência de leitura no *YouTube*. Para isso, a autora utilizou os conceitos de transmídia e de mediação de leitura, discutindo o assunto com base na cultura participativa, de nicho e de convergência.

Do mesmo ano é a dissertação de Mara Aline de Campos dos Santos, intitulada *Do igual, o igual, conversas desarmadas: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em clubes de leitura*. Nesse estudo, a pesquisadora analisou a experiência estética vinculada à leitura dialógica e seus efeitos nas subjetividades de participantes de três clubes de leitura diversos quanto às preferências literárias, em São Paulo e na região metropolitana.

Já em 2022, foi publicada a pesquisa *Quarenteners: leituras compartilhadas durante a pandemia da Covid-19*, de Ana Paula Gomes Rosa, que abordou a formação de comunidades leitoras virtuais no contexto pandêmico. O objetivo da investigação foi realizar o acompanhamento da ampliação das leituras compartilhadas na internet, a fim de examinar essas práticas. Nesse sentido, ressalto que a pandemia provocada pelo coronavírus produziu impactos nas práticas de leitura, conforme constatado por essa pesquisadora, mas também pelo estudo de Jean Silveira Rossi, já referido, em que a própria possibilidade de efetivação de sua pesquisa surgiu pela realização dos encontros on-line de grupos do Leia Mulheres, à época da crise sanitária.

Augusto Stevanin também defendeu sua dissertação, *A voz e a palavra viva na leitura em voz alta compartilhada, notas d'um leitor*, em 2022, detendo-se em encontros presenciais do grupo *Leitura em voz alta*. O autor sentiu-se instigado a experienciar e analisar a leitura literária realizada em voz alta, examinando as notas que elaborou em sua participação nos encontros desse grupo de leitores.

Do ano seguinte, é a dissertação *O leitorbiblioteca: leitura, recepção e a transformação do leitor em livro literário*, de Lucianno Di Mendonça, que propôs o conceito de leitorbiblioteca, o qual está relacionado à transformação do leitor literário em livro. O pesquisador visava à expansão dos domínios da teoria literária à poética do compartilhamento, a partir de sua compreensão de que o leitor é uma mídia a que outros leitores acessam.

No mesmo ano, Marina Judiele dos Santos Freitas apresentou a dissertação *Muito além da dancinha: as apropriações do Tiktok para o compartilhamento da leitura*, uma pesquisa netnográfica sobre a veiculação de conteúdos sobre literatura na rede social e a sociabilidade da leitura pela constituição da comunidade *booktoker*.

Também é de 2023 a dissertação *A recepção de livros de autoria de mulheres negras: representação e reconhecimento em leituras compartilhadas*, de Adriana Aires da Silva. Esse

estudo, realizado a partir de uma pesquisa empírica qualitativa, abrangeu a percepção de mediadoras e leitoras sobre obras de autoria negra em clubes de leitura, refletindo acerca da representação e do reconhecimento oportunizados por esses textos.

Dos resultados dessa busca, ressalto a dissertação de Mara Aline de Campos dos Santos, que se aproxima da temática desta pesquisa. Contudo, embora também se refira aos conceitos de experiência e leitura partilhada no âmbito de um clube de leitura, minha investigação volta-se à leitura partilhada associada a histórias de leitura, divergindo da análise realizada pela referida pesquisadora. Além disso, o presente estudo apresenta a especificidade do propósito do grupo Leia Mulheres, fomentar a leitura de obras de autoria de mulheres, bem como do recorte de gênero aplicado às participações nesta pesquisa.

Diante desse horizonte delineado por outros pesquisadores, pude dimensionar as aproximações e os distanciamentos que particularizam meu estudo. Com isso, cheguei ao seguinte problema de pesquisa: **De que modo a leitura partilhada afeta a experiência literária de participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul?** Esse questionamento levou-me ao meu objetivo geral, que consiste em **compreender a leitura partilhada, com base em narrativas de participantes do Leia Mulheres realizado em Caxias do Sul, visando a uma contribuição para as discussões a respeito da experiência de leitura literária**. Como desdobramentos deste, emergiram os objetivos específicos a seguir:

- a) registrar a história do Leia Mulheres em Caxias do Sul/RS;
- b) conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras e os possíveis atravessamentos do gênero em seus percursos; e
- c) caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo.

Saliento que, para a construção da pergunta que me orienta nesta investigação e de muitas noções e conceitos aqui presentes, contei com a contribuição do Grupo de Pesquisa Observatório de Leitura e Literatura (OLLI), coordenado pela Profª. Dra. Flávia Brocchetto Ramos, do qual faço parte. Em nossos encontros, dialogamos sobre a literatura como arte e sua relevância para a constituição humana, compartilhando compreensões e incompreensões sobre textos teóricos e literários que embasam as discussões. Nesse espaço, tive e tenho o amparo necessário para prosseguir em minha caminhada como pesquisadora, especialmente, em razão da presença das demais participantes, com quem divido dúvidas, livros literários e outras referências.

Dentre os textos que conheci a partir do OLLI, um dos mais marcantes foi *Aula*, de Roland Barthes (2013), que passou a orientar minhas noções sobre literatura. Além disso, com

Barthes, aprendi muito sobre o ato de ler. Com isso, refiro-me aos entendimentos e desentendimentos que surgem, dos saberes e das dúvidas e do ir e vir nas e entre as linhas, tudo isso que envolve ler, inclusive, a própria necessidade de releitura. Particularmente no que diz respeito à leitura literária, Barthes (2013, p. 19) explicitou o que, para mim, destaca-se nesse ato: o fato de que “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens”. Ainda, ele também elucidou o próprio fazer literário, que consiste em “trapacear com a língua, trapacear a língua” (Barthes, 2013, p. 17). Isto é, criar com a língua, subvertendo a imposição do dizer, o fascismo da língua, segundo o autor.

Outra contribuição do OLLI refere-se à possibilidade de acompanhar de perto os percursos investigativos de outras pesquisadoras e de conhecer suas produções. Nesse sentido, destaco duas teses de doutoramento de participantes do grupo que se aproximam da presente pesquisa. A primeira delas, intitulada *Círculo de leitura: experiências de leitura literária com jovens leitores*, é de autoria de Aline Dalpiaz Troian (2023) e seu objetivo geral consistia em “narrar as experiências de um projeto de círculo de leitura, que promovam reflexões de que maneiras as práticas de leitura literária podem impactar no processo de formação subjetiva, identitária dos alunos, a partir de uma abordagem de educação crítica e humanizadora” (Troian, 2023, p. 25). Assim como nesta pesquisa, a investigação de Troian tem como objeto de estudo um projeto de leitura baseado no compartilhamento de experiências, estando, portanto, alinhada à promoção da literatura. Porém, a pesquisadora busca articular esses aspectos à educação e, para tanto, constrói seus dados com a participação de discentes, distanciando-se, desse modo, da presente análise.

O segundo estudo, intitulado *Tornar-se leitora: percursos de professoras*, é de Diana Lusa (2024), que volta seu olhar para os percursos de leitura de professoras do município de São Domingos do Sul/RS, em uma perspectiva da formação leitora relacionada à mediação cultural, realizando, para tanto, a construção de dados a partir de entrevistas com docentes aposentadas ou ainda atuantes. Lusa (2024) trouxe especiais contribuições para o desenvolvimento de meu estudo, tendo em vista a sua abordagem da leitura pelo viés do gênero.

Com base nessa noção, a pesquisadora observou uma relação entre “tornar-se mulher”, em referência à famosa frase de abertura – “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2019, p. 11) – do segundo volume da obra *O segundo sexo*, da filósofa Simone de Beauvoir, e “tornar-se leitora”. Se o gênero, como “construção social” ou “construção social biologizada” (Gebara, 2000, p. 111), interpõe-se nas formas de ser e estar no mundo dos indivíduos, afeta também o ato de ler. Para ampliar sua compreensão sobre essa influência, a

pesquisadora contempla também a perspectiva interseccional, a qual está relacionada ao entendimento de que “as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente” (Collins; Bilge, 2021, p. 15-16). Tais questões são centrais na investigação de Lusa (2024) – evidência disso é o próprio título da tese –, de modo que ser mulher e ser leitora são partes constitutivas das identidades das participantes de sua pesquisa.

Devido ao compartilhamento de alguns conceitos e de algumas concepções, o estudo de Lusa (2024) possibilitou-me aprofundar algumas compreensões. Embora nossos estudos distanciem-se, uma vez que a tese principal de Lusa (2024) era a de que “a escola é o local privilegiado de encontro com a leitura em São Domingos do Sul – RS” (Lusa, 2024, p. 18), suas palavras e seu olhar auxiliaram-me em meus passos. Contar com a companhia dessas escritas e das participantes do Observatório foi fundamental para minha caminhada acadêmica e, acrescento, pessoal.

### 1.3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, apresento o caminho metodológico que percorri para a constituição desta dissertação, que é de base qualitativa, possibilitando “representar as opiniões e perspectivas das pessoas” e “abrange as condições contextuais em que as pessoas vivem” (Yin, 2016, p. 7). É, portanto, a abordagem mais adequada para o desenvolvimento da investigação, devido ao seu enfoque no sujeito e no modo que ele se relaciona consigo mesmo e com o mundo, envolvendo suas crenças, seus comportamentos, seus valores e seus desejos. Para elaborar a empiria, validei de entrevistas individuais com leitoras como instrumento de investigação. O material constituído pelos relatos das interlocutoras foi analisado por meio da retomada dos objetivos da investigação, ao associar e comparar estes às manifestações registradas, de modo a responder ao problema de pesquisa. A seguir, descrevo a forma com a qual efetuei a análise, a fim de possibilitar a compreensão sobre o tratamento destinado ao material gerado a partir da interlocução com as leitoras.

A empiria foi elaborada com um grupo de nove leitoras participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul. As interlocutoras foram escolhidas com base na frequência de sua participação, sendo o critério para a seleção a presença em, ao menos, seis encontros no período de julho de 2023 a julho de 2024. Para verificar os comparecimentos, avaliei as fotografias que constam no perfil do grupo no *Instagram*, as quais são feitas ao fim de cada encontro mensal, e identifiquei as presentes. Dessa forma, foi possível primar pela diversidade do grupo

entrevistado, com mulheres de diferentes idades, profissões e vivências, além de elas apresentarem distintos tempos de participação no Leia Mulheres.

Após a identificação, apresentei o convite às nove selecionadas para me auxiliarem na construção da empiria, que se deu por meio da realização de entrevistas individuais, de aproximadamente 60 minutos, gravadas em áudio e depois transcritas. As entrevistas foram de natureza qualitativa, conforme Yin (2016), isto é, realizaram-se de modo conversacional, com perguntas abertas e sem um roteiro rígido. Por essa razão, optei por entrevistas semiestruturadas, dispondo de “um esquema básico, porém não totalmente rígido” (Lüdke; André, 1986, p. 34).

De acordo com Manzini (2003, p. 13), essa ferramenta de investigação busca “garantir, por meio das perguntas a serem feitas na entrevista, a abrangência total dos conceitos a serem estudados”. No Apêndice B, consta o roteiro em um quadro, com colunas correspondentes às perguntas, à temática e ao objetivo.

Manzini (2003) destaca a importância de criar perguntas simples e diretas, evitando termos que indiquem a elaboração de conceitos e a intelectualização, como “descreva” e “defina”. Também, aponta como prejudicial fazer uma única pergunta para abranger um conceito complexo. Por isso, formulei diferentes perguntas para dar conta de leitura partilhada<sup>2</sup>.

Quanto à adaptação da linguagem do roteiro, não houve dificuldade, devido ao conhecimento prévio que tinha das participantes por ser a mediadora do Leia Mulheres em Caxias do Sul. Ressalto que Manzini (2003) considera a intimidade como um fator importante para a adequação da linguagem para a compreensão das perguntas por parte dos participantes. Por esse motivo, vejo como positiva minha proximidade com as entrevistadas.

O autor salienta que a primeira pergunta deve criar um contexto que deixe o entrevistado à vontade para responder. Logo, não deve ser uma pergunta de difícil elaboração mental. Assim, escolhi começar por um questionamento sobre uma memória pessoal de leitura, gerando familiaridade, para depois passar às questões mais elaboradas relacionadas aos conceitos da pesquisa.

Para verificar se o roteiro está apropriado, o autor indica dois caminhos: “apreciação por juízes externos” e “entrevista piloto” (Manzini, 2003, p. 20). Meu roteiro (Apêndice B) foi avaliado pelas colegas de grupo de pesquisa, por minha orientadora e por uma estudante de Letras, o que configura a apreciação por juízes externos. Realizei também uma entrevista piloto, a fim de verificar a compreensão dos questionamentos.

---

<sup>2</sup> Destaco com o sublinhado determinadas palavras e expressões que são conceitos ou noções relevantes para esta pesquisa.

Por se tratar de um estudo empírico, o projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Caxias do Sul (CEP UCS), conforme Parecer Consubstanciado nº 6.856.168. A seguir, apresentei um convite às leitoras selecionadas, não sendo, portanto, obrigatória a participação e, também, com a possibilidade de desistência, a qualquer tempo, da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Essas informações constaram no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – disponível no Anexo A –, assinado por cada participante antes da entrevista.

Com a realização das entrevistas e de posse das transcrições, retomei os objetivos específicos desta pesquisa, sendo o primeiro deles – **(a) registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul – RS** – contemplado a partir de minha vivência como mediadora do grupo e dos registros que possuo em fotografias, cadernos de anotações e postagens em redes sociais.

Para responder ao meu objetivo específico **(b) conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras**, reli o que foi transcrito e impresso, destacando os trechos em que as entrevistadas relatavam seus percursos de leitura. O roteiro, apesar de não ser seguido ordenada e rigidamente, elucidou quais partes deveriam ser abordadas, para compor as narrativas sobre os percursos de leitura das entrevistadas.

O objetivo específico **(c) caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo** foi atendido ao voltar, mais uma vez, meu olhar para o quadro com o roteiro, disponível no Apêndice B. Com ele, avaliei as perguntas conectadas ao referido objetivo e verifiquei que as seguintes se relacionavam especialmente à proposição:

Quadro 3 – Perguntas do roteiro de entrevista relacionadas à caracterização da leitura partilhada

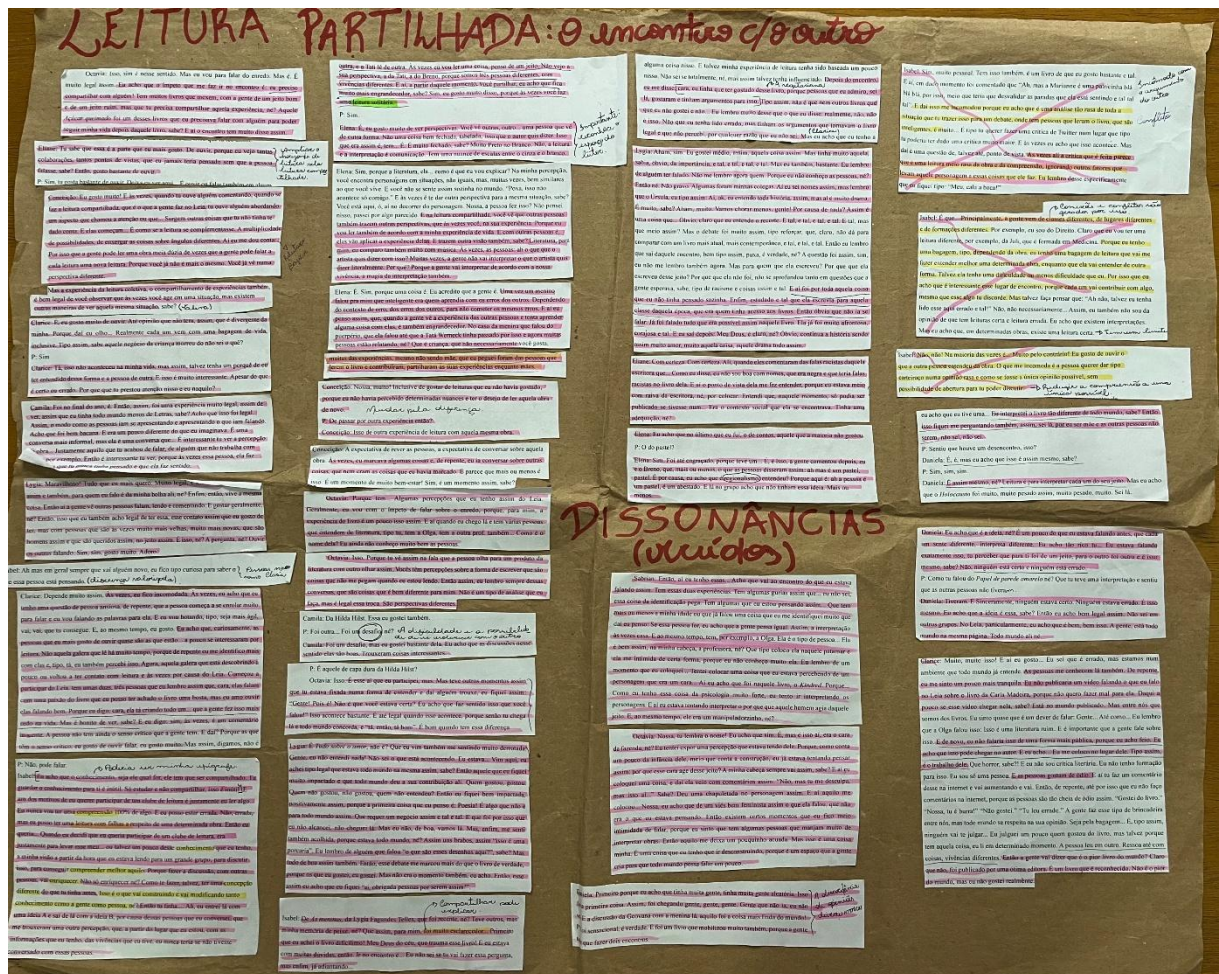
- |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>8. Que sentimentos e sensações surgiram a partir de livros lidos no projeto? E durante as discussões?</p> <p>9. Como é falar para outras pessoas o que você pensou e sentiu sobre um livro?</p> <p>10. Como é ouvir outra pessoa falando sobre um livro que você também leu?</p> <p>11. Ouvir e falar, em um encontro do Leia, já modificou a sua percepção sobre um livro?</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: elaborado por mim.

Depois, reli novamente as transcrições e analisei as respostas, mantendo em meu horizonte as referidas questões já destacadas. Dessa maneira, pude verificar as falas que contribuíam para a caracterização da leitura partilhada, as quais foram destacadas com caneta marca-texto. Recortei as partes elegidas e, ao ler os fragmentos, comparei o que se assemelhava

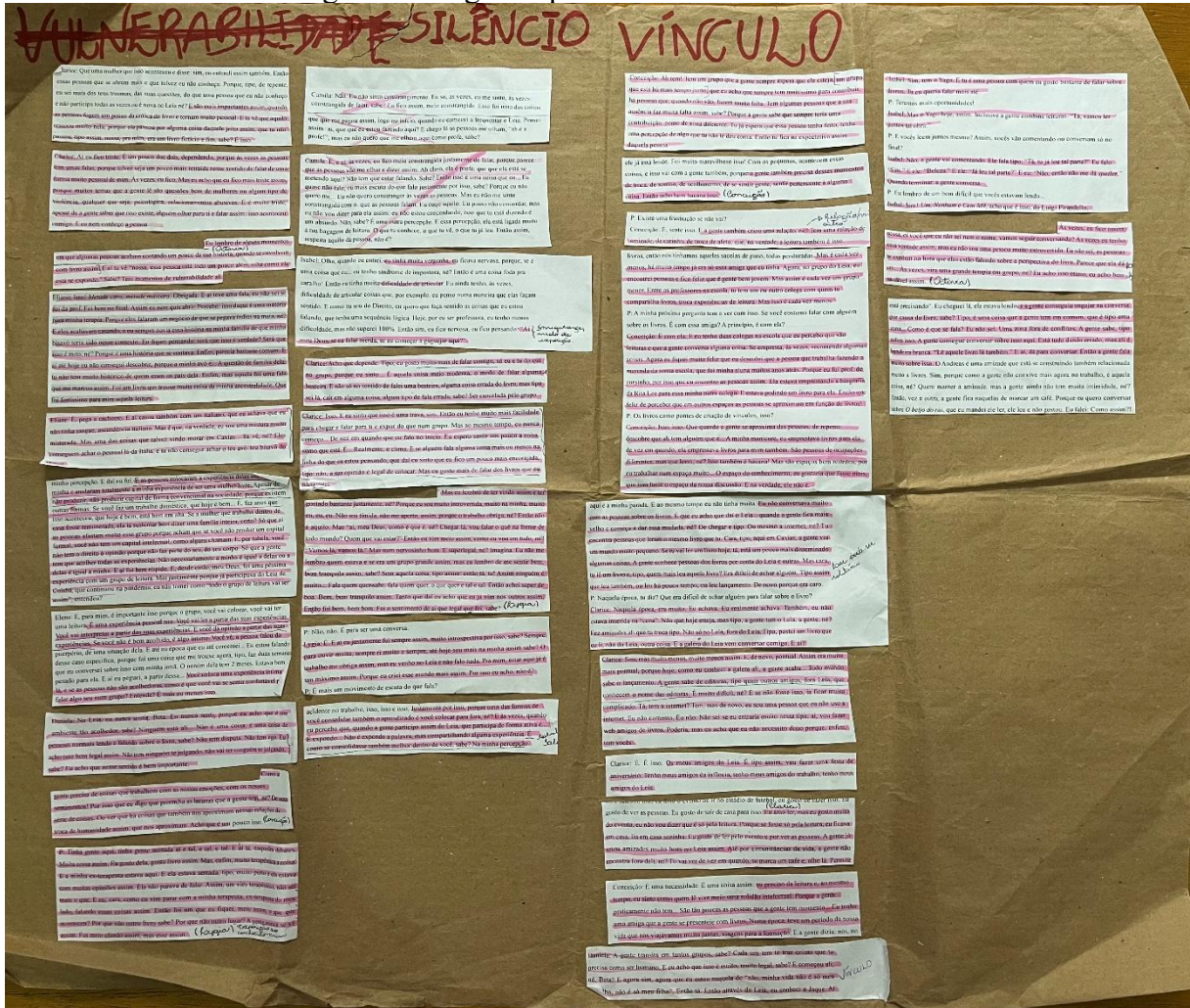
e se diferenciava nas manifestações das leitoras, ocasião em que emergiram os aspectos que caracterizam a leitura partilhada. Para melhor visualizar e associar os fragmentos, construí manualmente um mural, escrevi nele os tópicos sobre os quais viria a tratar – leitura partilhada, o encontro com o outro, ressonâncias, dissonâncias e silêncios – e, abaixo de cada um deles, coleí os excertos correspondentes. A seguir, apresento fotografias do material elaborado.

Figura 2 – Primeira parte da estrutura da análise



Fonte: elaborado por mim.

Figura 3 – Segunda parte da estrutura da análise



Fonte: elaborado por mim.

As Figuras 2 e 3 demonstram o processo de análise, que, sem a dimensão material, ficaria ainda mais desafiador. Esta foi a maneira que encontrei de solidificá-lo, a fim de realizá-lo com atenção e precisão. Ao observar as duas partes do mural, é possível entrever, pelas dobras, vincos, riscões, rasuras e redesignações, que o desenvolvimento contemplou idas e vindas, com reflexões recorrentes do início ao fim e outras alteradas e/ou descartadas.

Diante dessa estrutura, muitas vezes, detive-me para descrever e relacionar as dimensões da leitura partilhada, bem como para desdobrar as reverberações do Leia Mulheres, com o intuito de efetuar a escrita desta dissertação. Para escrevê-la, deixei de fora muitos elementos – inclusive, alguns selecionados em um primeiro momento –, que não couberam no recorte estabelecido.

Ainda, ressalto que outro/a pesquisador/a analisaria os mesmos dados de outra forma. Entretanto, eu, pesquisadora, estou vinculada ao objeto de pesquisa, de modo que a construção do saber do presente estudo se associa ao “saber da experiência”, “que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (Larrosa, 2015, p. 32). É assim que minha condição como mediadora afeta minha condição como pesquisadora indissociavelmente.

Nesse sentido, Larrosa (2015, p. 32), sobre o saber da experiência, afirma:

Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo).

Por isso, embora seja a elaboração de um conhecimento científico, esta dissertação foi escrita a partir de minha “forma humana singular de estar no mundo” (Larrosa, 2015, p. 32), conforme a ética e a estética que adoto, não sendo, pois, “de fora”, externa a mim.

Nessa mesma direção, Larrosa (2015, p. 33) diz: “A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência”. Também, percebe que, assim, ela é transformada em “elemento do *método*, isto é, do caminho seguro da ciência” (Larrosa, 2015, p. 33, grifo do autor). Quando convertida em experimento, a experiência se torna o meio para conhecer a verdade sobre as coisas. Contudo, dessa forma, “o conhecimento já não é *páthei máthos*, uma aprendizagem na prova e pela prova, com toda a incerteza que isso implica, mas um *mathema*, uma acumulação progressiva de verdades objetivas” (Larrosa, 2015, p. 33-34, grifos do autor).

Como Larrosa (2015) declara, essa situação é paradoxal. Visando ao afastamento dela, saliento que esta pesquisa é localizada e possui um ponto de vista. Ela está alicerçada nesse saber da experiência, “particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (Larrosa, 2015, p. 32), que amplio e aprofundo a partir das entrevistas e coloco em diálogo com Bajour (2012), Barthes (2004, 2013), Candido (2011), Lajolo e Zilberman (2019), Neitzel e Ramos (2022), entre outros/as, além do próprio Larrosa (2015). Desse modo, rejeitei o experimento “preditível e previsível” e optei pela experiência, a qual “tem sempre uma dimensão de incerteza” e “é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (Larrosa, 2015, p. 34), o que considero em conformidade com a prática de pesquisa.

Por uma questão de coerência na estruturação da dissertação, primeiro, busco responder ao meu objetivo específico **(a) registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul – RS**, o que faço já no segundo capítulo desta dissertação. Com isso, procuro relacioná-lo

à fundamentação teórica sobre gênero que o antecede, uma vez que o próprio projeto Leia Mulheres foi concebido a partir da crítica à desigualdade entre homens e mulheres no universo das letras.

Em seguida, atendo ao objetivo específico **(b) conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras**, apresentando as colaboradoras deste estudo. O terceiro capítulo é destinado à composição e discussão das narrativas dessas mulheres, sendo dedicada uma subseção para cada uma, em ordem cronológica de realização das entrevistas.

No quarto capítulo, trato do objetivo específico **(c) caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo**. Nele, apresento as características da leitura partilha, conforme emergiram a partir da análise, descrevendo-as e relacionando-as.

## 2 LEIO LIVROS, LEIO O MUNDO

Começo este capítulo partindo de seu título, que apresenta uma inversão quanto à afirmação de Paulo Freire (2008, p. 20), em “A importância do ato de ler”, de que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”. Não faço essa alteração por discordância, compartilho do entendimento de Freire (2008) sobre a leitura das palavras necessitar da leitura de mundo. No entanto, com esse gesto, procuro sinalizar que meu foco está na leitura daquelas, buscando identificar seus impactos sobre o modo com o qual, no caso, as leitoras do *Leia Mulheres em Caxias do Sul* leem o mundo. A razão para tal é que, conforme Freire (2008, p. 11), “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, e “leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, havendo, portanto, influências mútuas entre ambas as leituras.

Ao encontro dos argumentos de Freire (2008), destaco que, para o desenvolvimento deste estudo, compreendo a leitura como um direito dos cidadãos, em conformidade com Silvia Castrillón (2011), e a literatura como um bem incompressível, como defende Antonio Candido (2011). Quando “Não há homem que possa viver sem fabulação, sem invenção, sem a criação de histórias” (Ramos, 2015, p. 22), ler e narrar são indispensáveis para a formação humana, oportunizando a compreensão do mundo, a criticidade e a conscientização de sentimentos.

É à vista disso que Antonio Candido (2011) defende que a literatura está no âmbito dos direitos humanos, uma vez que assegurar a integridade física não é o suficiente para uma existência plena e digna, havendo a necessidade de se garantir a integridade espiritual. Para isso, a literatura colabora, por oportunizar a formação da personalidade, por ser capaz de ordenar a mente humana e as visões de mundo, bem como por possibilitar a vivência das questões presentes nas obras literárias de forma dialética.

É por sua dimensão estética, segundo o autor, que a literatura humaniza. Ela fomenta o exercício de reflexão ativa, a busca por conhecimento, a noção da complexidade da vida e das pessoas e a percepção de beleza. Além disso, a partir dela, realiza-se o aperfeiçoamento da capacidade criadora, e destaco a seguinte afirmação de Candido (2011, p. 184): “A eficácia humana é função da eficácia estética e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes”.

Porém, ressalto o fato de a leitura estar relacionada a interesses distintos. Nesse sentido, Castrillón (2011) entende que a leitura não é, em essência, boa ou má, mas é objeto de disputa, sendo um instrumento de poder, enquanto também é uma forma de ampliar os modos de ser e estar no mundo. Ao longo da história, contudo, ela vem sendo utilizada para a

segregação da sociedade, conforme a autora, primeiro, pela Igreja; após, pelos regimes aristocráticos e outros governos; e atualmente, pelos interesses econômicos de determinados grupos.

A seguinte observação de Regina Dalcastagnè (2021, p. 139) corrobora a perspectiva de Castrillón (2011):

É muito comum, ao se falar de literatura, pensar num campo de liberdade, lugar frequentado por qualquer um que tenha algo a expressar sobre o mundo e sua experiência nele. Das teorias que afirmam a literatura como um espaço aberto à diversidade às argumentações que a prescrevem como remédio para todas as mazelas sociais (da desinformação à ausência de cidadania), podemos acompanhar o processo de idealização de um meio expressivo que é tão contaminado ideologicamente quanto qualquer outro, pelo simples fato de ser construído, avaliado e legitimado em meio a disputas por reconhecimento e poder. Ao contrário do que apregoam os defensores da arte como algo acima e além de suas circunstâncias, o discurso literário não está livre das injunções de seu tempo e tampouco pode prescindir dele – o que não o faz pior nem melhor do que o resto.

Portanto, apesar de ser uma oportunidade para a humanização da qual fala Candido (2011), não se pode ignorar que a literatura é a criação de um sujeito que é atravessado por questões sociais e subjetivas, localizado em determinado contexto histórico, de modo que é afetado por ideologias e replicador delas. Além disso, quando em um sistema literário, o livro é validado ou não por diferentes esferas, as quais estão também “ideologicamente contaminadas”. O reconhecimento desses aspectos afasta idealizações e permite encarar as produções literárias com mais criticidade para ver nelas não apenas o que aparece, mas o que é apagado ou negado, uma vez que o “campo literário é um espaço excludente, constatação que não deve causar espanto, já que ele se insere num universo social que é também extremamente excludente” (Dalcastagnè, 2021, p. 140).

Diante disso, noto inequívoca a desigualdade social como um fator que afeta a prática da leitura. Como consequência, aquelas e aqueles que estão à margem sobremaneira sofrem com isso. Dentre esses, para este estudo, concentro-me, em particular, nas mulheres, tendo em vista a estratificação da sociedade baseada no gênero, na qual elas são inferiorizadas por sua condição. Assim, refletindo sobre a leitura em uma perspectiva histórica, não é possível pensá-la sem o atravessamento do gênero, ao que procuro me dedicar neste capítulo, além de sintetizar a história da leitura e de leitores/as.

## 2.1 A PRESENÇA DE MULHERES NA HISTÓRIA DA LEITURA

A figura do leitor e da leitora está relacionada à instituição da escrita como um código central em comunidades humanas. Lajolo e Zilberman (2019, p. 27, grifos das autoras) explicam que “só existe o *leitor*, enquanto papel de materialidade histórica, e a *leitura*, enquanto prática coletiva, em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista”. Isto porque os livros tornaram-se uma possibilidade de negócio para a obtenção de lucro, a partir do avanço tecnológico, no século XVIII, que ampliou as impressões de obras, sem o gerenciamento do Estado. Para que o empreendimento fosse de fato lucrativo, era necessário que houvesse clientes aptos ao consumo.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2019), a formação dessa clientela ocorreu por meio da obrigatoriedade do ensino e da definição de um padrão de família por parte da burguesia. Restrita ao âmbito privado e doméstico, uma vez que o domínio público veio a ser regido por interesses mercadológicos, a família moderna revelou-se uma oportunidade para o desenvolvimento da leitura como prática social. Também, a leitura serviu aos interesses religiosos, sendo incentivada especialmente por instituições protestantes, devido à sua potencialidade para a formação moral.

As autoras afirmam ainda que essa leitura se consolida em oposição à tradição narrativa, que se caracteriza por ser oral, comunitária, baseada em vivências e estabelecida no ambiente rural, passando a ser uma prática individual, privada e realizada a partir da escrita. Com essas mudanças, a leitura estabeleceu-se um entretenimento adequado ao modelo social vigente, substituído apenas após o surgimento de mídias mais eficientes na comunicação. Assim, “o leitor é personagem da modernidade” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 18) porque corresponde às necessidades de seu tempo.

Em relação a essa compreensão da figura do leitor atrelada à escrita, saliento que, nesta pesquisa, para análise dos dados a serem construídos, não me restrinjo a quem lê apenas no papel. Como apontam as referidas autoras, houve uma tendência da literatura, influenciada pelos fatores sociais por elas citados, ao registro escrito, contudo, alinho-me à Ramos (2010, p. 19) no sentido de que essa arte com as palavras contempla tanto textos escritos quanto orais. Nessa perspectiva, a autora observa que “além do livro de papel existe outro, talvez mais importante e que não estraga. É o livro-vivo, ou seja, é o adulto que conta boas histórias para as crianças, e conta sempre, todo dia, belas histórias, que contribuem para a construção da identidade do leitor” (Ramos, 2010, p. 100, grifo meu).

Esse entendimento é corroborado pelo argumento de que, se o fazer literário envolve fundamentalmente o jogo com as palavras, conforme Ramos (2010), ou a trapaça da/com a língua de Barthes (2013), a forma com que o texto é expresso, seja grafado seja oralizado, não impede a sua definição como arte. “A palavra artística propicia que o conhecimento seja construído simbolicamente, a partir das vivências de cada leitor, proporcionando-lhe uma experiência singular” (Ramos, 2010, p. 28). Com base nisso, compreendo que a condição de leitor se refere essencialmente à realização dessa “experiência singular”, abordada detalhadamente mais adiante.

Para além desses leitores reais, que, conforme Lajolo e Zilberman (2019), não são apenas sujeitos empíricos, consumidores que firmaram o negócio dos livros, há os de papel e tinta. Isto é, aqueles que, ao entrarem no espaço literário, foram transpostos para o texto, aparecendo nele direta ou indiretamente. No Brasil, esse leitor textualizado, segundo Lajolo e Zilberman (2019), surgiu, por volta de 1840, com o romantismo, momento em que houve os fatores necessários para a formação de uma comunidade leitora. Nessa constituição ainda incipiente, escritores e narradores tratavam tanto leitores empíricos quanto textuais, de forma paternalista, impossibilitando uma leitura mais autônoma, de modo que se conclui que “Leitor principiante, narrador permissivo e tolerante” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 30).

A partir dessa concepção, as autoras observam o surgimento de duas condutas adotadas por narradores em romances, que resultam na formulação de dois tipos de leitores. O primeiro é exemplar, a quem é atribuído alto valor e certa superioridade, no estilo “o cliente tem sempre razão” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 31), sendo tratado com condescendência, para que seja seduzido a prosseguir até o final da história. O segundo é malcomportado, oposto ao exemplar, à medida que não se identifica com o que é narrado e distancia o que é lido do que é vivido.

Ao analisar alguns textos de Machado de Assis, Lajolo e Zilberman (2019) constatam que seus narradores aspiravam a um leitor que não sucumbia ao imperativo romântico e não se envolvia em uma narrativa escapista. O escritor não visava, portanto, a uma Emma de Gustave Flaubert, em *Madame Bovary*, que não distinguia o que era narrado do que era real. Nesse sentido, exemplifico com Emma, tendo em vista a diferença que as autoras verificam no tratamento destinado pelo narrador de Machado de Assis, em “Pálida Elvira”, a leitores homens e leitoras mulheres. Para Lajolo e Zilberman (2019, p. 42-43), comparando o referido poema ao conto “Questão de vaidade”:

A leitora feminina, a quem se dirige o narrador, é capaz de entender Elvira. Mas, ao contrário do leitor “perspicaz e apto” de “Questão de vaidade”, que, junto com o narrador, analisa personagens e situações relatadas, a leitora de “Pálida Elvira” só

pode entender a protagonista por se identificar com ela, vivendo a situação de leitura pelo lado emocional.

Diante disso, há uma diferença marcada pelo gênero na noção de como são os leitores e as leitoras, visto que, em “Questão de vaidade”, o narrador se dirige a um homem e, em “Pálida Elvira”, a uma “leitora amiga”. Se ser um mau leitor é ser um leitor romântico (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 39), e se mulheres estariam mais predispostas à identificação com essas obras, conforme a própria Elvira do poema, seriam elas, por conseguinte, consideradas más leitoras. Embora Lajolo e Zilberman (2019) mencionem Estevão como leitor romântico, personagem de *A mão e a luva*, também de Machado de Assis, ou seja, uma representação masculina do que seria um mau leitor, a distinção no ato de ler relacionado ao gênero pode ser verificada nos seguintes versos de “Pálida Elvira”, citados pelas autoras, quando o narrador considera a leitura do texto por parte de um homem: “Se o meu leitor é já homem sisudo,/Fecha tranquilamente o meu romance,/que não serve a recreio nem a estudo” (Assis, 1959, p. 184 *apud* Lajolo; Zilberman, 2019, p. 46). Leitores homens são, pois, sisudos, sensatos, buscam o saber e não encontram diversão em romances românticos, enquanto as leitoras identificam-se emocionalmente com as obras. Essa é uma reflexão importante para este estudo, tendo em vista as contribuições das participantes da pesquisa: nove mulheres, com idades diversas, narradoras de suas trajetórias como leitoras.

Intencionando alcançar o leitor que não se identifica com a leitura, mas a realiza de modo a se conscientizar e divertir-se, Machado de Assis, em *Quincas Borba*, faz uma troca da identificação pela pedagogia, resultando no que Lajolo e Zilberman (2019) chamam de *leitor aprendiz*. Este, apesar de seu ponto de vista privilegiado dos acontecimentos do enredo, “depende sempre do gesto tutelar do narrador, já que o leitor, deixado a seu próprio critério, toma inevitavelmente o bonde errado; cabe àquele, pois, corrigi-lo, direcionando-o para a conclusão correta” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 53).

Segundo as autoras, é Graciliano Ramos quem estabelece uma relação de igualdade e parceria com o leitor, em *São Bernardo*. Na obra, Paulo Honório, o narrador, sabe que precisa dispor da solidariedade do leitor para ser compreendido, revelando-se na sua fragilidade. A parceria entre narrador e leitor, no romance, está associada ao contexto de modernidade, caracterizada pelo processo de fragmentação subjetiva, despertando a necessidade de relações igualitárias. Já como exemplo da estética contemporânea, a qual envolve a denúncia de desigualdades, Lajolo e Zilberman (2019) trazem *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, obra em que o narrador Rodrigo dirige-se ao leitor, comprometendo-o, desse modo, com a representação das injustiças sociais.

As autoras concluem que narrador e leitor reproduzem textualmente o caráter comunicativo da literatura. Apesar de o leitor de “carne e osso” não precisar corresponder ao leitor textual, observar a forma como o narrador trata-o permite verificar a sua percepção do destinatário: os narradores de Machado de Assis revelam que leitores precisam de tutoria ou devem ser seduzidos, enquanto Paulo Honório, de Graciliano Ramos, mostra sua frágil condição e conta com a solidariedade do leitor. Sem sedução ou tutela, mas *parceiro*, o leitor segue sujeito a novas aprendizagens, tendo em vista a constante criação de narradores.

Essa comunicação proporcionada pela literatura pode ser compreendida como um *jogo*, termo que já havia utilizado anteriormente para referir-me ao caráter literário dos textos. Trata-se da dimensão interativa leitor-texto presente no próprio ato de ler, segundo Ramos (2015), aspecto qualificador dos livros literários, sendo a qualidade dessa interação relacionada à abrangência das vivências dos leitores, à linguagem e à temática. O jogo, para Neitzel e Ramos (2022), é instituído, na leitura literária, pela relação entre livro e leitor, na qual se abre espaço para este criar um ponto de vista próprio e não se deter à mera compreensão, tornando-se também autor da obra. Com isso, o leitor realiza uma experiência literária, pois age sobre o texto, dialoga com ele e é também afetado por ele. A leitura seria, segundo as autoras, uma experiência estética e artística: estética, porque provoca emoções e sentidos; e artística, devido ao *status* de arte da literatura como produto cultural humano.

Larrosa (2015) traz contribuições para aprofundar a noção de experiência, ao discutir sobre o que ela é, descrever o sujeito da experiência e diferenciar o saber da experiência. O autor elucida que

A experiência é o que *nos* passa, o que *nos* acontece, o que *nos* toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Larrosa, 2015, p. 18, grifos meus).

Portanto, a experiência não é o ocorrido, o fato em si, mas a reverberação do acontecimento em quem o viveu. Trata-se do que fica, do que não é levado pelo tempo. Porém, compartilhando da percepção de Walter Benjamin, Larrosa (2015) observa que a sociedade está estruturada para que tudo seja passageiro, impedindo a realização da experiência. Por isso, o autor critica o destaque dado pelo contemporâneo à informação e à opinião, sintomas de um tempo que são agravados pela falta de tempo/velocidade e excesso de trabalho. Quando o “sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito”

(Larrosa, 2015, p. 22), sua capacidade de memória e de silêncio é comprometida, visto que os fatos são rapidamente substituídos, gerando excitação, mas não experiência.

Para fazer-se uma experiência, por conseguinte, é necessário afastar-se dessa lógica contemporânea da rapidez e da demasia, uma vez que ela impede que algo de fato aconteça ao sujeito. Assim, experiência literária é um modo de ruptura com essa dinâmica, na medida em que a experiência é um hiato e

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2015, p. 25).

Ao retomar a etimologia da palavra, com origem no termo latino *experiri*, cujo significado é “provar”, Larrosa (2015), de certa forma, alerta para o risco da experiência. Relacionando a expressão latina a outros idiomas, verifica que os significados envolvem “travessia”, “prova” e “perigo”. A partir disso, compara o sujeito da experiência ao pirata “que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade” (Larrosa, 2015, p. 26-27). Por isso, conclui que experienciar se aproxima da exploração – não se sentido de aproveitamento abusivo, mas de investigação, pesquisa –, enfrentando-se a incerteza e expondo-se a ameaças, pois não se sabe o que se vai encontrar.

Nessa direção, Larrosa (2015, p. 28) define o sujeito da experiência como “sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido”, opondo-o àquele que é “firme, forte, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade”. Diante dessa oposição, observo que a experiência requer a aceitação da própria fragilidade e a submissão ao que é experienciado. É a partir desse processo que o sujeito se forma e modifica, de modo que Larrosa (2015) constata que o indivíduo da experiência está disponível para ser transformado.

A noção de *experiência* associada à leitura também é esclarecida por Eliana Yunes (2014), que, baseando-se em Walter Benjamin, diferencia essa palavra de “vivência”:

A primeira implica em *connocere* (conhecer), isto é, passar a ser com o outro ou outra coisa, portanto tê-la de modo íntimo, no seu interior; a segunda pode resultar numa história que se sabe, um acontecimento que se acompanhou e que está na nossa memória, não necessariamente na nossa “carne” (Yunes, 2014, p. 134).

A leitora e o leitor são, assim, atravessados pela leitura de modo que têm uma experiência com a obra literária, a qual passa a constituir-las e constituir-los. Do ato de ler, em uma perspectiva da experiência, sobressai-se a transformação promovida pelo texto em quem o lê.

Em relação à definição de arte, Vincent Jouve (2012) salienta que se trata de um conceito aberto, não sendo, portanto, possível determiná-lo a partir de uma série de características necessárias e suficientes. Numa perspectiva histórica, a arte está associada ao sentimento do belo e a uma intenção estética, contudo, o autor, por meio da abordagem analítica, afirma que não há como designá-la de modo universal, o que existe é uma compreensão majoritária em determinado momento na história e em determinada cultura. Nesse sentido, reconhecendo um viés transcultural na prática artística, Jouve (2012) considera as obras de arte como “objetos não utilitários, que exprimem alguma coisa e aos quais é reconhecido um valor” (Jouve, 2012, p. 21).

Apesar da transculturalidade, o acesso a obras de arte pode estabelecer-se como um desafio, tanto pela dificuldade de contato quanto pela incompreensão quando diante delas. Desse modo, em atenção à afirmação de Ramos (2015, p. 22) de que “a necessidade de algo surge do conhecer esse algo”, considerando, nessa perspectiva, *connocere* no sentido empregado por Yunes (2014), é preciso criar as condições para que haja a experiência de leitura. Para tanto, a mediação é fundamental, oportunizando, mais que o acesso, a reflexão sobre os textos ao fazer perguntas.

De acordo com Eliana Yunes (2014), a mediação é um estar “entre”, sendo precisa a comparação que faz dos mediadores as pontes, uma vez que são eles que conectam os diferentes pontos do percurso de leitura: autor, obra e leitor. Ela descreve a função dos mediadores, dizendo que eles “se expõem em seu próprio fazer, deixando entrever o modo como opera sua construção de sentido na leitura” (Yunes, 2014, p. 133). Por isso, para a autora, quem realiza a mediação é essencialmente um leitor que auxilia outros leitores a lerem, sem determinar uma leitura correta e restringir interpretações.

Considerando as relações que se estabelecem entre as partes envolvidas na leitura – autor, leitor(es) e obra – e seu caráter dialógico, é preciso abrir espaço para que os sujeitos se manifestem sobre os textos que leem. Este é um aspecto essencial oportunizado pela leitura partilhada, tendo em vista que falar sobre o que lemos é uma forma de “objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para outros” (Bajour, 2012, p. 22). Para Cecilia Bajour (2012), conversar sobre os textos é fazer uma releitura, e, nesse processo, a escuta da leitura dos outros permite que esta entremeie-se à nossa. Ouvir, nesse caso, implica “intencionalidade,

consciência, atividade, não apenas um registro passivo e por vezes distraído dos sons do outro” (Bajour, 2012, p. 19).

A leitura partilhada se constitui na relação sujeito-objeto-sujeito. É a interação e a incompletude das pessoas que promove o seu desenvolvimento, como constata Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014). Haja vista essa necessidade do outro para lidar com as próprias faltas e para educar-se e estar no mundo, a leitura partilhada surge como elemento fundamental para abordar essas questões, ampliando os efeitos de leitura individual e solitária, discussão que aprofundo no quarto capítulo a partir das entrevistas das leitoras do Leia Mulheres em Caxias do Sul. Antes, porém, há a necessidade de elucidar os impactos do gênero no que se refere à leitura, discussão que realizo na seção seguinte.

## 2.2 LER: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

Tendo em vista a leitura como uma prática que emerge a partir de um contexto social apropriado, é possível depreender que fatores como identidades relacionam-se com o ato de ler. Nesse sentido, considero a abordagem do conceito de gênero necessária a esta pesquisa, uma vez que permite a reflexão e a discussão sobre os efeitos de papéis sociais imputados a indivíduos com base em seu sexo. Assim, o viés do gênero é uma das lentes pelas quais analiso e construo os dados do estudo. Por isso, nesta seção, procuro definir gênero e relacioná-lo à leitura, de modo a relatar a história das leitoras amplamente, para, depois, abordar as trajetórias das participantes desta investigação.

O início da história do conceito de gênero, segundo Jacqueline Teixeira (2020), pesquisadora e professora no Departamento de Sociologia da UnB, data de 1968, com o emprego do termo pelo médico e psicanalista, Robert Stoller, que desenvolveu uma noção de gênero diferente da noção de sexo ao tratar de padrões sexuais. Antes disso, Teixeira (2020) relata que a discussão estava limitada à definição de “mulher”.

Com a publicação de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, começaram a ser abordadas questões como patriarcado e dominação. Nesse período, desenvolveu-se a compreensão da separação entre sexo e gênero, em que o primeiro se refere a uma dimensão biológica e binária (feminino e masculino) e o segundo, a um modo de pensar a dimensão cultural.

Em seu ensaio “O tráfico de mulheres, notas sobre a economia política do sexo”, de 1975, Gayle Rubin, antropóloga e militante feminista, sinaliza a presença de um “sistema sexo-gênero”, definido como “os arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a

sexualidade biológica em produto da atividade humana” (Rubin, 1975 *apud* Moncau, 2018, p. 1), a partir de uma nova leitura das obras de Karl Marx, Claude Lévi-Strauss e Sigmund Freud.

Para Rubin, “o gênero é uma ‘divisão de sexos imposta socialmente’” (Moncau, 2018, p. 2), que afeta a organização sexual do trabalho, a qual “nada mais é do que um dispositivo para instituir um estado recíproco de dependência entre os sexos”, conclusão a que chega com base em suas análises sobre Lévi-Strauss. A autora associa isso à teoria psicanalítica, observando que, desde a infância, os indivíduos são ensinados a se adaptarem às normas culturais que regem suas sexualidades, seus desejos e suas identidades de gênero. Desse modo, evidencia-se que a referida divisão dos sexos abre espaço para que relações de poder sejam estabelecidas, nas quais indivíduos de gêneros diferentes ocupam posições desiguais, sendo as mulheres inferiorizadas no sistema sexo-gênero.

Assim, gênero é um elemento constituinte de identidades, em que a diferença é lida como inferioridade, para fins de dominação. A adoção dessa categoria de análise permite, conforme Teixeira (2020), reconhecer identidades que foram apagadas ou negadas, compreendendo-se também que elas são diversas e “que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (Louro, 1997, p. 24).

Como ferramenta de análise, esse conceito permite olhar para a história de modo contra-hegemônico, o que é necessário haja vista as participantes deste estudo. Para isso, contribui o texto “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, de Joan Scott. Nele, ela define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). Com base nisso, é possível identificar os caminhos que as relações sociais e de poder delinearão para as mulheres leitoras.

Somam-se ao gênero as questões de classe e raça na composição das identidades, aspectos que precisam ser incorporados ao presente estudo. Para contemplar esses elementos, que se atravessam, aproprio-me do conceito de interseccionalidade, tendo em vista que as participantes do estudo também manifestam o entrelaçamento dessas acepções. Segundo Akotirene (2019, p. 63), “a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais”. Com essa lente, é possível ampliar as compreensões sobre o funcionamento do sistema de opressão, que interliga as categorias de raça, gênero e classe, para dominar corpos e subjetividades.

Destaco a origem desse conceito que advém do feminismo negro, para salientar a divergência das opressões sofridas por mulheres cujas identidades se diferenciam também pela raça. Ilustra isso o discurso “Eu não sou uma mulher?”, proferido, em 1851, por Sojourner

Truth, que nasceu escravizada e tornou-se livre, em 1787, com a abolição da escravidão no norte dos Estados Unidos:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? (Truth, 2014, n. p.)<sup>3</sup>.

O testemunho de Truth ocorreu na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio e evidencia que a ideia universal de mulher se torna improvável quando se considera, por exemplo, que a obrigatoriedade da maternagem, no caso de africanas escravizadas, envolvia a venda de seus filhos e de suas filhas, como ressalta Akotirene (2019). Com a impossibilidade de universalizações, desenvolvo esta pesquisa atenta à pluralidade das identidades.

Sendo atravessadas pelas questões de gênero, as experiências de leitura realizadas pelas mulheres foram se desenvolvendo de modo diverso dos homens. Na Antiguidade, segundo Bortolanza (2014), as mulheres não participavam da vida pública, pois não eram consideradas cidadãs, ficavam reclusas no espaço privado e restritas à oralidade, não tendo acesso à escrita. Na Idade Média, esse cenário não foi alterado, recebendo ainda um reforço do medo inspirado por elas naqueles preocupados com a manutenção de uma sociedade patriarcal, o que resultou na inquisição.

Essa situação se prolongou durante os séculos seguintes, tendo em vista que a Igreja permaneceu com o controle sobre o que era impresso, permitindo ou não a divulgação das publicações. Pinheiro (2010, p. 382) explica que essa instituição visava à manutenção do poder e da moral da época e que as “autoridades temiam a eficácia da leitura, como atividade provocadora de pensamentos e que apresenta outras possibilidades de ser/agir no mundo”. A autora também observa que, no contexto nacional, entre os desafios para a história da leitura, havia a instalação da imprensa régia, em 1808, e a falta de escolaridade. Além disso, Pinheiro (2010) destaca a dificuldade de as mulheres acessarem o mundo letrado devido ao gênero, exemplificando com o fato de assinarem seus poemas, contos e romances com pseudônimos nos jornais e revistas do século XIX.

Nesse mesmo século, de acordo com Bortolanza (2014), as mulheres de classes sociais abastadas tiveram acesso mais amplo à leitura, embora permanecessem lendo no espaço privado, e estabeleceram-se também como mediadoras de leitura, principalmente, lendo para

---

<sup>3</sup> O título original do discurso é “Ain’t a woman?”. O fragmento foi retirado da tradução do Dr. Osmundo Pinho publicada no Portal Geledés, em 8 de janeiro de 2014.

seus filhos, em razão do papel social da maternidade que lhes foi atribuído. Contudo, apesar de alfabetizadas, a liberdade de escolha de leitura era bastante restrita, haja vista que quem decidia o que elas deveriam ler eram homens, visto que eram eles geralmente os escritores, os professores e os editores. As leituras que elas faziam deveriam ser amenas, de amores bem-sucedidos, como uma forma de orientá-las para um modelo de vida.

Bortolanza (2014) sinaliza um avanço, no século XX: as mulheres passaram a circular sozinhas em locais públicos, nos quais liam, além de conquistarem mais espaço como escritoras. Todavia, nesse momento, ainda persistiam os resultados de um transcurso histórico constituído por normas sociais que mantinham as mulheres distantes da leitura e da escrita. Figuras masculinas detentoras de poder – “padres, médicos, políticos” (Pinheiro, 2010, p. 386) – restringiram sua aproximação dos livros sob a justificativa de preservação moral. Por isso, conforme verifica Pinheiro (2010), são comuns os relatos de repressão relacionados às trajetórias de leitoras: folhetins lidos em segredo; a proibição de pais de que suas filhas estudassem; e o impedimento, por parte de maridos, quanto às esposas lerem ou escreverem, a ponto de alguns queimarem as produções literárias delas.

Diante da interdição das mulheres no que diz respeito ao universo literário ao longo dos séculos, a reflexão sobre os seus percursos de leitura coloca-se como uma forma para propiciar a ruptura dessa barreira. Por isso, a presente investigação está alinhada à Pinheiro (2010, p. 390), que conclui:

Tais trajetórias demonstram que a pesquisa acerca da História da Leitura, quando se trata do gênero feminino, deseja explicitar o rol de obras lidas e observar as entrelinhas dos discursos, perceber a resistência e o rompimento ao discurso historicamente constituído para limitação [d]o espaço feminino.

A atenção a essas “entrelinhas” das manifestações de leitoras é relevante para a localização e exposição de fraturas relacionadas ao estabelecimento do que é ou não uma obra literária, o que está diretamente relacionado com a definição de quem pode ou não escrever.

Séculos de literatura em que as mulheres permaneciam nas margens nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não tem gênero e por isso existiam duas categorias, a literatura, sem adjetivos, e a literatura feminina, presa a seu gueto. Da mesma forma, aliás, que por vezes parece que apenas os negros têm cor ou somente os gays e as lésbicas carregam as marcas de sua orientação sexual. Romper com essa estrutura de pensamento é muito mais difícil quando não se percebe, ou não se assume, que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais. O que significa que toda apreciação literária é regida por interesses, por mais difusos que eles sejam (Dalcastagnè, 2021, p. 140).

O reconhecimento desses interesses é capaz de fomentar um espaço literário mais democrático. Para tanto, a inclusão de vozes diversas é indispensável, uma vez que, conforme Dalcastagnè (2021, p. 124) verifica em seu estudo, a produção de escritores e escritoras se vincula a uma “maior familiaridade com uma perspectiva social determinada”. Prova disso é que tanto homens quanto mulheres tendem a criar mais personagens, protagonistas e narradores que espelhem seus gêneros e outras características suas – muito embora, para as escritoras, quase a metade de suas personagens sejam homens, enquanto, para os escritores, as personagens femininas chegam somente a um terço (Dalcastagnè, 2021).

mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, pessoas com ou sem deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais, umbandistas e católicos vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. Por mais solidário que seja às mulheres, um homem não vai vivenciar o temor permanente da agressão sexual, assim como um branco não tem acesso à experiência da discriminação racial ou apenas um cadeirante sente cotidianamente as barreiras físicas que dificultam ou impedem seu trânsito pelas cidades (Dalcastagnè, 2021, p. 112).

Considerando a referida influência da subjetividade sobre os modos de expressão, a escrita a partir de diferentes vozes possibilita enxergar a diversidade de mundos para além do âmbito ficcional. Nisto, reside a importância de escritoras e escritores que se diferenciem daqueles apontados por Zilberman (2017), em seu exame sobre os romances premiados de 2010 a 2014, como a maioria: naturais de São Paulo ou Rio de Janeiro ou residentes nesses estados; brancos; idade entre 35 e 45 anos; com preferência pela escrita em primeira pessoa ou autoficcional, a qual estaria focada no tempo presente. A autora também percebe a semelhança entre escritores e seus protagonistas, que, além dos já referidos aspectos,

[...] teria[m] aspirações a escritor, ou já exerceria[m] essa profissão de alguma maneira, na condição de ficcionista[s] ou poeta[s], jornalista[s] ou home[ns] de letras, professor[es] ou intelectua[is]. Como faria[m] parte da classe média, poderia[m] não ser muito abastado[s], mas, como também não teria[m] familiares, não necessitaria[m] preocupar-se com questões econômicas, o que facilitaria sua mobilidade social ou profissional (Zilberman, 2017, p. 440).

Visto que se trata da representação de um contexto social bastante particular, uma ampla parcela da população fica de fora do enredo. Esta, quando leitora, pode não se aproximar da leitura, em razão da falta de relações que consegue estabelecer com as obras.

Diante disso, constato que houve avanços relacionados à ampliação do acesso ao mundo literário, mas persistem desigualdades. Se em 2025, quando escrevo esta dissertação, as

mulheres já se apropriaram da leitura e da escrita e fazem sua própria caminhada ao elegerem os livros que querem ler, ao formarem comunidades leitoras e ao escreverem seus próprios textos, elas ainda se deparam com desafios constituídos por uma sociedade estruturada na desigualdade de gênero. Tal fato ainda repercute na literatura, como evidencia Dalcastagnè (2021) ao demonstrar que, de 1990 a 2014, homens publicaram a maioria dos romances das três grandes editoras selecionadas em seu estudo: foram 218 de 306, isto é, 71,2% das obras.

Sendo nesse cenário que o projeto Leia Mulheres se insere, por seu propósito e por ser uma ação coletiva, pode colocar a leitura em movimento. Assim, na seção seguinte, descrevo a história do Leia Mulheres em Caxias do Sul, com o intuito de colaborar para a reflexão dos impactos do gênero na literatura e sinalizar a existência de alternativas que podem modificar esse contexto.

### 2.3 LEITURA EM MOVIMENTO: A HISTÓRIA DO LEIA MULHERES EM CAXIAS DO SUL

O Leia Mulheres é um projeto de leitura criado pelas brasileiras Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, a partir de um movimento iniciado na rede social *X*, anteriormente chamada *Twitter*, com a *hashtag* *#readwomen2014* (*#leiamulheres2014*), publicada pela escritora britânica Joanna Walsh, que se propôs a ler mais livros escritos por mulheres. Inspiradas por essa iniciativa, as três amigas criaram um clube de leitura, com encontros presenciais, a fim de reunir leitoras e leitores para discutir obras de escritoras.

Desde o primeiro encontro, realizado em São Paulo, em 2015, o projeto vem crescendo e, em 2025, quando escrevo esta dissertação, ocorre em mais de 100 cidades do Brasil e do exterior, com mais de 400 mediadoras. A expansão do Leia Mulheres, ao longo de dez anos, aponta evidente interesse das pessoas pela leitura partilhada e, de modo especial, pelas publicações de escritoras. Esse movimento proporcionado pelo projeto é bastante significativo diante do contexto da leitura no país.

Conforme a 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, em 2024, pela primeira vez, menos da metade da população é leitora (47%), sendo que esta leu, em média, somente dois livros na íntegra. Como um grupo de leitura que se reúne mensalmente, o Leia Mulheres oportuniza, de modo geral, que os/as participantes leiam cerca de 12 livros por ano, o que corresponde a 10 livros a mais do que a média nacional. Assim, o projeto contribui para que essas pessoas se estabeleçam como leitoras de acordo com a

definição do Instituto Pró-Livro (2024), que considera leitor/a quem leu, parcial ou integralmente, ao menos um livro nos últimos três meses.

É importante explicitar, porém, que considero essa noção como redutiva, tendo em vista que não observa as limitações da acessibilidade às obras, seja por questões econômicas que impedem a aquisição, seja pela falta de incentivo familiar ou escolar, seja pela impossibilidade de deslocamento até bibliotecas, por exemplo. Além disso, uma vez que constato que a leitura acompanha os ritmos da vida de cada sujeito, como é possível verificar a partir dos relatos das entrevistadas, presentes no terceiro capítulo desta dissertação, há ocasiões e fatos – como a maternidade, conforme conta uma das interlocutoras – que afastam as pessoas dos livros. Nem por isso, compreendo que elas deixam de ser leitores/as.

Nessa direção, para que o acesso aos livros seja oportunizado, projetos de leitura como o Leia Mulheres são fundamentais. Por isso, cabe dizer que, para levar esse grupo de leitura a outras cidades, a pessoa interessada, a qual deve ser uma mulher, precisa enviar uma solicitação para as coordenadoras, manifestando o desejo de implementação e apresentando-se como responsável pela mediação, caminho que foi percorrido pela então mediadora do Leia Mulheres em Caxias do Sul – RS, em 2017, Ana Júlia Poletto.

Em 12 de julho de 2017, ocorreu o primeiro encontro do Leia Mulheres em Caxias do Sul, ocasião em que estive presente, tendo presenciado, portanto, o momento inaugural do grupo de leitura, apenas como leitora/participante. É oportuno destacar meu desejo e curiosidade, como leitora e, à época, ainda estudante de Letras, pelo diálogo com outras leitoras (apenas mulheres compareceram), bem como com a autora do livro a ser discutido, a escritora brasileira Natalia Borges Polesso, que esteve presente para falar dos contos de *Amora*. Após alguns meses frequentando o grupo, fui convidada por Ana Júlia para atuar como mediadora, atividade que passei a realizar sozinha a partir de 2018.

Como mediadora do Leia Mulheres em Caxias do Sul, observo que, apesar de ser um projeto nacional, o que, de certo modo, unifica os grupos de leitura das diversas cidades, cada um deles acontece de forma autônoma e particular. Existe pouca necessidade de contato frequente com a coordenação nacional, função desempenhada por Juliana Leuenroth atualmente, em 2025, e não há diretrizes rígidas, exceto a exigência de que a responsável pela mediação seja uma mulher, sendo inexistente, portanto, o impedimento quanto ao gênero para a participação.

Também, pode-se escolher com liberdade as obras a serem lidas nos diferentes grupos. Apesar disso, houve ocasiões em que a coordenação do Leia Mulheres propôs desafios anuais, como no ano de 2023, quando a indicação foi ler somente escritoras brasileiras, conforme

postagens da conta oficial do Leia Mulheres no *Instagram* (Figuras 4 e 5). Para além disso, destaco o cuidado da coordenação ao fomentar a pluralidade e o seu incentivo à autonomia para a pesquisa de títulos, quando apresentou a proposição, afirmando na legenda das postagens:

Vimos que algumas pessoas estão pedindo dicas pra cada categoria (ou até mesmo pedindo para mudar coisas), e é claro que vamos indicar alguns livros que amamos. Só que a ideia do desafio é justamente essa: exigir da gente uma pesquisa, procurar além das grandes editoras do mercado e conhecer autoras independentes (Leia Mulheres, 2022b, n. p.).

Figura 4 – Desafio Leia Mulheres de 2023



Fonte: Leia Mulheres (2022a).

Figura 5 – Categorias do Desafio Leia Mulheres de 2023



Fonte: Leia Mulheres (2022b).

Em consonância com o movimento da coordenação do projeto, em Caxias do Sul, o Leia Mulheres adotou como diretriz a diversidade. De 2017 até maio de 2025, foram lidos mais de 70 livros, cujos títulos menciono no Apêndice IV. Embora os romances prevaleçam, são realizadas leituras também de contos, poemas, crônicas, histórias em quadrinho, biografias, ensaios e livros teóricos, especialmente, aqueles relacionados ao feminismo, como bell hooks e Lélia Gonzalez. Além da variedade de gêneros textuais, prioriza-se a multiplicidade de temáticas e de autoras no que diz respeito à região de origem, se do Brasil, ou à nacionalidade, se estrangeiras; ao momento histórico; à raça; entre outros fatores.

Dentre as autoras lidas, fora as brasileiras, há israelenses, nigerianas, norte-americanas, irlandesas, inglesas, canadenses, indianas, argentinas, chilenas, peruanas, francesas, entre outras nacionalidades. Para escolhê-las, geralmente, são elaboradas categorias relacionadas à nacionalidade e ao gênero textual, para as quais os/as participantes do grupo de leitura apresentam indicações. Após, por meio de votação na Plataforma *Google Form*, é definido o cronograma de leitura para um ano, com encontros mensais, aos sábados à tarde.

No entanto, esta é uma organização flexível. Em 2025, propus ao grupo a leitura de apenas escritoras latino-americanas. Após a aceitação da proposta, constatei a escassez e

difficuldade de acesso a livros de determinados países. Por isso, nessa ocasião, não houve votação, a constituição do cronograma ocorreu de acordo com a viabilidade de leitura, seguindo o critério da não repetição de nações e da multiplicidade de gêneros textuais.

Os encontros do Leia Mulheres são divulgados principalmente a partir de publicações no *Instagram*, na conta oficial do clube de Caxias do Sul (@leiamulherescaxiasrs), e do grupo de *WhatsApp*. Eles acontecem, presencialmente nesse município, na Livraria Do Arco da Velha, mas já foram realizados em outros espaços, como cafés, institutos e na Biblioteca Pública Municipal.

Em 2020, com a pandemia provocada pelo coronavírus, depois de uma pausa, o grupo realizou encontros virtuais, na Plataforma *Google Meet*, um movimento que se repetiu em outros clubes do projeto. Essa mudança do espaço presencial para o virtual apresentou desafios. Mais que técnicos, como a dificuldade na conexão da internet, os obstáculos envolviam o estabelecimento da interação com quem estava presente, a reconstituição do diálogo que acontecia corpo a corpo, mas que, naquele momento, exigia a interposição de telas.

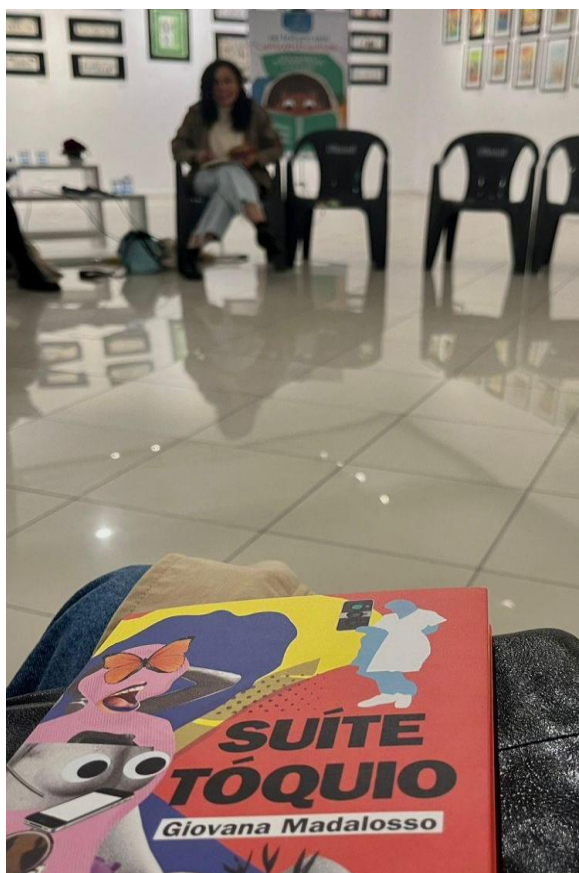
Como mediadora, nesse contexto, senti especialmente a dificuldade de fomentar a conversa entre os participantes. Até que esse novo espaço, viesse a se tornar familiar para mim e para os/as demais leitores/as, fazer a mediação, como alguém que está *entre*, uma *ponte*, conforme Yunes (2014), foi desafiador. A razão disso estava associada ao aumento da distância, provocado pelas ferramentas exigidas, entre os pontos a serem conectados: as obras literárias, os leitores e as leitoras, incluindo-me entre estas. Contudo, houve, também, benefícios, como a presença de pessoas de outras cidades do Rio Grande do Sul e de outros estados, bem como a oportunidade de ampliar o número de participantes do próprio município de Caxias do Sul, devido à atenção voltada às atividades *online*, ocasionada pelo distanciamento social.

Antes da Covid-19, os encontros já aconteciam na Do Arco da Velha, local que acolhe o grupo desde fevereiro de 2020. Desse período até este ano – 2025 –, aos sábados à tarde, os leitores/as do Leia descem as escadas de madeiras da livraria e reúnem-se no seu porão decorado por livros e quadros, onde poltronas, cadeiras e mesas, iluminadas por uma luz baixa com tonalidade amarela, aguardam os/as integrantes. É estabelecida, assim, uma atmosfera de conforto, que é reforçada por pedidos de cafés, chás, tortas e pães de queijo, solicitados à cafeteria do lugar. Com a presença constante e o apoio de participantes mais antigos, mesmo quando não consigo chegar suficientemente antes do horário marcado, os assentos são dispostos em círculo, para que todos possam se ver e ouvir durante o encontro.

O Leia Mulheres em Caxias do Sul também realiza ações em parceria, em outros locais. Nos anos de 2020, 2021 e 2023, esteve presente nos debates sobre o Dia Internacional

da Mulher, organizados pelo Instituto de Leitura Quindim, espaço destinado à promoção da leitura literária, com foco especial em crianças e adolescentes. Além disso, o projeto integrou a programação da Feira do Livro de Caxias do Sul em 2019, 2021, 2022, 2023 e 2024. A seguir, um registro feito por uma das participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul, durante a Feira no ano de 2023.

Figura 6 – Fotografia do encontro do Leia Mulheres na Feira do Livro de Caxias do Sul em 2023



Fonte: imagem cedida por Juliana De Conto Mandelli.

Quanto a quem participa do Leia Mulheres em Caxias do Sul, é importante frisar que há mulheres e homens que integram o clube de leitura. A prevalência é do gênero feminino, possivelmente o nome do grupo colabore para isso – embora possa se considerar também a discussão sobre o interesse do gênero masculino em ler escritoras –, todavia, há três homens que participam do grupo, sendo dois deles com bastante regularidade: um comparece aos encontros desde 2020, e o outro, desde 2023.

O número de participantes no grupo pode variar em cada encontro: houve ocasiões com três presenças, como na vez de *Hibisco roxo*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi

Adichie, em setembro de 2018, e outras com 27, quando falamos sobre *A natureza da mordida*, da brasileira Carla Madeira, em abril de 2024. Essa flutuação está relacionada a diversos fatores: o interesse pela obra a ser discutida, o período do ano – finais de semestre geralmente exigem dos/as participantes a presença em outros compromissos –, demandas pessoais, a acessibilidade do livro, a data e, até mesmo, condições climáticas.

Em média, há cerca de 15 pessoas, que participam assiduamente, as quais constituíram um vínculo umas com as outras, mantendo contato por meio de redes sociais ou de forma presencial em outras atividades culturais ou de lazer. Nesse sentido, o Leia Mulheres em Caxias do Sul está consolidado, recebendo, com frequência, novos participantes, e sua relevância ultrapassa as questões de leitura.

Mais do que o acesso a livros, vivencia-se a experiência literária de forma partilhada, com a discussão de pontos de vista, a formação de relações afetivas, momentos de escuta e o foco no prazer de ler. Esses aspectos que permeiam a leitura não podem ser ignorados nas reflexões sobre a experiência com obras literárias e o fomento à literatura na sociedade, o que pode ser facilitado por meio da investigação a respeito de percursos de constituição leitora. No próximo capítulo, trato dessa questão, abordando trajetórias de leitura de algumas participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul, as influências do grupo nisso e, a partir de relatos delas, a caracterização da prática da leitura partilhada.

### 3 ENTRE LER E NARRAR: AS LEITORAS DO LEIA MULHERES EM CAXIAS DO SUL

Neste capítulo, discuto os dados construídos com a contribuição das participantes selecionadas do Leia Mulheres em Caxias do Sul, ao compartilharem suas narrativas sobre seus percursos com a leitura literária. Com isso, busco atender ao objetivo específico de conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras, além de ampliar o registro da história do Leia Mulheres em Caxias do Sul/RS, objetivo específico já contemplado no subcapítulo 2.3. De modo a explicitar como realizo a construção dos dados, detalho a seguir alguns de meus passos nesta investigação.

O estudo foi realizado com nove participantes do referido grupo, visando a uma pesquisa a respeito da leitura partilhada, com base em narrativas dessas mulheres sobre suas trajetórias como leitoras. Para tanto, optei por pesquisa de base qualitativa, tendo em vista que possibilita o acesso às perspectivas dos sujeitos sobre a própria experiência, no caso, especificamente, a leitura literária. Essa ação foi desenvolvida a partir de entrevistas com as leitoras que frequentaram o grupo com mais assiduidade, no período de julho de 2023 a julho de 2024, com presença em, pelo menos, seis encontros. Desse modo, pude ampliar as informações, uma vez que foram abrangidas pessoas que integravam o grupo há pouco mais de um ano e outras que já participam há aproximadamente sete anos. Ainda, entendo que a escolha por entrevistar mulheres é pertinente, dado que a questão de gênero impulsionou a criação do projeto nacional Leia Mulheres.

Depois da aprovação do Comitê de Ética da Universidade de Caxias do Sul – CEP UCS (Parecer Consubstanciado nº 6.856.168), acessei o perfil do Leia Mulheres em Caxias do Sul no *Instagram*, para identificar quais as leitoras que poderiam compor a pesquisa, contabilizando suas presenças por meio das fotografias feitas ao final de todos os encontros. A partir disso, fiz um convite a essas pessoas, contatando-as pelo WhatsApp, cujo número tive acesso em razão de estar disponível no grupo do Leia nessa rede social. Nessa ocasião, apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e outras explicações sobre o estudo. Após a anuência inicial nesse primeiro contato, agendamos a entrevista, que foi realizada após a assinatura do referido documento, sendo uma via foi entregue as participantes e outra, arquivada em meu acervo pessoal.

As entrevistas ocorreram, ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2024, em sua maioria, em encontros presenciais, na livraria Do Arco da Velha, em Caxias do Sul, onde acontecem as discussões do Leia Mulheres. Mas também aconteceram na casa das participantes

ou em outro local que facilitasse a realização das entrevistas, cuja duração foi, em média, de uma hora. Uma, dentre todas as entrevistas, precisou ser realizada por videochamada, pela plataforma Google Meet, pois a participante Elena não estava na cidade e demoraria a retornar. Para tanto, tive em mãos o roteiro de entrevista, disponível no Apêndice B.

Houve a gravação das falas das entrevistadas em áudio, ação da qual elas foram informadas verbalmente e pelo TCLE (Anexo A). Com isso, realizei as transcrições desses áudios, durante o mês de janeiro de 2025, para que, assim, os dados fossem sistematizados, descritos e analisados. A seguir, começo a apresentar os resultados desse processo, narrando as trajetórias como leitoras das entrevistadas, um dos meus objetivos específicos.

### 3.1 AS TRAJETÓRIAS DE LEITURA DAS PARTICIPANTES DO LEIA MULHERES

Neste subcapítulo, dedico-me a narrar os percursos como leitoras das nove participantes da pesquisa. Quando os livros adentraram suas vidas? Se houve alguém, quem os trouxe para o seu dia a dia? Existia a obra como objeto material ou a literatura se manifestava por meio de outras vozes, sendo oralizada? A leitura era literária ou de outros textos? Ou ambos? Em síntese, atendendo ao meu objetivo específico de conhecer as trajetórias de participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul como leitoras, tenciono construir uma narrativa, para contar quem são essas leitoras e entender o que a leitura representa em suas vidas, a fim de pensar acerca dos desdobramentos possíveis dessa prática na existência dos sujeitos. No Quadro 3 a seguir, apresento resumidamente as referidas leitoras, em ordem decrescente conforme a idade.

Quadro 3 – apresentação das leitoras participantes da pesquisa

| Nome      | Idade | Profissão                            | Escolaridade      | Participação no Leia Mulheres |
|-----------|-------|--------------------------------------|-------------------|-------------------------------|
| Conceição | 59    | Professora de Português e Literatura | Superior completo | Desde 2018                    |
| Camila    | 49    | Professora universitária             | Superior completo | Desde 2022                    |
| Daniela   | 47    | Professora universitária             | Superior completo | Desde 2019                    |
| Elena     | 39    | Advogada                             | Superior completo | Desde 2023                    |
| Eliane    | 36    | Advogada e servidora pública         | Superior completo | Desde 2023                    |
| Lygia     | 36    | Professora de inglês                 | Superior completo | Desde 2023                    |

|         |    |                                     |                   |            |
|---------|----|-------------------------------------|-------------------|------------|
| Isabel  | 31 | Advogada e professora universitária | Superior completo | Desde 2020 |
| Clarice | 28 | Servidora pública                   | Superior completo | Desde 2018 |
| Octavia | 28 | Bióloga                             | Superior completo | Desde 2023 |

Fonte: elaboração própria.

As participantes foram renomeadas nesta dissertação, para preservar suas identidades, conforme indicado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, embora sejam elas também coautoras deste estudo, uma vez que me cederam gentilmente suas histórias e me ajudaram a construir os dados. Em vista disso, elas são chamadas pelos nomes das escritoras que apareceram em suas falas, as quais foram mencionadas afetuosamente pelas leitoras. Além disso, é também uma homenagem que concedemos, eu e as entrevistadas, à Conceição Evaristo, Isabel Allende, Octavia Butler, Daniela Arbex, Eliane Potiguara, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Camila Sosa Villada e Elena Ferrante, algumas das autoras que foram lidas nesses oito anos de *Leia Mulheres em Caxias do Sul*, marcando-nos especialmente.

Ainda, explico que a ordem com que as participantes são apresentadas, a seguir, corresponde a cronologia da realização das entrevistas. Conceição é, portanto, a primeira delas.

### 3.1.1 Conceição

Começo então por Conceição, a primeira das entrevistadas, uma mulher de 59 anos, com longa carreira na docência, casada, mãe e avó. Nós nos encontramos em uma manhã fresca de sábado, na escola em que ela atua em sala de aula, como professora, e na biblioteca, onde conversamos. A entrevista não ocorreu nem em um café nem na casa da participante por uma questão de praticidade, o local escolhido era de fácil deslocamento. A mudança do espaço me pareceu significativa, tendo em vista que meu vínculo com Conceição iniciou na escola, quando era ela quem me encantava com a literatura, durante suas aulas.

No silêncio da biblioteca, acompanhadas dos livros que, há mais de dez anos, constituem a ligação que compartilhamos, iniciamos a entrevista. Com a narrativa sobre as suas primeiras memórias de leitura, descobri que os pais de Conceição, apesar do pouco estudo, sendo educados por meio de livros, eram leitores. De um lado, a mãe era leitora de poesia, declamava versos de Casimiro de Abreu e J. G. Araújo Jorge, uma mulher que Conceição definiu como de muito apuro cultural. De outro lado, o pai lia sobre assuntos políticos, era um marxista. Mesmo sem formação, entendia de legislação e defendia causas sociais, auxiliando,

inclusive, na organização dos papéis para que as professoras do interior pudessem se aposentar. Unindo as duas perspectivas trazidas pelos pais, Conceição demonstrou uma afeição particular por poesia e uma leitura de mundo atenta às desigualdades e direcionada à mudança em prol da justiça social, o que se deixou entrever nas suas manifestações durante nossa conversa, mas também aparece nos encontros do Leia Mulheres em Caxias do Sul.

Conceição deu início à sua trajetória como leitora a partir de jornais, revistas e do rádio. O pai assinava o Jornal do Partido Comunista, o qual ela também lia. Ainda, havia as revistas da mãe, e as novelas de rádio, que compuseram o espaço da literatura oral em sua vida. Os livros físicos eram poucos, como a participante destacou, “*se hoje são caros, antes eram mais*”<sup>4</sup>. Por isso, seu pai apontava o caminho: os livros estão nas bibliotecas, onde você pode consultá-los.

Entretanto, foram os periódicos que parecem ter despertado Conceição para a arte literária. Ela leu muitos clássicos em quadrinhos, citando *A dama das camélias* e *O corcunda de Notre-Dame*. Saliento que esse aspecto de seu percurso pessoal refletiu na sua prática profissional, quando “*ganhou*”, conforme suas palavras, um aluno que lia apenas mangás – e havia sido impedido pela professora titular de continuar a fazê-lo –, por meio de clássicos recontados em quadrinhos. Isso a fez refletir sobre a sua resistência em relação a ler esse gênero hoje em dia, mesmo no Leia Mulheres, em que algumas obras desse formato já integraram o cronograma; ao que ela justifica:

*Parece que, quando tu te torna outro leitor, tu vai lendo outras coisas, é como se não pudesse voltar para o quadrinho, como se o quadrinho pudesse ser só a porta de entrada para a leitura. A gente não se dá conta que tem uma baita qualidade ali também na produção de quadrinhos (Conceição).*

Em sua fala, é possível observar uma ideia de progresso de leitura: começa-se de um lugar mais fácil e simples e avança-se em direção a uma maior complexidade nas obras. Conceição parece compreender que “*voltar para o quadrinho*” não implica regredir a determinado nível de leitura, mas é uma oportunidade de se deparar com um gênero que também proporcionar uma experiência positiva.

Estudante de escola pública, foi no Ensino Médio que encontrou professoras que a incentivaram a ler, sendo importante destacar que não eram apenas de Literatura, mas de História e Química também. Sobre esta, Conceição tem uma memória especial, pois a professora a abordava semanalmente na sua classe para ver o que ela estava lendo, o que

---

<sup>4</sup> Utilizo o destaque em itálico para registrar as falas das interlocutoras da pesquisa.

motivava Conceição a ler sempre um livro diferente a cada aula. Segundo a entrevistada, “*o papel dos professores foi muito importante*”. Perante isso, ela, que a princípio seria advogada, acabou cursando Letras e, embora os professores da universidade pouco tenham colaborado para intensificar seu vínculo com a literatura, sua profissão a aproximou mais da linguagem, aprofundando também seu conhecimento literário.

Para refletir sobre o significado dos livros na vida da entrevistada, trago duas passagens de sua vida. Primeiro, o presente de aniversário para o marido, que, em verdade, foi um presente para si mesma. O ano era 1982, Gabriel Garcia Marquez vencera o Nobel. Não havia recursos financeiros para comprar *Cem anos de solidão* e ainda um presente para o marido. A saída que ela encontrou foi presentear-lo com um exemplar da obra do autor colombiano, com uma dedicatória extensa. Conceição conta bem-humorada que seu esposo veio a ler o livro muitos anos depois dela apenas.

Outra passagem importante envolve os livros de seu pai, que, após ser preso durante a ditadura militar, precisou se esconder na casa da mãe, levando seus livros de cunho marxista consigo. Quando os militares foram até a casa de Conceição em busca de seu pai, sua avó, para proteger a família, queimou as obras. Ela diz que seu pai “*tinha um sentimento enorme porque ele perdeu todos esses livros*”. Essa percepção e essa vivência constituem o laço que Conceição possui com os livros, como ela afirma, fazem parte de sua memória afetiva, e completa:

*[...] ao mesmo tempo que esse período todo da ditadura foi um período muito duro, muito forte para gente, porque meu pai foi preso político, perdeu os direitos. Mas, ao mesmo tempo, aquela admiração que eu tinha também vinha dessa lógica dos livros, aquele homem que ele se tornou, sem escolaridade, tinha a ver com livros (Conceição).*

Soma-se a isso, a forma como Conceição teve acesso à obra *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, emprestada pelo marido de uma colega da universidade, “*e aquela coisa, me entregou escondido, porque o marido leu escondido quando surgiu o livro*”. Diante disso, nota-se que, para Conceição, os livros são fontes de saber, haja vista seu convívio com o pai, que foi educado a partir dos livros e ampliou os seus conhecimentos por meio deles. Porém, são marcados igualmente pelo risco de destruição e, até mesmo, de destruição de uma família, quando eles próprios não são destruídos. A justificativa para esse perigo que eles representam, de acordo com algumas ideologias, está justamente no seu potencial para conhecer, construir um entendimento sobre o que está ao redor a partir de outro olhar – do/a autor/a. Exemplo disso foi quando Conceição leu *Vapor Drina*, de Tadiane Tronca, e pode entender a participação dos descendentes portugueses na constituição social de Caxias do Sul, rompendo com o discurso

dominante, que afirmava que o município era constituído majoritariamente por imigrantes italianos, e levando-a a concluir: *“Caxias é uma cidade feita por múltiplas etnias”*.

Ainda, para Conceição, leitura também é trabalho. Com seu ofício de docente, as obras são material para a sala de aula e para a biblioteca. Isso já há muito tempo, quando viajava para diferentes lugares em razão de cursos formativos e voltava com suas *“sacolas de pano”* abarrotadas de livros, em uma época em que não se comprava nada pela internet.

Por fim, noto que Conceição vê nos livros vínculo e afeto, um modo de manter uma relação com o outro, como quando um de seus alunos foi para os Estados Unidos e, ao voltar, contou que tinha visto exemplares de um livro de Erico Verissimo na livraria. Também, houve uma ocasião que um de seus filhos viajou para o mesmo país e mandou-lhe uma foto de uma tradução de Machado de Assis.

Esse modo de livro ser ponte, a participante encontrou também no Leia Mulheres, quando rompeu com o que chamou de *“solidão intelectual”*, explicando que *“tem uma relação de amizade, de carinho, de troca de afeto, que, na verdade, a leitura também é isso”*. Dessa forma, é possível compreender a razão para Conceição ter se tornado a *“prof. das histórias”*, como é carinhosamente chamada por um dos estudantes que participa da hora do conto que ela realiza. Essa criança, ao ler um exemplar da obra *Pássaro Amarelo* da biblioteca, pediu à *“prof. das histórias”* que a hora do conto fosse sobre esse livro, um momento que ocorreu da seguinte forma, segundo Conceição:

*Eu acho que ele estava tão maravilhado com aquele livro, que a ideia dele era compartilhar aquele livro com os colegas. Ele se sentou do meu lado, eu lia uma página, ele lia outra. Ele já está lendo. Foi muito maravilhoso isso! Com os pequenos, acontecem essas coisas, e isso vai com a gente também, porque a gente também precisa desses momentos de troca, de sorriso, de acolhimento, de se sentir gente, sentir pertencente a alguma coisa (Conceição).*

Constato, com isso, que a entrevistada, sentindo o desejo de superar sua *“solidão”* e de construir um relacionamento com outras pessoas a partir de obras literária, contagia aqueles e aquelas que estão ao seu redor com a mesma vontade. Ressalto a sua fala de que *“Com os pequenos, acontecem essas coisas”*, concluindo, portanto, ser necessária a troca e o acolhimento, independentemente da idade. A noção de necessidade da leitura para Conceição pode ser observada quando justifica por que lê:

*Porque preenche os meus vazios existenciais; porque ler me faz me encontrar como ser humano; porque ler me faz compreender a complexidade da existência; porque ler me humaniza; porque me faz sentir, muitas vezes, a dor do outro e me colocar no lugar do outro e perceber como eu tenho que me tornar sempre um ser humano*

*melhor. Ao mesmo tempo, me colocar no lugar das minhas dores também, não só (o outro). Então eu vejo assim: eu preciso da leitura (Conceição).*

Diante disso, observo que, para Conceição, ler é um movimento de identificação, alteridade e empatia. Com a leitura, ela afirma compreender melhor o outro, mas também se diferenciar, “*colocando-se no lugar de suas próprias dores*” e dando um contorno para seus “*vazios existenciais*”, percepção profundamente humana. Corroborando a noção de que a literatura humaniza, conforme Antonio Candido (2011), Conceição ainda revela que leitura é uma prática que possibilita a significação da própria existência.

### 3.1.2 Isabel

Isabel, professora e advogada de 31 anos, juntou-se ao grupo do Leia Mulheres em Caxias do Sul no encontro sobre *A casa dos espíritos*, de Isabel Allende. Ela sempre gostou de ler. Assim como os pais de Conceição, sua mãe e seu pai tinham pouco estudo, completando somente até a 5ª série. Eles não eram leitores e não havia incentivo para isso em sua casa. Cresceu em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, na qual havia uma biblioteca pública com poucos livros. Mesmo à biblioteca da escola, chegou sem uma mediação de professor/a. Por conseguinte, a leitura surge, para ela, a partir de uma curiosidade própria, uma inclinação pessoal.

Conforme a entrevistada, houve um momento de virada, quando se tornou “*uma leitora contumaz*”, nas suas palavras. Essa mudança aconteceu a partir da saga Harry Potter, por volta dos seus 11 anos de idade. “*Eu chegava em casa, pegava os livros, e, em dois dias, eu lia o livro todo. Nossa, eu fiquei fissurada! Num nível de ler e reler muitas vezes. Acho que eu li toda a obra de Harry Potter, umas oito ou nove vezes*”. Outras participantes desta pesquisa também intensificaram seu vínculo com a leitura por meio da mesma série, e acrescento que minha trajetória como leitora também se aproxima das de ambas. É oportuno, por conseguinte, considerar o papel das séries voltadas ao público juvenil na formação de leitores. A repetição da referida obra em nossos percursos certamente é um indicativo do potencial do gênero para a constituição de leitores.

Nesse sentido, cabe salientar a contribuição das produções audiovisuais. A saga de Harry Potter, por mais de dez anos, foi filmada e lotou salas de cinema, o que viabilizou um movimento intermediário, transformando espectadores em leitores e vice-versa. Foi desse modo que Isabel ampliou seu horizonte de leitura, uma vez que assistindo aos filmes *A laranja mecânica* e *O clube da luta* chegou aos livros de mesmo nome. Verifica-se, portanto, que, se

não houve uma pessoa que mediasse a sua relação com os livros, o cinema foi o responsável por indicar os caminhos até a leitura, embora, conforme diz, algumas vezes, não tenha entendido “*bulhufas*”.

A incompreensão é um elemento que se mostra com frequência nas manifestações da participante em relação ao ato de ler. Não há nisso impeditivo para a leitura, não é um limite para a sua curiosidade. Leu e assistiu, na adolescência, *A laranja mecânica* e *O clube da luta*, e existiram aspectos que não compreendeu. Em seguida, tornou-se uma leitora de Gabriel Garcia Marquez, primeiro, com *Memória de minhas putas tristes* – obra que ela reconhece não ter sido adequada para os seus 12 anos, à época –, depois, com *Cem anos de solidão*, narrativas que também geraram falta de entendimento. Não obstante, esta obra veio a ser, “*um dos [seus] livros de referência*”, gerando releituras, uma por volta dos 20 anos, e outra, após, aos 27 anos.

Percebo, com isso, que a falta de entendimento não impossibilita a realização de uma experiência literária, haja vista a fala a seguir:

*imagina, o Gabriel García Márquez para uma pessoa de 12 anos é muito complexo! Mas eu lembro de pensar: “tem alguma coisa aqui nesse autor!”. Conforme fui crescendo, fui lendo outras obras. E Cem anos de solidão, assim... Ele tocava... Não sei, na minha cabeça, se criavam cenários, tipo, eu sentia sensações, que eu acho... Primeiro, tem que ser da América Latina para ter esse tipo de sentimento que a obra te traz. E a forma como ele escreve... Ai eu não sei, me toca muito! Eu amo! (Isabel)*

Isabel revela, em sua manifestação, indícios de ter experienciado a obra de Gabriel Garcia Marquez. Mesmo que compreensões tenham escapado, algo do autor conectou-se com ela. Em certa medida, passa pela identificação, visto que, como mulher latino-americana, ela considera a necessidade de ser dessa região para se vincular à narrativa de tal modo. Para além disso, a mobilização da imaginação, com a criação de cenários, e o aspecto do sentir, ter sensações, reforçam a noção de que o livro permaneceu com ela e passou a integrar à sua trajetória de vida, como só uma experiência literária profunda pode proporcionar.

A leitura segue provocando-lhe o não saber, como relata a respeito de duas obras lidas com o Leia Mulheres, *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, e *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector. Contudo, justamente nessa situação de não saber, Isabel compreende algo significativo sobre a leitura, ao falar a respeito do texto de Lispector: “*Não, mas ela [G. H.] está passando... Eu nem sei pelo que ela está passando! Mas eu estou me identificando com os sentimentos que ela está narrando!*”.

Assim, ressalto que a leitura pode ser também não entender. Mais que isso: mesmo sem definições exatas, é capaz de dar contorno a sentimentos e vivências, as quais, muitas

vezes, são difíceis. Nesse sentido, Isabel indica que o processo de identificação pela leitura tem uma outra faceta que envolve a redução da solidão: *“Eu leio porque eu me identifico. Acho que esse é um dos principais motivos, tu saber que existem outras pessoas que passaram por isso. Acho que torna a vida menos solitárias, mais compreensível, mais fácil de lidar com o dia a dia”* (Isabel).

Ainda, a participante diz que lê *“para sair da [sua] realidade”*. Nessa perspectiva, a leitura, ao proporcionar o encontro com o desconhecido, é fuga, implica um gesto de distanciamento que gera conforto pelo abandono da própria *“realidade material”* (Isabel). Porém, ela também propicia o deslocamento contrário, havendo a aproximação de sentimento que a participante procura evitar, *“lendo isso, eu me forço a ter que lidar com certas emoções que eu não queria”*. Questionada se persiste na leitura nesses casos, Isabel afirma que *“às vezes, eu me forço, porque eu vou ter que lidar, uma hora ou outra, eu vou ter que lidar”*. A partir de sua fala, é possível perceber que a leitura pode ser uma oportunidade para a análise dos próprios sentimentos e para a elaboração de eventos difíceis da própria vida.

Portanto, para Isabel, a leitura proporciona movimentos contraditórios, aproximação e fuga, e sentimentos opostos também, conforto e desconforto. Tudo isso envolvido em entrar em contato com o outro, para sair de si, e, ao mesmo tempo, em encontrar a si mesma ou uma parte de si nas palavras do outro, ainda que não se entenda a integralidade destas. Isabel evidencia, com sua narrativa, que a incompreensão pode criar vínculo com a obra, a qual revela saber algo sobre a participante que ela ainda não sabe sobre si.

### 3.1.3 Octavia

Conforme Octavia, que nasceu em Caxias do Sul, é bióloga e tem 28 anos, *“A leitura sempre fez parte de [sua] casa”*. A principal razão para tal é que a mãe é leitora, as obras para as quais se dedicava eram essencialmente sobre doutrina espírita e romances psicografados. Assim, Octavia relata: *“eu lembro sempre de ver a mãe lendo, além de fazer mil coisas. De vez em quando, eu via ela com o livro na mão e aí eu ia ler”*. Com isso, evidencia-se que, para a participante, a sua trajetória de leitura foi bastante influenciada pelo exemplo. Não era preciso que a mãe a mandasse ler, bastava que ela própria lesse para que Octavia adotasse o mesmo gesto.

Nesse sentido, a entrevistada relata que os pais não liam para ela nem havia a contação de histórias. Acontecia justamente o movimento contrário: ela lia para avó e para os pais. Ler em voz alta marcou a relação com a leitura desta participante. Como sua família era espírita,

semanalmente, havia a prática do evangelho no lar, que consistia em ler em conjunto, no grupo familiar, o *Evangelho segundo espíritismo*, de Allan Kardec. Esse acontecimento marcou Octavia:

*Porque não era só ler, tinha que estar preocupado em falar, em articular o texto, porque tu estava lendo para todo mundo. E ainda terminava, e a mãe virava e perguntava: “O que você entendeu?” Porque tem isso, às vezes, tu estava tão preocupada em ler que não estava prestando atenção no contexto.*

A participante afirmou que, se hoje o texto ainda é bastante difícil de ler, à época, muito mais. A maior barreira era a linguagem, a qual se distanciava muito do que estava acostumada. Assim, ler em voz alta, nesse momento da infância, exigia muito mais. A preocupação com a dicção atrapalhava a construção de sentido de Octavia, somando-se a isso, o desconhecimento de vocabulário. Entretanto, embora aparecesse como uma cobrança, a atitude materna de questionar sobre o entendimento do que estava sendo lido reforçava a necessidade de ler para compreender. Também, essa ocasião apresentava-se como uma oportunidade para, coletivamente, significar o texto, como na leitura partilhada.

Para essa família, a leitura fazia parte do cotidiano e a identificava. Os livros ficavam, e ainda estão, em uma estante na sala, reunindo nesse local as obras de todos os familiares. Mesmo com a saída das filhas de casa, Octavia relata que “*Tem nosso quadradinho lá [na estante] até hoje*”. Quando ela diz “*nosso*” refere-se ao espaço que ela e a irmã mais velha compartilham, sendo esta uma figura importante para a constituição leitora de Octavia.

Com essa irmã, cinco anos mais velha, trocava e troca livros ainda. Juntas, leram muitas obras de literatura juvenil, como da escritora Meg Cabot, histórias de vampiro e a saga Harry Potter. A influência dessa figura para a participante ainda é marcante, como quando, já com mais idade, a irmã também queria voltar a ler, “*eu [Octavia] comecei a ir junto com ela, como eu sempre fiz*”.

Como é possível observar no trecho a seguir, Octavia considerava a literatura como uma fuga para outros mundos e faz uma observação pertinente sobre a época na qual iniciou sua trajetória como leitora:

*Eu sempre gostei, sempre foi uma fuga boa, e a gente também não tinha tanto estímulo né? [...] Então o livro ele era isso. A gente não tinha acesso a streaming, não tinha o celular para... quando tu vê, tu perdeu uma hora da tua vida ali olhando reels, né? Não existia isso. Então, o livro era uma grande diversão, assim sempre foi.*

Diante do exposto, é possível perceber uma relação entre o uso do tempo e a dedicação para a leitura, além de, atualmente, desde a popularização da internet e dos *smartphones*, existir uma disputa entre diferentes objetos para a atenção. Ainda, na fala, observa-se que o livro era fuga, diversão e entretenimento.

Além do núcleo familiar, Octavia relatou ter se envolvido muito com a leitura na escola. Estudou em duas escolas públicas de Ensino Fundamental, no início dos anos 2000, que realizavam a hora do conto e levavam os estudantes à biblioteca.

*E tem uma memória que eu tenho marcada aqui. É de **O pequeno príncipe**, que foi quando ela [a professora] leu para gente **O pequeno príncipe**. E, cara, eu fecho os olhos. Eu lembro dela assim na roda, dizendo: “Vocês podem pegar esse livro várias vezes ao longo da vida de vocês e vocês vão ler e, cada vez que lerem, vocês vão interpretar de uma forma diferente”. E eu tenho isso gravado, sabe? Eu tenho a minha cópia de *O pequeno príncipe* hoje. Eu já li umas 2 ou 3 vezes.*

Nessas palavras, verifico a relevância da presença de uma professora mediadora de leitura, assim como no relato de Conceição. A professora de Octavia indicou para seus alunos a possibilidade da releitura, que é sempre nova, na medida em que apresenta aspectos que, antes, não tinham sido observados. O impacto da observação da docente, especificamente em relação à obra do francês Antoine de Saint-Exupéry, pode ser verificado não só pelas duas ou três releituras, mas pelo desejo de compartilhar essa experiência com outras pessoas, emprestando o livro para a sua mãe ler, o que evidencia, mais uma vez, a leitura como parte da rotina familiar.

Assim como Isabel, Octavia teve seu momento de “*virada*”, que a constituiu como leitora, por meio de obras juvenis. Como principal, a entrevistada destacou a escritora estadunidense Meg Cabot e, dentre os títulos da autora, a série *A mediadora*, alegando que foi “*um divisor de águas*”. Sobre essa saga, a participante da pesquisa salientou que “*era uma personagem feminina que era forte, que fazia coisas, e, ao mesmo tempo, tinha aquele romancinho, né? Você estava na pré-adolescência, adolescência ali, então faz parte*”. Diante disso, observa-se que, à época, era importante para Octavia a presença de uma protagonista independente e corajosa e, concomitantemente, de uma temática comum à adolescência, os relacionamentos amorosos.

Entretanto, depois desse momento, ao começar o Ensino Superior, houve uma modificação em sua relação com a leitura, dizendo que passou muitos anos sem ler um livro de literatura. Nesse período, leitura passou a ser estudo e trabalho, os livros eram essencialmente técnicos. Sobre isso, ela diz que “*pensava: tenho um tempo livre, o que eu vou fazer? Tá, eu*

*vou ler. Mas eu tenho que ler aquele livro ali do Paulo Freire, eu tenho que ler aquele outro livro ali de ecologia”.*

Ainda, após concluir a graduação, Octavia iniciou o mestrado, o que a manteve por mais tempo afastada dos livros de literatura. Só depois disso é que voltou a ler por prazer, fazendo isso por meio da saga de Harry Potter, como um movimento de retorno para recuperar algo que havia sido perdido. Para ela, a experiência foi positiva, sem demonstrar que o ato afetou negativamente a sua memória afetiva em relação à obra.

Hoje, a leitura, segundo Octavia, ainda é uma forma de desenvolver conhecimento: *“preciso aprender sobre determinada coisa então eu vou ler sobre isso”*. Contudo, também é um modo de se *“desligar do mundo e entrar naquela história”*, ou seja, ainda se aproxima da noção de fuga que a participante mencionou em relação à adolescência. Portanto, assim como para Isabel, Octavia vê na leitura uma forma de sair de si, da própria realidade, e entrar em outros contextos, que não impedem a existência de identificação.

Ainda, da mesma maneira que para as participantes anteriores, Octavia relata que o livro é um caminho para o vínculo com o outro, seja para a formação de novas relações seja para a manutenção de antigas. Ela afirma que os livros são *“uma zona fora de conflito”*, o que permite a constituição de um diálogo por meio da leitura.

Cabe destacar ainda a observação de Octavia sobre as especificidades de sua relação com a leitura. Ela relata ler devagar, explicando que, por vezes, não consegue ler um livro do cronograma do Leia Mulheres, porque começou outra leitura. Nesse sentido, ela indica que resiste a um comportamento quantitativo quanto aos livros e manifesta não querer *“produzir leituras”*. Com isso, aponta que ler literatura demanda outro ritmo, particularmente diferente daquele em que diariamente há novos lançamentos e acúmulo de curtidas em redes sociais. Assim, a leitura demanda tempo, progressões e retornos.

Concluo que, para Octavia, a leitura ocupa um lugar de fruição principalmente. Essa noção é reforçada por sua justificativa sobre quando não comparece aos encontros do Leia Mulheres nos casos em que as obras são de difícil acesso ou/e estão disponíveis apenas de forma virtual, alegando que: *“eu não leio no computador, porque ler no computador é trabalho”*. Por conseguinte, o formato da leitura afeta a relação com a obra, uma vez que ler tem diferentes funções, e cada uma destas corresponde a um formato determinado, sendo o livro físico, para Octavia, um objeto atrelado ao prazer de ler.

### 3.1.4 Daniela

Daniela, professora universitária de 47 anos, diz, sem hesitar: “*Eu achava que a biblioteca da Feliz era minha*”. Feliz é um município pequeno do interior do Rio Grande do Sul, onde a entrevistada passou a sua infância, a qual se desenvolveu com idas sozinha até a biblioteca, que estava geralmente vazia. Foi por meio desse espaço que Daniela teve acesso à obra *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, cujos detalhes de sua materialidade ela ainda guarda na memória: “*12 volumes, na capa dura verde, que era grande, tinha a Narizinho na frente*”. A descrição precisa do objeto sinaliza o afeto para com a primeira coleção lida, ainda criança. Depois, surgiu o suspense de Agatha Christie, autora que acompanha ainda hoje, dizendo que é “*leitura para fazer a cabeça, para não pensar em nada*”.

Além do ler como entretenimento, Daniela também coloca a prática como um modo de estabelecer o seu mundo, o seu lugar. Lendo “*desde pequena, desde criança*” e sendo mais introvertida, a leitura apareceu como uma forma de amparo em relação aos esportes e às aulas de educação física, quando ficava evidente o seu deslocamento nesse espaço.

Também, a leitura era uma forma de Daniela se relacionar, especialmente, com a irmã sete anos mais nova, para quem lia *O grande livro das fábulas encantadas*, presente da mãe que, de tão usado, perdeu a lombada. Sua mãe era professora e, por isso, provavelmente, viabilizou o acesso das filhas aos livros desde muito cedo, retirando, inclusive, obras das bibliotecas das escolas onde atuava. Contudo, ela “*trabalhava de manhã numa escola, de tarde em outra e fazia faculdade de noite*”. O tempo, portanto, era escasso para que pudesse se dedicar a contar histórias para as filhas, com isso, coube a Daniela esse papel.

Se a biblioteca municipal de Feliz não era sua, embora fosse como uma extensão de sua casa, quando Daniela ingressou no mercado de trabalho, em uma instituição de Ensino Superior, pode iniciar a constituição da própria biblioteca, alegando que “*comprava livros em três vezes, com desconto em folha*”, uma facilidade advinda do fato de a universidade dispor de sua própria livraria.

No que se refere à aquisição de livros, cabe salientar que Daniela revela não ter lido todos os exemplares que possui, possivelmente nem a metade deles. Mas ela diz estar feliz “*sabendo que eles [os livros] estão lá, que quando [ela] quiser, eles estão lá, que quando não souber o que ler, [ela tem] opções*”. Para Daniela então, a construção de uma biblioteca não está atrelada ao esgotamento das suas possibilidades leitura, mas se trata da liberdade de escolher a próxima história.

Porém, foi só na pandemia da Covid-19 que a entrevistada começou a comprar mais obras, quando a biblioteca de sua casa cresceu propriamente. Esse momento também implicou um aprofundamento de sua prática de leitura, passando a estar atenta à qualidade da produção do livro, observando a editora e o trabalho de tradução, por exemplo.

Daniela ainda afirma ter fases de leitura, nas quais se dedica a ler sobre assuntos específicos. Na faculdade, leu muito sobre popularização e história da ciência e, recentemente, passou a se dedicar aos livros que falam sobre livros. Quanto aos gêneros, a participante a ponta que, antes do *Leia Mulheres*, lia pouca ficção, atribuindo ao grupo a razão para ter modificado isso, lendo mais escritores/as contemporâneos/as.

A noção de trajetória leitora pode ser observada em um comportamento da própria Daniela, ao relatar que há obras que “*moram no [seu] quarto*”. É o caso de Erico Verissimo, Moacir Scliar, Assis Brasil e Josué Guimarães, autores gaúchos que compuseram o seu repertório de leitura. Como modo de registrar seu carinho por esses escritores, a participante da pesquisa levou-os para o quarto, sinalizando a intimidade que construiu com eles ao longo dos anos e a importância que têm em sua vida.

Essa dimensão afetiva da leitura está tão presente na vida de Daniela que se inscreve em seu corpo por meio de tatuagens. Além das que já possui com referências ao universo literário, na entrevista, ela expressou que deseja fazer mais uma, com a seguinte frase do escritor George Martin: “*I have lived a thousand lives and I’ve loved a thousand loves. I’ve walked on distant worlds and seen the end of time. Because I read*”<sup>5</sup>. Evidencia-se, com isso, que a leitura compõe o entendimento que a entrevistada tem sobre si mesma, de modo que “[*lê*] porque sempre [*leu*]”, isto é, trata-se de sua constituição como indivíduo. Nesse sentido, ela esclarece: “*É uma parte muito, muito importante de mim. Eu não me vejo sem ler. Eu não me vejo sem estar com livros por perto, de verdade, é natural*”.

Apesar disso, Daniela igualmente relata que a sua relação com a leitura não é linear, como também não era para Isabel e Octavia, que se afastaram da leitura em razão da pós-graduação. Ao dizer “*Não conseguia me concentrar. [...] Porque eu pegava um livro para ler e, quando eu via, eu não lembrava o que eu tinha lido, sabe? Aí volta e aí vai de novo. Daí não, né? Eu achei melhor dar uma parada*”, a participante expressa que, embora considere indispensável para si, manter a prática de ler pode ser um desafio, visto que integra um contexto mais amplo, tudo aquilo que faz parte da vida de uma pessoa. Por vezes, surgem outras prioridades, questões graves a serem resolvidas ou um cansaço imobilizador, circunstâncias que

---

<sup>5</sup> “Eu vivi mil vidas e amei mil amores; andei por mundos distantes e vi o fim dos tempos, porque eu li” (tradução própria).

impedem mesmo uma leitora convicta de ler. A leitura, portanto, possui ritmos diversos ao longo da vida.

Ainda assim, é importante destacar que, para Daniela, a leitura foi um caminho de retorno a si, e o Leia Mulheres fez parte disso. Após a maternidade, com o crescimento do filho, e a estabilidade profissional, ela sentiu falta de seu espaço, afirmando que *“não, minha vida não é só meu trabalho, não é só o meu filho”*. A partir dos livros então, foi possível se reencontrar, mas não só isso, constituir novos vínculos também. Logo, Daniela, assim como as demais entrevistadas, observa que o livro é uma ponte até outras pessoas, por meio deles, encontrou a sua *“turma”*.

### 3.1.5 Eliane

De uma cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul, Eliane, advogada e servidora pública, com 36 anos, passou a infância em uma fazenda onde o pai trabalhava como peão. Longe dos grandes centros, os livros eram poucos, limitavam-se àqueles doados pelos fazendeiros, os quais Eliane lia e relia atentamente, embora as narrativas fossem de romance e suspense, não muito apropriadas para sua idade, segundo ela.

Seu pai foi uma figura importante para a construção de um vínculo com a leitura, como um livro-vivo (Ramos, 2010), o que pode ser observado quando diz que: *“Lá em casa, iam muito as minhas primas. Sempre tinha algum grupo de crianças, daí ele fazia um momento de contação de história e de tomar chimarrão”*. Eram narrativas orais de assombração e da vivência do campo, apresentando à Eliane o espaço próximo, o conhecido, e aquilo que escapava ao seu entendimento, a tal ponto de, ainda hoje, gostar bastante de suspense, mesmo que a partir de outras mídias.

Nesse contexto interiorano, os livros se estabeleceram, desde o início, para a entrevistada, como uma janela que descortinava novos horizontes: *“não tinha televisão, não tinha informática, não tinha internet, não tinha nada, né? Era um contato com o mundo”*. Nota-se, então, que Eliane, por meio da literatura, descobriu uma forma de conhecer, entrar em contato e desenvolver uma compreensão sobre diferentes assuntos. Perante a falta de incentivo e de recursos, foi a sua curiosidade que a levou a construir sua trajetória como leitora, buscando esclarecer, por exemplo, assuntos considerados tabus à época e vendo na biblioteca uma possibilidade para tanto: *“eu acessava [a biblioteca] porque eu tinha várias curiosidades”*.

No espaço em que habitava, a leitura não era considerada algo essencial, o que pode ser constatado na seguinte fala:

*teve um momento que minha mãe brigava para soltar os cadernos, porque eu não queria fazer as tarefas da casa e queria ficar lendo. Ai teve um tio meu, que era de Porto Alegre, que disse: “Olha, os outros pais costumam ter que brigar para pegar os cadernos. Tu tem que dar graças a Deus.” E daí ela parou (Eliane).*

Diante da situação narrada, é possível refletir acerca do que poderia ser considerado um comportamento apropriado para uma menina do interior. No caso, indica-se que seria o desempenho de atividades domésticas e a permanência no espaço privado. Sem culpabilizar a mãe pela repreensão à filha, visto que a experiência materna levava a tal direção devido ao contexto social, precisa-se destacar que, não há muitos anos, as expectativas quanto às funções a serem desempenhadas pelas mulheres eram outras (e algumas ainda persistem), impactando a constituição de um percurso como leitora, dentre outros aspectos de suas vidas. Foi a intervenção do tio que interrompeu a restrição materna. Ainda que não se saiba se a persistência de tal comportamento da mãe teria de fato extinguido o vínculo da criança com os estudos e a leitura, é preciso considerar que o gênero interfere no desenvolvimento de uma trajetória como leitora.

Essa leitura como modo de conhecer permanece com Eliane, o que pode ser constatado em sua fala sobre a obra *E se eu fosse puta*, de Amara Moira, que traz relatos das vivências da autora como prostituta: *“Um universo que eu sempre quis saber, conhecer”*. O livro foi lido no Leia Mulheres em Caxias do Sul, em 2024, havendo um bate-papo com a escritora na 40ª Feira do Livro do município, ocasião que oportunizou, inclusive, que Eliane prosseguisse com a leitura após esclarecimentos realizados por Amara Moira.

Unindo *“a necessidade com o prazer”*, para a entrevistada, leitura, hoje, também é sinônimo de trabalho. Sua profissão como advogada exige que esteja constantemente lendo. Para além desse significado, como ela relata, a leitura literária *“sempre tem essa parte assim de [se] misturar também na história”*. Essa manifestação revela que, ao ler, vivencia uma experiência de troca com o que está sendo narrado, realizando dois movimentos: de diferenciação e de identificação. Ambas as ações se relacionam com o que disse Daniela, ao citar George Martin, sobre ler e viver o que os personagens vivem, mas se apropriando da história também.

Nesse sentido, Eliane reforça: *“É assim como meu pai contava lá nas histórias dele, sabe? Que quem enfrentava aquelas assombrações era ele. Eu acabei exercitando bastante isso nos livros, me transformando no personagem ou não gostando do personagem”*. A entrevistada

reitera a perspectiva de outras participantes sobre os movimentos da leitura, acrescentando, porém, a noção de fusão, apropriação com o que foi narrado.

### 3.1.6 Lygia

*“Não lembro quando eu comecei assim, então é meio que sempre esteve lá”*. É isso que Lygia, bacharel em Direito, professora de inglês, com 36 anos, responde quando questionada sobre o momento em que iniciou sua trajetória como leitora, semelhante à Daniela, que pensava que a biblioteca municipal era sua, que lê porque sempre leu. As circunstâncias dessa presença podem ser mais compreendidas pelo fato de que sua família *“sempre teve muito livro em casa”*, bastante pela influência da mãe, que a participante considera uma *“acumuladora de livros”*. Provavelmente, seja essa a razão para Lygia ter ido para a escola já alfabetizada e ser tão próxima da leitura a ponto de ler, com antecedência, os textos dos livros didáticos.

Como Conceição, Lygia foi uma leitora de gibis, especialmente, da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa. Contudo, foi *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, que parece ter sido uma narrativa marcante, possivelmente, em decorrência da forma com a qual o romance chegou à entrevistada. Este foi indicado pela mãe, que, por sua vez, leu-o a partir da recomendação da própria mãe, avó de Lygia. Portanto, a leitura perpassa diferentes gerações dessa família, especialmente, as mulheres que a compõem, e é motivo de vínculo entre a participante da pesquisa e sua mãe.

Diante disso, da importância da figura materna e da perspectiva do gênero atrelada a este estudo, cabe considerar a reflexão de Lygia sobre a trajetória como leitora dessa mulher. Professora dos anos iniciais, é provável que sua profissão tenha contribuído para incentivar seus filhos a lerem. Todavia, para ela, a leitura comportava um aspecto pessoal: a preservação da sua subjetividade. Quando essa mulher casou e tornou-se mãe, além de deixar o mercado de trabalho formal, a prática de ler foi também afetada, gerando falta:

*[...] retomando a leitura, ela disse: “Cara, era isso que me faltava, sabe?”. Enfim, né? Vida de naquela... Numa geração para trás. As relações não eram as melhores. Então não tinha “ai vou ler”, que nem eu agora, “acabou, acabou, vou ler me esquece”. Já não é fácil assim [para a própria Lygia]. Então ela teve. Foi muito marcante essa pausa que ela teve que dar ali (Lygia).*

A presença da leitura na vida da mãe de Lygia parece demarcar um espaço para a subjetividade. De igual forma, foi para Daniela, que afirmou:

*Eu queria, gente... Ai eu queria sair de grupo de mãe de criança, que só falava em criança. Falando sério mesmo, eu queria falar com gente adulta, que tivesse interesses parecidos com os meus, sabe? Acho que era um pouco isso. É um pouco doido isso, até porque vocês mais novos, talvez seja até difícil de entender, mas era um pouco assim de eu começar a retomar minha individualidade, sabe? Depois de ter sido mãe, depois de ter passado por muito perrengue de trabalho, sabe? Era tipo: cadê a Daniela? (Daniela).*

Assim, Daniela corrobora o relato que Lygia fez em relação à própria mãe. Ainda que aquela tenha permanecido no mercado profissional, ambas viram suas vidas serem modificadas pela maternidade e sentiram também desconforto com essa mudança. Apesar de, como já dito, ser esperado que os ritmos de leitura sejam afetados pelos ritmos da existência, sabe-se também que o desempenho do cuidado com os filhos e de atividades domésticas está principalmente atribuído às mulheres, impactando, em consequência, essa prática. Reitera-se, com isso, que ler relaciona-se com as questões de gênero, porém, sem ser apenas no sentido de que ler é uma ação permeada por desafios sociais impostos às mulheres. A leitura é também um caminho para a preservação da individualidade das leitoras, e o *Leia Mulheres* potencializa esse aspecto ao reunir majoritariamente mulheres, figuras que compartilham essa e outras vivências, ainda que nem todas sejam mães.

Repete-se, na fala de Lygia, a noção do livro que é ponte, um modo de alcançar o outro. De modo especial, ela cita o vínculo com a mãe, nesse sentido: *“a gente vai na Feira do Livro, vai nessas coisas sempre juntas assim para... É um vínculo, um negócio nosso assim”*. É dessa forma que Lygia e sua mãe oportunizam a manutenção de sua relação, embora, hoje, já não compartilhem tanto do gosto pelo mesmo gênero literário.

Além desse caráter relacional, a leitura, para Lygia, diz respeito à sua propensão à introspecção, sendo também um modo de retorno a si. Ela diz: *“Hoje, eu leio para ter paz, para ficar em silêncio”*. Nessa direção, a participante faz uma observação pertinente sobre o ato de ler contemporaneamente: no meio de tantas demandas do cotidiano, da velocidade com a qual as respostas precisam ser dadas, lendo, instaura-se outro tempo. Dessa forma, Lygia, similar à sua mãe, resguarda sua subjetividade, apesar de as exigências com que precisa lidar serem outras.

Portanto, Lygia, introspectiva, reconecta-se consigo a partir da leitura. Assim, ela silencia as demandas ao redor, separa um tempo para si e, também, para saber de outros. Mencionando o silêncio, a entrevistada indica um aspecto importante para a leitura, especialmente, a leitura partilhada: a escuta. Ler requer silenciar e é uma maneira de escutar, e a leitura partilhada também o é na medida que se trata de ouvir a narrativa na perspectiva do

outro. Conforme salienta Lygia, o Leia Mulheres oportuniza isso de modo especial, sendo este um de seus momentos preferidos com o grupo.

### 3.1.7 Clarice

*“Tem crianças que encontram o seu lugar nisso”*. Foi então na leitura que Clarice, que tem 28 anos e é servidora pública, encontrou o seu espaço, assim como aparece no relato de outras participantes. Esse caminho para o pertencimento, por meio dos livros, a entrevistada descobriu por conta própria, uma propensão que já a acompanhava e que só esperava uma oportunidade para se desenvolver, conforme afirma.

Isso aconteceu na sua pré-adolescência, quando, de forma similar a outras leitoras, Clarice começou a ler as obras de Harry Potter, após ter sua curiosidade despertada por uma amiga de escola. Seu irmão mais velho havia ganhado o primeiro volume de presente de aniversário, e, instigada pela amiga, Clarice leu o livro.

*E eu lembro muito do dia. Tipo assim muito do dia que eu peguei o livro para ler. Eu lembro. A minha mãe já trocou 500 vezes de sofá. Eu lembro do sofá que eu li o livro, e ele era de uma das primeiras edições, eu acho. Ele estava até já meio mofadinho em cima porque ele não pegou e não passava pano, não limpava os livros. E aí li. E eu lembro que eu terminei de ler. Eu li muito rápido. Eu acho que eu li em dois dias.*

Assim, mais uma vez, a saga de Harry Potter aparece como a responsável pela concretização da trajetória leitora dessas mulheres. Como outras, Clarice já lia antes, ela cita os romances da escritora Meg Cabot. Porém, é com a narrativa de Harry Potter que ocorre essa mudança de ler muitas páginas em um dia e adotar essa prática cotidianamente.

A relevância disso é observada pela própria entrevistada, quando ressalta o fato de lembrar do sofá no qual leu a obra e das condições materiais do livro. Com humor, ela conta que pediu para a sua mãe os próximos volumes, que comprou os dois seguintes. Contudo, embora feliz em poder já ler duas obras em sequência, ficou muito chateada porque uma delas estava com defeito, ainda que não interferisse na leitura. A sua mãe explicou que recebeu desconto por isso, todavia, Clarice *“queria ter o livro perfeito”*, indicando, desse modo, o afeto que construiu pela história, o que se expandiu para a materialidade da obra.

Essa lembrança é a que a entrevistada apresenta como o momento em que estava *“maluca por ler”*. Uma intensidade que se repetiu em outras falas das participantes desta pesquisa, sem ser possível desconsiderar, portanto, o impacto da referida série para a formação de leitores. Também, cabe salientar a influência do cinema nisso, que serviu como divulgador

da história e aprofundou o vínculo com ela. Tal aspecto pode ser observado no relato de Clarice, que alega que seu objetivo era “*ir na pré-estreia tendo lido todos, até o sétimo*”. Além disso, outras coleções foram citadas por ela, como *A mediadora* e *Crepúsculo*, que foram lidas também por Octavia, confirmando que há um aspecto geracional implicado na leitura desses textos, visto que ambas as participantes têm a mesma idade.

Clarice não observa que tenha sido afetada pela influência de terceiros na sua constituição como leitora. Ela diz que: “*eu achei sozinha mágico, porque eu falava ‘caramba, estou lendo e eu estou fazendo tudo na minha cabeça’*”. Ciente da potência imaginativa do ato ler, argumenta que nenhuma outra atividade se compara a isso, de modo que não precisou de outros incentivos para ser leitora.

Apesar disso, sua mãe, professora universitária, ainda que lesse textos técnicos e teóricos, pode ter naturalizado essa prática no cotidiano de Clarice. Também, mesmo sem se prolongar muito, essa figura, atendendo a um pedido da filha, contava a história de algumas princesas com alterações cômicas: “*ela falava a história da Branca de Neve. Só que daí, quando o príncipe ia beijar, ela tinha bafo. E a da Cinderela, quando ele ia colocar o sapatinho, ela tinha chulé*”. Considero que, de algum modo, esses momentos podem ter afetado a construção da trajetória leitora da participante.

Houve um período que a entrevistada lia tanto e até tão tarde que a mãe a recriminava, justificando que era por isso que Clarice sonhava tanto. Mas também houve um momento de ler pouco, durante o Ensino Médio, o que só foi modificado com a entrada na universidade, onde retomou a prática. Esse retorno foi atribuído por Clarice aos *booktubers*, pessoas que se dedicam a divulgar e analisar livros em canais do *YouTube*. Com isso, ela voltou a ler mais e passou a incentivar também amigos e colegas a lerem, indício de um desejo de compartilhar leituras.

A importância de ler para Clarice reverberou em sua vida profissional, quando o reforço para sua contratação veio ao falar do último livro que havia lido, à época: “*ele [o futuro chefe] olhou para mim diferente na hora, porque eu lia*”. Assim, resta evidente a importância que ler tem em determinadas áreas, como o Direito, e, principalmente, o prestígio ao qual essa prática pode estar atrelada. Isso também é reiterado pelo reconhecimento que a mãe de Clarice manifesta: “*Eu sei que a minha mãe tem orgulho. Eu lembro que uma vez ela conversou com uma amiga dela falando que eu lia muito e ela falou de um jeito bem tipo: ‘nossa, olha, a minha filha lê muito’*”. Logo, ler é motivo de diferenciar e valorar alguém, atribuindo-lhe certa admiração.

Para Clarice, a leitura está bastante associada ao gosto pelo exercício criativo: “*eu acho que nada faz com que a minha cabeça funcione do jeito que a leitura faz e que me ensine desse mesmo jeito. Nada*”. Diante disso, observo que a entrevistada considera o livro como uma oportunidade de criar, estando implícito o movimento de sair do que é familiar e entrar em outros espaços. Também, há em sua fala, bem como nas de outras participantes, o entendimento de que ler vincula-se à construção do conhecido.

### 3.1.8 Camila

Camila guarda até hoje o seu exemplar de *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato. Para além de ser a primeira obra do autor lida por ela, uma leitura obrigatória da escola em que estudava, o livro está conectado à lembrança do passeio que fez com a mãe para adquiri-lo. Na livraria pequena que havia em sua cidade natal, São Sebastião do Cai, não se encontrava a obra. Isso levou mãe e filha a uma viagem de ônibus, de 64 km, até Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Graduada em Letras, professora do Ensino Superior, é possível considerar a existência de uma relação entre o compromisso da mãe com a educação da filha, sinalizado pelo empenho na obtenção do livro, e o percurso profissional e como leitora da entrevistada, embora ela relate que seu pai é quem era leitor, dedicando-se especialmente aos jornais e livros sobre história.

Se, com sua inserção no mercado de trabalho, a leitura tornou-se o objeto de estudo sobre o qual realiza sua prática profissional, antes, na infância, estava muito atrelada ao entretenimento. Nesse período, lia especialmente as obras da Coleção Vaga-lume, que retirava na biblioteca da escola, disputando os exemplares com outros colegas de aula. Em sua trajetória, o espaço escolar foi importante para incentivar a leitura, com atividades voltadas a isso, dentre elas, a produção de um livro, quando esteve, pela primeira vez, na posição de autora. Com isso, constato efetivamente a constituição de um percurso de vida vinculado à leitura, visto que, na data da realização da entrevista, logo em seguida, Camila faria o lançamento de um livro de que era a organizadora.

Para a participante, sua existência é permeada pela leitura. Isso faz com que os livros estejam em diferentes âmbitos da sua vida, de tal modo que abarcam um desejo de envolver outras pessoas nessa prática. Indício disso é a própria escolha profissional e o movimento de levar para as suas aulas obras que lê por escolha pessoal. Outro indicativo pode ser constatado no gesto de dar para o seu filho o seu exemplar de Monteiro Lobato ou o seu já citado primeiro

livro, que se misturou com os de sua filha, sinalizando, com isso, a sua dedicação para a formação de leitores.

Em sua atividade profissional, revela a impossibilidade de separar estritamente o que lê para si e para o trabalho, levando o mesmo texto para ambas as áreas. Nessa perspectiva, mesmo quando está no Leia Mulheres, grupo que frequenta não como trabalho, é chamada de “*prof.*”, ainda que não queira. Além disso, obras lidas no grupo entram em sua sala de aula, são apresentadas aos alunos, o que demonstra sua preocupação em diversificar o processo formativo dos estudantes, não se limitando a sugerir obras clássicas.

Para Camila, a leitura é um modo de se “*transportar para aquele mundo que está ali, [...] que [lhe] proporciona outras coisas, outras vivências*”. Trata-se, portanto, de uma prática que permite deixar sua realidade, sair um pouco de si e conhecer outros contextos, além de ser seu instrumento de trabalho.

### 3.1.9 Elena

A entrevista com Elena, advogada, 39 anos, iniciou com a justificativa para sua ausência no Leia Mulheres em Caxias do Sul, no ano de 2024. Ela disse que seu marido foi muito mais fiel ao grupo de leitura, sendo ele também quem insistiu para que começassem a frequentar os encontros, em 2023. A redução na participação é uma evidência de que os ritmos da leitura acompanham os ritmos da vida, lê-se mais ou menos dependendo do que se está passando.

Essa influência pode ser constatada também a partir da razão pela qual Elena voltou a ler sobre filosofia. Uma vez que seu último ano foi atribulado, esses textos, que já a auxiliaram “*bastante a entender algumas nuances da vida*”, poderiam, conforme acreditava, voltar a fazê-lo. Ela buscou, então, em *Sobre a brevidade da vida*, *Meditações de Marco Aurélio* e *Cândido, ou o Otimismo*, um modo de lidar melhor com os desafios que estava vivenciando.

No entanto, Elena não deixou de frequentar o grupo, porque não havia lido as obras. Ela acredita que a experiência de participar é interessante pelas manifestações das outras pessoas, que revelam uma perspectiva diferente ao se manifestarem. Nesse sentido, para ela, por um lado, a leitura é identificação, e “*você não se sente assim sozinha no mundo*”, porque encontra personagens e situações semelhantes as quais já vivenciou, concluindo que: “*Poxa, isso não acontece só comigo*”. Por outro lado, observa que leitura é também ampliar horizontes, “*às vezes é te dar outra perspectiva para a mesma situação*”, portanto, um aprendizado que se obtém a partir do outro.

Com a leitura partilhada, esse aspecto é aprofundado na medida que é uma pessoa que apresenta a sua visão sobre o que foi lido, por meio de sua experiência de vida. Esse movimento é chamado por Elena como “*a magia da interpretação*”, explicando que: “*eu vou ler também de acordo com a minha experiência de vida. E com outras pessoas, elas vão aplicar a experiência delas. E trazem outra visão também*”.

Nessa direção, a entrevistada aponta para a vulnerabilidade implicada nesses momentos de leitura partilhada, narrando uma experiência negativa que vivenciou em outro grupo de leitura, no qual teve seu relato silenciado e sua experiência desvalidada por não corresponder à compreensão majoritária do grupo em questão. Elena defende que “*a gente tem que acolher todas as experiências. Não necessariamente a minha é igual a delas [demais participantes do referido grupo] ou a delas é igual a minha*”.

Destaco, diante disso, a fragilidade desses momentos de construção coletiva de sentido, visto que a exposição de um ponto de vista parte de um lugar subjetivo. Lemos com tudo que somos e, ao conversarmos sobre uma obra, falamos também sobre nós mesmos. Felizmente, devido à sua vivência com outro grupo de leitura, o Leia Mulheres em Cuiabá, que foi positiva, esse acontecimento ruim não a impediu de participar do Leia Mulheres em Caxias do Sul.

Associado ao movimento de ler para aprender com o outro, existe também a procura por satisfazer certa curiosidade. Foi assim que leu, na adolescência, uma série de revistas sobre a biografia de compositores de música clássica, as quais eram de uma prima bibliotecária, que morou junto com sua família. Essa figura foi destacada pela entrevistada como fundamental em sua trajetória leitora, sendo quem a apresentou para o ler “*por prazer*”, como afirma. A força dessa influência pode ser verificada no fato de Elena ainda guarda o exemplar de *A visitação do amor: uma história mágica em dó maior*, com o qual a prima presenteou-a após receber uma doação.

Além desse título, menciona *O mundo de Sofia*, que leu na adolescência, como uma obra marcante, já sinalizando sua inclinação para a Filosofia. Essa propensão foi reforçada também pela presença de uma amiga que era estudante dessa área e com quem compartilhava muitas leituras. Dentre elas, havia literatura, mencionando, com pesar, o exemplar de *Alice no país das maravilhas*, presente dessa amizade, o qual foi emprestado, mas nunca devolvido. Por conseguinte, livros são objetos de afeto, especialmente, se possuem dedicatória, como era caso.

Nesse período em que estava na faculdade, leu muitas obras, dentre as quais, algumas com leitura partilhada, citando as de Paulo Freire. Foi nesse momento que ler passou a ser

também estudo, uma forma de construção de conhecimento, o que se seguiu em razão de seus estudos para concursos públicos.

Esse fato também influenciou a sua prática de leitura no que diz respeito ao formato dos livros. Com as mudanças constantes em decorrência de aprovações para cargos em diferentes estados, os livros físicos foram ficando difíceis de transportar. A solução para não abandonar a leitura foi a aquisição de um *Kindle*. Muito embora seu marido tenha resistido, argumentando sobre os fechamentos das livrarias, hoje, o casal e demais amigos formam o que Elena chamou de “*seita do Kindle*”, de tão defensores que são desse instrumento. Desse modo, saliento que, ainda que a própria entrevistada observe a “*magia do folhear o livro*”, os *e-readers* facilitam a manutenção da presença da leitura.

Por fim, é preciso mencionar um aspecto que Elena acrescenta sobre o ler para conhecer, referindo-se como um modo de prevenção para saber lidar com situações, muitas vezes, adversas que surgem na realidade. Segundo ela, “*a gente tem que estar preparado para tudo na vida*”, e, com a obra *Dias de abandono*, de Elena Ferrante, indicada pelo seu marido após constar no cronograma do Leia Mulheres em Caxias do Sul, a entrevistada pôde refletir sobre as suas circunstâncias de vida. Assim, a suposição de um acontecimento por meio da arte oportuniza a experiência do que está sendo narrado, preparando, de certo modo, o indivíduo para as possibilidades que o texto apresenta para além da ficção.

### **3.1.10 Caminhos cruzados: um panorama das trajetórias das leitoras**

Diante do exposto nas seções anteriores, noto que, para algumas participantes, os livros estiveram dentro de casa desde sempre, em abundância ou poucos exemplares. Para outras, a sua aquisição só foi possível a partir da entrada no mercado de trabalho. Apesar disso, as entrevistadas compartilham o fato de, ainda na infância e na adolescência, já serem leitoras. Saliento, inclusive, que, majoritariamente, a ocorrência do distanciamento da leitura deu-se na vida adulta, por questões diversas: profissionalização, cursos de graduação e pós-graduação, questões de doença, relacionamentos interpessoais, maternidade, entre outros acontecimentos. Isso demonstra que, imbricada no cotidiano das pessoas, a leitura acompanha os ritmos da vida.

Em alguns casos, havia a literatura oral, seja por meio da leitura em voz alta, seja pela contação de história. Embora, na maioria dessas ocasiões, a prática acontecesse com um mediador, em seu relato, Octavia mostra que é possível atribuir esse papel ao/à leitor/a iniciante, uma vez que era ela quem contava as histórias para os pais e os avós. Além disso, em sua fala,

também revela que ler para alguém mobiliza outras competências, que podem afetar a compreensão textual quando a fluência na leitura ainda está em desenvolvimento.

Outra perspectiva sobre os modos de ler que surgiu a partir das narrativas das leitoras envolve a influência da materialidade do livro. Há quem não renuncie aos livros físicos, mas há quem só conseguiu manter-se lendo, durante os diferentes momentos da vida, devido aos *e-readers*, como o Kindle. Também, cabe salientar a consideração de Octavia, para quem “*ler no computador é trabalho*” (Octavia).

Ainda sobre o livro como objeto, observei, nas declarações, diferentes modos de se relacionar com ele. Clarice frustrou-se com a mãe que adquiriu um exemplar da série Harry Potter com defeito, tamanha era sua afeição pelo enredo. Já Daniela e a irmã mais nova leram e manusearam tanto *O grande livro das fábulas encantadas* que acabaram por danificar o exemplar. Contudo, para ambas, haja vista que Daniela guarda a referida obra e quer reformá-la, trata-se de um artefato afetivo. E não só para elas: Elena ressentia-se ainda pelo *Alice no país das maravilhas*, que emprestou e nunca retornou – era presente de uma amiga querida –; Conceição conserva ainda consigo *As primaveras*, de Casimiro de Abreu, que sua mãe declamava e “*tem aquela capa de madrepérola de tão antigo que é*” (Conceição); e Camila, que guarda o seu exemplar de *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, o qual desejou compartilhar com o filho e a filha.

Além dos livros, para muitas participantes, a leitura ocorre por meio de outros instrumentos ou é afetada por outras mídias. Lygia leu muitas revistas de histórias em quadrinho, assim como Conceição, que, além disso, tinha acesso aos jornais do pai e ouvia as novelas transmitidas pelo rádio. Já Elena expandiu a leitura de periódicos para as áreas de filosofia e música clássica. Também, destaco a influência do cinema, que fomentou o interesse literário de Isabel e Clarice, por exemplo.

Ouvindo, transcrevendo e narrando as trajetórias das participantes desta pesquisa, tive a oportunidade de perceber os diferentes significados que a leitura pode ter. Para muitas, especialmente aquelas que são professoras e advogadas, a maior parte delas, ler é uma prática profissional. Nessa mesma perspectiva, a leitura aparece como um modo de profissionalização, uma maneira de se aperfeiçoar, acessando novos conhecimentos. No caso das professoras de literatura, Conceição e Camila, há uma particularidade: a impossibilidade de separar o que é trabalho e o que é leitura pessoal. Assim, adentram as salas de aula os textos que, de algum modo, mobilizaram-nas em suas vidas privadas.

Para além disso, a leitura foi citada também como entretenimento. Nesse sentido, ela aparece como um movimento de sair de si, deixar a própria realidade, sendo uma “*fuga boa*”

(Octavia). Porém, esse abandono do conhecido não necessariamente está relacionado à distração. Ele pode ser associado ao desejo de conhecer outros ambientes e outras existências, diferenciando-se dos demais sujeitos e aprendendo com eles. Nisso, verifico a presença da curiosidade e o desejo de ampliar horizontes, como para Eliane, que ficou satisfeita com o encontro do Leia Mulheres em Caxias do Sul, com Amara Moira, a qual oportunizou, a partir de sua obra *E se eu fosse puta*, o acesso a um contexto até então desconhecido pela entrevistada.

Entretanto, concomitantemente, ler também gera identificação, uma vez que as participantes relatam ver-se no que é narrado. Conceição atesta esse efeito quando reconhece que se coloca no lugar das próprias dores a partir da literatura. Já Isabel dá contorno aos sentimentos e pensamentos que mal compreende – *“Eu nem sei pelo que ela está passando! Mas eu estou me identificando com os sentimentos que ela está narrando!”* –, demonstrando a dimensão do sentir atrelada ao ato de ler, o que não prescinde de racionalização, visto que se trata de uma experiência estética e artística. Além disso, há o pertencimento gerado pelos livros, reduzindo o sentimento de solidão, mencionado por algumas das leitoras. Existe a definição de um espaço que é seu e que, de algum modo, determina-as, ao qualificá-las como leitoras.

Relaciona-se a isso o apontamento de Lygia sobre a leitura ser um gesto de silenciamento e de suspensão das demandas do dia a dia, isto é, o momento de ler está associado a um tempo para si. Nesse sentido, constato que ler é uma forma de preservação da própria subjetividade, o que é reforçado pelas vivências da mãe de Lygia ou pelo relato de Daniela sobre a maternidade e sua vida profissional. Essas mulheres encontraram nos livros um caminho de retorno a si após se dedicarem, por um longo período, às tarefas de cuidado do outro, o que evidencia a influência dos papéis atribuídos à mulher na sua relação com a leitura.

Nessa perspectiva do gênero, ressalto que, quando houve incentivo ao ato de ler por terceiros, isso aconteceu majoritariamente a partir de mulheres. Foram mães, professoras, tias, primas e irmãs que, de diferentes modos, colocaram as obras literárias nos percursos das participantes, embora haja entrevistadas cujas trajetórias como leitoras tenham se constituído por inclinação pessoal ou por incentivo paterno. Ainda que a amostragem desta pesquisa seja pequena, é possível afirmar que são as mulheres as principais mediadoras de leitura, possivelmente, por serem as responsáveis pelas atividades de cuidado.

Destaco, ainda, a leitura como exercício criativo, conforme abordado pelas leitoras. É o que se observa no relato de Isabel sobre *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez: *“na minha cabeça, se criavam cenários, tipo, eu sentia sensações”*. Com isso, é possível verificar uma das características da realização de uma experiência de leitura literária, a constituição mental de um contexto criado por meio de palavras. Esse aspecto é reforçado pela

fala de Clarice, que indicou a potência do exercício criativo que a leitura proporciona ao afirmar: *“caramba, tipo, estou lendo e eu estou fazendo tudo na minha cabeça!”*.

Essa força imaginativa viabilizada pela literatura não se restringe ao âmbito ficcional, mas pode afetar a realidade concreta justamente pela possibilidade de criar mundos, inclusive, no que se refere à desigualdade de gênero. De certo modo, é o que faz a mãe de Clarice ao modificar, utilizando-se do humor, a história das princesas, que não beijam nem se casam com o príncipe no final da história, mas encontram a possibilidade de serem mulheres humanas, seja com *“bafo”* ou *“chulé”*.

Concluo, por fim, que a leitura envolve movimentos contraditórios de afastamento e aproximação de si, de reconhecimento e de diferenciação. Além disso, é um modo de romper com a solidão, seja pelo contato direto com a narrativa, seja pela troca com outros/as leitores/as. É assim que se estabelece o livro como ponte – para outros mundos e para outras pessoas –, que é indício da dimensão humanizadora da leitura, o vínculo com a obra e com outras pessoas, o que é intensificado pela leitura partilhada. É esta que procuro descrever e compreender no capítulo seguinte.

#### 4 DESATANDO OS NÓS: A LEITURA PARTILHADA E A COMPOSIÇÃO DE LAÇOS

O que é a leitura partilhada? Como ela se desenvolve? O que é necessário para que ela ocorra? Busco responder a essas perguntas ao longo deste capítulo, ressaltando algumas dimensões da leitura partilhada que observei por meio dos relatos das leitoras do Leia Mulheres em Caxias do Sul. Essas narrativas se deram também a partir do vínculo que cada uma delas construiu comigo, mediadora, há oito anos, do grupo de leitura no referido município, ao longo de nossa convivência nos encontros. É importante explicitar isso, muito embora a narração tenha ocorrido em uma entrevista individual à parte, momento em que assumi a função de pesquisadora.

É especialmente de meu problema de pesquisa – **De que modo a leitura partilhada afeta a experiência literária de participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul?** – que trato neste capítulo, o qual é desdobrado pelo objetivo específico **(c) Caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo**. Relembro que, para atender a esse objetivo, relacionei quatro perguntas do roteiro de entrevista – destacadas no Quadro 3 da seção 1.3 – às falas das interlocutoras, com intuito de identificar quando referiam aspectos da leitura partilhada, conforme já havia explicitado na seção 1.3.

Antes, descrevo a estrutura dos momentos de leitura no Leia Mulheres, como ocorrem a cada novo livro lido. Primeiro, os/as participantes leem, de forma individual, a obra escolhida, de preferência, antes do encontro mensal. Nessa ocasião, costumeiramente, a relação estabelecida é apenas entre livro e leitor/a, que pode sentir necessidade de marcar passagens e/ou fazer anotações sobre o que lhe chama a atenção. Cabe salientar que, mesmo nesse cenário, é possível que o/a participante mantenha no horizonte o compartilhamento dessas observações, influenciando, portanto, na própria leitura solitária. Isso pode ser constatado quando Clarice informa: *“quando eu tô lendo o livro do Leia, eu penso que talvez eu vá falar sobre, eu leio de uma forma um pouco mais analisando”*.

Pode acontecer que essas leituras solitárias mobilizem sentimentos e reflexões intensas o suficiente para que os/as leitores/as não consigam aguardar até a data agendada para o encontro presencial. Nessas circunstâncias, é comum que conversas sejam iniciadas no grupo de *WhatsApp* do Leia Mulheres em Caxias do Sul. Foi o caso de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, que gerou interações bem-humoradas nesse espaço virtual, conforme observa Octavia: *“Eu acho o máximo quando a galera começa a mandar no grupo e mandar figurinha”*. Outro exemplo foi a obra *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, que provocou muitas incompreensões, fazendo com que os/as participantes manifestassem sua frustração com a falta

de entendimento ou seu encantamento diante de algum trecho do texto. No entanto, dentre esses modos de ler do grupo, o mais esperado e significativo é a leitura partilhada. É esta que busco caracterizar a partir das narrativas das leitoras na seção seguinte, explorando também o seu aspecto relacional.

#### 4.1 A LEITURA PARTILHADA E O ENCONTRO COM O OUTRO

Para esta análise, parto do entendimento de Bajour (2012, p. 23) de que “Falar dos textos é voltar a lê-los”. Por isso, compreendo que, no Leia Mulheres, lemos de novo em conjunto o já lido solitariamente. Ocorre, no encontro do Leia, a leitura partilhada, o que relaciono com o que Bajour (2012) refere como uma releitura dos livros lidos a sós, a qual possui duas dimensões complementares: falar e escutar. Não se trata, portanto, de ler em voz alta em grupo, mas de construir sentidos, conjuntamente, por meio do diálogo. É essa a experiência de leitura proporcionada pelo Leia Mulheres, a qual acontece no encontro presencial, quando a “a leitura se encontra com a palavra pronunciada” e “se toca com a palavra silenciada” (Bajour, 2012, p. 17).

Saliento a condição da leitura partilhada como experiência, tendo em vista a perspectiva de Larrosa (2015, p. 25): “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”. Nessa direção, ler em conjunto é uma oportunidade de ser transformado pelo outro. “Dar e escutar a palavra sobre o lido” (Bajour, 2012, p. 22) são ações que envolvem disponibilidade, fazendo-se um “regresso aos textos por meio da conversa” (Bajour, 2012, p. 23), de tal forma que Bajour (2012, p. 22), em referência Adain Chambers, reitera: “o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos”.

Esse momento se tornou, para alguns/algumas participantes, um compromisso – “quando eu leio para o Leia, eu leio... tipo assim, é um compromisso que eu tenho” (Clarice). Antes de se firmar esse engajamento, há o desejo que incentiva as pessoas a participarem. Octavia afirma que: “o ímpeto que me faz ir no encontro é: eu preciso compartilhar com alguém! Tem muitos livros que mexem, com a gente de um jeito bom e de um jeito ruim, mas que tu precisa compartilhar aquela experiência”. Ao se defrontar com determinadas obras, ela não consegue permanecer na solidão da experiência, seja ela positiva ou negativa, em razão de ser atravessada pelos desdobramentos do acontecimento da leitura.

Existem, pois, leituras que não cabem dentro do indivíduo que lê na quietude de sua casa, ou sozinho em seu carro no intervalo de almoço, ou sem companhia no ônibus, indo para

o trabalho. Seja no espaço que for, se a sós, há leitores/as que se deparam com a incapacidade de manter determinadas experiências de leitura literária apenas para si. Por essa razão, precisam do/a outro/a, para que lhe estenda à mão e os/as ajude a fazer essa travessia, a qual pode implicar incompreensão, descoberta de um entendimento, manifestação de emoções como alegria, indignação, tristeza, raiva, comicidade ou encantamento, entre outras. Fundamental mesmo é estar de mãos dadas com alguém.

Com a análise dos relatos das interlocutoras, sobressaiu-se a perspectiva dialógica como fundamental para a leitura partilhada. É sobre essa questão que discorro nesta seção, tendo em vista que os/as leitores/as buscam mais que ler, como reconhece Clarice: *“Eu amo ler, mas eu gosto muito do evento, eu não vou dizer que é só pela leitura. Porque se fosse só pela leitura, eu ficava em casa, lia em casa sozinha. Eu gosto de ler pelo evento e por ver as pessoas. A gente já criou amizades muito boas no Leia”*. Com isso, a interlocutora evidencia que é elementar o encontro com o outro a partir da leitura, o que é corroborado também por Conceição: *“eu preciso da leitura e, ao mesmo tempo, eu sinto como quem lê vive meio uma solidão intelectual. Porque a gente praticamente não tem... São tão poucas as pessoas que a gente tem esse momento”*.

Diante dessas manifestações, verifico que, embora sejam leitoras entusiastas, só ler – ou ler só – não é suficiente. Há uma necessidade de partilha, de que a palavra reverbere para além de si e alcance outras pessoas, independentemente se provoca ecos ou sons dissonantes. Para isso, ouvir e falar são duas dimensões indispensáveis, as quais dependem da disponibilidade dos sujeitos envolvidos para o encontro com o outro.

A dimensão do ouvir atrelada à leitura partilhada foi destacada por todas as interlocutoras, que afirmaram gostar muito da oportunidade de escutar outras pessoas. As razões para tal se assemelham. Eliane diz que *“vejo tantas colaborações, tantos pontos de vistas, que eu jamais teria pensado sem que a pessoa falasse”*. Conceição ressalta a *“multiplicidade de possibilidades, de enxergar as coisas sobre ângulos diferentes”*, concluindo que *“É como se a leitura se complementasse”*. Já Elena constata que *“é bem legal de você observar que às vezes você age em uma situação, mas existem outras maneiras de ver aquela mesma situação”*. Diante disso, constato que, no âmbito do ouvir, está implicado o/a leitor/a e um outro sujeito, sobre o qual as participantes ressaltam o aspecto da diferença.

Em seu relato, Clarice afirma que gosta de ouvir opiniões que divergem da sua. Com o grupo, ela testemunha: *“Realmente cada um vem com uma bagagem de vida”*, uma vez que considera que esta seja a razão para a diversidade de interpretações. Esse entendimento soma-se ao de Elena, que salienta: *“Às vezes eu vou ler uma coisa, penso de um jeito. Não vejo a sua*

*perspectiva, a da Daniela, a do João<sup>6</sup>, porque somos três pessoas diferentes, com vivências diferentes*". Portanto, como observado pelas interlocutoras, a subjetividade não apenas participa do jogo (Neitzel; Ramos, 2022) estabelecido na experiência literária, como é inevitável que integre o ato de ler. Nessa medida, agregar diferentes subjetividades enriquece a própria experiência de leitura.

Lygia acrescenta a essa perspectiva a observação de que, comumente, as trocas que ocorrem no seu dia a dia são feitas com pessoas muito parecidas com ela própria, contando: *"para quem eu falo é da minha bolha ali, né? Enfim, [gente que] vive a mesma coisa"*. Ela nota que o Leia Mulheres oportuniza a convivência com outras pessoas *"que são às vezes muito mais velhas, muito mais novas, que são homens"* (Lygia), ou seja, fora do seu convívio e, por isso, com mais diferenças.

A compreensão da diversidade como um elemento positivo proporcionado pelo grupo é reforçada pelas falas de Isabel e de Clarice, que se interessam especialmente pelas manifestações dos novos integrantes do Leia Mulheres. Nesse sentido, Clarice destaca os/as novos/as participantes que descobriram há pouco a leitura ou voltaram para ela recentemente, justificando que *"aquela galera que lê há muito tempo"* não desperta o mesmo interesse, em razão da identificação que tem com ela, o que gera percepções semelhantes às suas.

Clarice também salienta a paixão que observa na fala de quem está no início de sua familiarização com o universo literário, sublinhando a beleza desse gesto. Com isso, a interlocutora demonstra perceber certa perda do encantamento com as obras e da espontaneidade nas declarações sobre os textos, conforme se prolonga e se aprofunda a prática de leitura. Em alguma medida, ela sente que se tornar uma leitora mais experiente é ampliar sua criticidade, mas também reduzir sua capacidade de se deixar afetar pelos textos de modo mais direto e emocional.

Soma-se às compreensões sobre o papel do outro na leitura partilhada, a observação de Isabel a respeito da noção de uma *"leitura com falhas"*. Destaco essa expressão, porque a participante faz uma distinção entre erro e falha: *"E eu posso estar errada. Não, não errada, mas eu posso ter uma leitura com falhas a respeito de uma determinada obra"* (Isabel). Distinguindo um termo do outro, por meio do ponto de vista da referida interlocutora, compreendo que *"falha"* está mais vinculada à falta, uma vez que Isabel afirma também: *"Eu nunca vou ter uma compreensão 100% de algo"*. Por mais ampla que seja sua trajetória ou biblioteca, quem lê não completa ou fecha uma leitura.

---

<sup>6</sup> Nome alterado para preservar a identidade da pessoa citada.

Portanto, o/a leitor/a se depara com a sua incompletude e insuficiência diante de obras literárias, objetos artísticos que são constituídos por lacunas. “Nenhuma leitura é de todo subjetiva ou autossuficiente” (Bajour, 2012, p. 18): de um lado, é evidente que ela deriva da criação de alguém, estando, em decorrência disso, alicerçada “em regras não criadas pelo autor, mas mobilizadas por ele”; de outro, mesmo se em conjunto, a leitura não é fechada, definitiva. A leitura partilhada amplia sentidos sem encerrá-los.

Essa constante atualização de significações vai ao encontro do que afirma Bajour (2012, p. 23-24):

O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como um músico quando lê uma partitura. Nesse ensaio, a pessoa muitas vezes se surpreende com os sons de sua própria interpretação. Pôr para fora, para outros, a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam. Esses sons saem e se encontram com outros: os das partituras dos outros leitores. Como em um ensaio de orquestra, o texto cresce em acordes sonantes e dissonantes com ecos às vezes inesperados para os intérpretes.

Nessa direção, com as narrativas das interlocutoras, observei a surpresa diante da própria interpretação, como Conceição que “*marcava algumas coisas e, de repente, ia conversar sobre outras*”, uma revelação para si mesma do entendimento que constituiu a partir do ato de externalizar sua interpretação para os/as demais. Também, constatei o surgimento de uma compreensão por meio do encontro com as partituras de outros/as leitores/as, como Eliane ao declarar que há reflexões que “*jamais teria pensado sem que a pessoa falasse*”.

Por isso, é coerente que Bajour (2012, p. 25) defenda: “Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentido nunca é um ato meramente individual”. Assim, na leitura partilha, ocorre o compartilhamento de uma experiência de significação conjunta de um texto. Para que isso aconteça, é indispensável um sujeito aberto a ouvir, sem esperar um entendimento definitivo e conclusivo sobre a obra, uma vez que a construção de sentidos de um texto é de ordem mutável e múltipla na medida em que também o são as pessoas.

Na seção seguinte, discorro sobre a multiplicidade de “partituras” manifestadas pelas interlocutoras e o modo com o qual elas ressoam.

#### 4.2 RESSONÂNCIAS: O ENTRELAÇAR DE FRAGMENTOS DE SENTIDO

Perante essa necessidade do outro para ler, como quando Conceição se refere a uma “*solidão intelectual*” ou quando Octavia constata que “*Tem muitos livros que mexem, com a gente de um jeito bom e de um jeito ruim, mas que tu precisa compartilhar aquela experiência*”, reconheço o modo como a experiência da leitura partilhada se relaciona com a de Diego Kovadloff, personagem de Eduardo Galeano. O autor, em “A função da arte/1”, descreve a primeira vez que Santiago leva o filho Diego para ver o mar. Sem palavras, diante da beleza e amplitude do oceano, o menino faz um pedido ao pai: “*Me ajuda a ver!*” (Galeano, 2020, p. 15, grifos do autor).

Os/as leitores/as do Leia Mulheres em Caxias do Sul implicitamente replicam o pedido de Diego e, ao mesmo tempo, podem assumir o lugar de Santiago Kovadloff, porque fazem oferta semelhante: emprestam seu olhar, dividem seu ponto de vista, para que se veja mais. É possível que, com isso, a visão se altere ou que a perspectiva se complemente. No grupo de leitura, é com o encontro de múltiplas vozes que “se ajuda a ver”, o que chamo de ressonâncias. Definida pelo Dicionário Houaiss (Houaiss; Villar, 2009) como repercussões sonoras, emprego a palavra ressonância para designar os efeitos das diferentes vozes manifestadas durante a leitura partilhada, as quais estão dispostas a afetar umas às outras. São os “acordes” citados por Bajour (2012, p. 24), que se elevam e repercutem sem produzirem sons idênticos. Juntos, eles transformam a composição total e, particularmente, os seus “intérpretes” (Bajour, 2012, p. 24), que, ao escutarem outras partituras, estão abertos a modificarem-se.

A presente seção explora as ressonâncias da leitura partilhada, conforme narrado pelas interlocutoras da pesquisa. Para tanto, sirvo-me da metáfora de Bajour (2012), que aproxima leitura e música, de modo que considero leitores/as como intérpretes; partituras como leituras; sons como vozes. Nessa perspectiva, as ressonâncias, no Leia Mulheres, acontecem quando há aproximação entre os diferentes sujeitos envolvidos na experiência leitura, quando a voz diversa alcança o outro, afetando-o, sem, todavia, uniformizar uma visão do grupo, formado por diversas individualidades.

A compreensão de Isabel sobre o enriquecimento proporcionado pelas discussões no Leia Mulheres exemplifica a ressonância. Ao relatar que “*eu entrei lá com uma ideia A e saí de lá com a ideia B por causa dessas pessoas que eu conversei*” (Isabel), acrescentando que não alcançaria tais concepções somente a partir de seu percurso pessoal, a interlocutora evidencia a potencialidade transformativa de partilhar leituras. Mais do que compartilhar conhecimento – o que, para Isabel, é fundamental, visto que defende que “*guardar o*

*conhecimento para ti é inútil*” –, ampliando-o e modificando-o, a leitura partilhada oportuniza a transformação das pessoas, “falhadas” ou faltantes, envolvidas nesse movimento.

Nessa mesma perspectiva do conhecimento, Elena depreende a possibilidade de aprendizado a partir dos equívocos ou experiência de outras pessoas. Como exemplo, cito quando menciona que “*peg[ou]*” a experiência de outras pessoas a respeito da maternidade. Foi desse modo, embora não seja mãe, que pôde acolher uma pessoa próxima que vivenciava o puerpério. O uso da palavra “pegar” para falar sobre a sua vinculação com a experiência de terceiros indica a medida da influência que os relatos destes podem trazer para a trajetória pessoal de cada um.

Por conseguinte, mais do que um conhecimento formal, a leitura partilhada reverbera nas leitoras, fomentando aprendizados íntimos sobre si e sobre a vida. Constatado, pela apreensão de Elena, que a leitura partilhada propicia o “saber da experiência”, distinguido por Larrosa (2015, p. 32) como aquele “que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”.

Também citando Elena, reitero o seu entendimento de que se manter na compreensão do que – supostamente – “*o autor quis dizer*” é “*uma coisa bem fechada, tabelada*”. Com essa manifestação, a interlocutora provoca uma ruptura com a lógica do/a escritor/a como o/a único/a produtor legítimo do texto, compactuando com Bajour (2012, p. 18) no que se refere ao “leitor como autor irreverente do texto que lê”. Trata-se de um “texto que dispersa e ao mesmo tempo canaliza as associações e ideias em regras, em padrões que vêm de longe na história do mundo das narrações [...]” (Bajour, 2012, p. 18). Embora considere a existência de limites para as significações, visto que, como Bajour (2012) observa, o/a autor/a mobiliza regras em sua escrita, corroboro a declaração de Elena sobre a “*magia da interpretação*” envolver vivências pessoais e haver “*uma escala de cores entre o preto e o branco*” no que se refere à leitura. Portanto, um livro é um objeto inconcluso, permanecendo em constante constituição por meio da ação de quem se dispõe a se relacionar com ele.

Ainda, considerando a distinção entre autor/a e narrador/a e a não necessidade de correspondência entre leitor/a de papel e empírico/a, verifico que Elena subverte o entendimento de que a “leitora de carne e osso” se classificaria ou como exemplar ou mal comportada, conforme Lajolo e Zilberman (2019) constata nos textos de Machado de Assis. Se a leitora de “Pálida Elvira”, obra de Machado de Assis citada pelas referidas autoras, “só pode entender a protagonista por se identificar com ela, vivendo a situação de leitura pelo lado

emocional” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 43), as leitoras desta pesquisa não são nem mal comportadas nem exemplares.

A razão para tal é que, ao estabelecer a relação com o texto literário a partir da noção de experiência, a identificação e emoção são formas de conhecer, isto é, ter algo “de modo íntimo, no seu interior” (Yunes, 2014, p. 134). Esse conhecimento vai de encontro àquele “[da] ciência e [da] tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós” (Larrosa, 2015, p. 31). O conhecimento atrelado à leitura literária está associado ao “saber da experiência”, o qual “tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à experiência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular” (Larrosa, 2015, p. 32).

Esse saber é construído, no grupo de leitura, por meio das transformações que o contato com outras pessoas motivou nas interlocutoras, o que se dá significativamente pela diferença que singulariza cada indivíduo. Por vezes, as declarações feitas por leitores/as nos encontros são apresentadas de tal modo que há casos como o de Conceição, a qual já passou a “*gostar de leituras que não havia gostado*” depois das trocas no Leia Mulheres, desejando até mesmo “*ler aquela obra de novo*”, isto é, “*ter outra experiência de leitura com aquela mesma obra*”.

Diante disso, observo que as manifestações dos/as demais podem gerar o desejo de enxergar uma narrativa na perspectiva do outro, ainda que o/a participante não se restrinja a ela. Também, constato, na fala da interlocutora, a natureza mutável da realização de uma experiência literária, os livros não estão fixados em uma compreensão única e absoluta. Uma vez que dependem do/a leitor/a para ganhar vitalidade, as possibilidades de construções de sentido estão vinculadas a quem lê, um sujeito que habita determinado espaço e tempo e é constituído de subjetividade.

A postura de Conceição, de certa forma, reitera a constatação de Bajour (2012, p. 24) de que a escuta de outras leituras “se entremeia com a nossa” ao relatar: “*às vezes, eu marcava coisas e, de repente, eu ia conversar sobre outras coisas, que nem eram as que eu havia marcado*” (Conceição). Trata-se de uma evidência de que persiste na leitura partilhada a imprevisibilidade, ainda que ela possa e deva ser organizada – especialmente, por meio da condução de um/a mediador/a. Compreendo que o caráter inesperado está associado ao fato de que, apesar de os/as participantes realizarem previamente a leitura solitária e irem na data marcada para a discussão com as suas interpretações pessoais, o encontro presencial gera, por vezes, um entendimento súbito nos/nas presentes e cria algo: outro livro, um livro ainda não escrito e não lido.

O desenvolvimento dessa criação é reforçado por Bajour (2012, p. 24): “Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro [a conversa sobre o livro], quando entram em contato com os fragmentos de outros, podem gerar algo novo, algo a que talvez não chegaríamos na leitura solitária”. Logo, não é uma simples soma de interpretações. Mas, a partir das diferentes falas e da escuta, é possível haver a integração de compreensões, originando um conhecimento compartilhado por aqueles/as que lá estão. Todavia, saliento que não necessariamente leitores/as deixam o espaço com percepções semelhantes, nem mesmo noto o desejo por homogeneizar opiniões e pacificar dissonâncias, e sim expandir as perspectivas sobre um mesmo texto.

Por isso, sublinho: ressoar não tem o mesmo significado de ecoar. O eco é “repetição de um som” (Houaiss; Villar, 2010, p. 278); produzi-lo é “causar impressão generalizada, repercutir”. Entretanto, “repercussão” diferencia-se de “eco”, uma vez que, além de significar “reverberação, reflexão de som”, também se refere a “efeito amplo, indireto e imprevisto de algo” (Houaiss; Villar, 2010, p. 671). Em vista disso, sendo a ressonância a “repercussão de sons” (Houaiss; Villar, 2009, p. 1654) é a palavra apropriada para descrever o que ocorre na leitura partilhada: quando a voz do outro – que, apesar de esperada, é imprevisível – afeta, reverbera, modifica, mas não padroniza.

Ainda a respeito das mudanças geradas pelas conversas, por exemplo, sobre *A vegetariana*, de Han Kang, Clarice afirma: “*Depois do encontro, eu me disse: cara, eu tinha que ter gostado desse livro, porque pessoas que eu admiro, sei lá, gostaram e tinham argumentos para isso*”. Ressalto o uso da expressão “tinha que”, que confere certo peso à declaração, desvelando a admiração por outras leituras que não a da interlocutora e o desejo de ler de maneira similar a esse outro.

Tendo em vista o que foi dito anteriormente quanto à ausência da intenção de uniformizar compreensões, saliento que Clarice reitera essa ideia, especialmente, porque ela também diz: “*eu tenho a tendência de ser muito determinada na minha opinião*”. O que constato é que a interlocutora atribui autoridade a determinados/as leitores/as que participam do grupo, os/as quais a fizeram perceber que “*tinham argumentos que tornavam o livro legal*”. Não se trata de uma noção autoritária atrelada às manifestações, mas de uma relação de confiança constituída por meio da convivência com esses/as leitores/as.

A diferença em relação ao outro, que emerge a partir da leitura partilhada, é relatada por Octavia quando compara o seu “*ímpeto de falar sobre o enredo*” ao comportamento de “*pessoas que entendem de literatura*”, as quais, segundo ela, veem “*um produto da literatura com um outro olhar*”. À vista disso, é oportuno refletir que, embora o objetivo do projeto Leia

Mulheres não seja a realização de uma discussão técnica e formativa sobre literatura, a presença de pessoas com formação para tal influencia a realização da leitura partilhada. É natural que aquelas pessoas com conhecimento sobre literatura e leitura contribuam para os diálogos a partir disso, visto que a presença de cada um dos sujeitos presentes afeta a construção de sentido ao levarem sua subjetividade para os encontros.

Nessa direção, cabe analisar o que seria, na perspectiva de Octavia, entender “*de literatura*”. Ela pondera que as pessoas com formação na área literária “*têm percepções sobre a forma de escrever que são coisas que não me pegam quando eu estou lendo*”. Por essa razão, compreendo que a interlocutora considera que o conhecimento literário escolarizado se relaciona a noções vinculadas à forma do texto. Esse relato ganha outros contornos se observado que o foco no enredo geralmente tende a uma interpretação de cunho mais social ou pessoal, distanciando-se de uma abordagem sobre a eficácia estética, aspecto fundamental para a caracterização da literatura, conforme Candido (2011).

Para tanto, Bajour (2012, p. 25-26, grifo meu) contribui ao alegar: “Na literatura não importa apenas aquilo que impacta nossas valorações, ideias ou experiências de vida, mas também *como* ela o faz”. Esse modo de fazer operado no universo da literatura é justamente o que identifica um texto como artístico. Por conseguinte, a presença de pessoas com saberes técnicos sobre os objetos literários contribui significativamente para a leitura partilhada ao chamarem a atenção para a qualidade formal, uma vez que “o encontro dos leitores com a arte passa em grande medida por como nos abala o ‘como’” (Bajour, 2012, p. 26).

Essa questão formal se evidencia de maneira particular quando o grupo se dedica à leitura de obras de poesia. Entre os/as participantes, é quase unânime o preterimento do gênero em relação à prosa de modo geral, gerando declarações como esta de Lygia: “*a primeira coisa que eu penso é: poesia, algo que não é para todo mundo*”. Ela se referia especialmente ao livro *De amor tenho vivido: 50 poemas*, de Hilda Hilst, com ilustrações de Ana Prata, que também foi mencionado por outras duas interlocutoras. Octavia, elencando ocasiões em que, por alguma afirmação, modificou sua percepção a respeito de um livro, diz:

*[...] aquele livro de poesia, por exemplo, foi um momento disso. Porque eu li aquele livro assim: “Tá, aham, tá bom...” [finge que vira páginas, sem prestar atenção] “Vamos ir nesse encontro e ver o que a galera vai dizer”. E aí vocês começaram a trazer interpretações, e eu: “Ah veja só, será que era isso?”.*

Já Camila, ao citar a mesma obra, não se detém na dificuldade e afirma: *“Foi um desafio, mas eu gostei bastante dela. Eu acho que as discussões nesse sentido elas são boas. Trouxeram coisas interessantes”*.

Perante a congruência das manifestações, pergunto-me quanto ao que, nos poemas – não apenas especificamente de Hilda Hilst, mas outros também discutidos no grupo –, pode ser o responsável por desafiar leitores/as. Para essa reflexão, colabora Conceição, que, mais de uma vez, asseverou – não apenas durante a entrevista, mas também nos encontros do Leia Mulheres: *“a poesia é a prima pobre da literatura”*. Ela observa que, na escola, seu espaço de atuação profissional, é difícil gerar mobilização pela poesia, justificando que: *“a gente trabalha narrativa, mas o professor não trabalha, na verdade, a poesia”*. Mesmo ela, que nutre apressos pelo gênero, exemplificou que, no seu trabalho na biblioteca escolar, esqueceu-se de levar poemas para a hora do conto. Isso foi modificado por uma questão de saúde: *“a prof. das histórias”* estava sem voz. Foi assim que, por semanas seguidas, a biblioteca emprestou livros de poesia.

Ainda, Conceição defende que *“o adolescente está numa fase que ele precisaria da poesia”*, sugerindo que há adversidades específicas desse período formativo do indivíduo. Tendo em vista a fase em questão, diante da necessidade do desenvolvimento de compreensões a respeito de sentimentos e emoções, é possível depreender que os poemas podem colaborar ao fornecer contornos para o sentir, sem determinações ou significados enrijecidos.

A dificuldade para a aceitação da leitura de poesia no Leia Mulheres, e nas escolas, como refere Conceição, parece consistir justamente no aspecto formal. Isto é, a composição em versos cria uma leitura mais lacunar quando comparada à prosa, ampliando a margem para a interação do leitor com o texto. Também, a escolha vocabular e as construções frasais que não demandam a mesma constituição sintática que a narrativa podem oportunizar uma experiência intensa de relação com a subjetividade, por meio da criação de imagens.

Levar em consideração a natureza formal da poesia e o modo com que afeta os/as leitores/as, além de se insistir na promoção de espaços de leitura de poesia, são um caminho para reduzir impressões como de Lygia, que exteriorizou seu desconforto da seguinte forma: *“eu vim também me sentindo muito derrotada; gente, eu não entendi nada!”*. Para tanto, a leitura partilhada pode colocar-se como aliada, tanto ao desmistificar a dificuldade de se ler versos e contribuir para as possibilidades de identificação de sentidos e sentires mobilizados pelo texto quanto ao receber a incompreensão dos/as leitores/as. Nesse sentido, Lygia relata sobre o livro de Hilda Hilst: *“me senti também acolhida, porque estava todo mundo, né? Assim uns brabos [...] eu acho que eu fiquei ‘ai, obrigada pessoas por serem assim!’”*.

Ainda, considerando a qualidade lacunar e de múltiplos sentidos dos versos, Bajour (2012, p. 36) argumenta:

[...] que os leitores podem lidar com textos que os deixem inquietos ou em estado de interrogação é uma maneira de apostar nas aprendizagens sobre a ambiguidade e a polissemia na arte e na vida. Nem todos os silêncios precisam ser preenchidos, menos ainda aqueles que constituem o modo de ser de gêneros como o fantástico, o humor absurdo e a poesia.

Assim, o incômodo advindo do não saber dizer, proporcionado por determinadas escritas literárias, por vezes, é o efeito esperado de obras de arte. Incômodos, dúvidas e silêncios, nesses momentos, não significam ausência de reverberações da experiência com a literatura, uma vez que o “conhecer” implicado nessa noção, de acordo com o Yunes (2014, p. 134), é “passar a ser com o outro ou outra coisa”, ter algo “no seu interior”.

Outro aspecto destacado pelas interlocutoras sobre a leitura partilhada diz respeito às colaborações quanto a contextos históricos e sociais de produção das obras, como aquelas publicadas há mais tempo. Eliane cita o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, de quem “*estava meio com raiva*”, em razão do tratamento destinado às personagens escravizadas no livro. Após a discussão sobre a narrativa, ela pôde afirmar: “*Entendi que, naquele momento, só podia ser publicado se tivesse num... Era o contexto social que ela se encontrava. Tinha uma adequação*” (Eliane). Com isso, evidencia-se a relevância de se situar o texto no cenário no qual foi escrito, compreendendo que sua chegada à contemporaneidade está atrelada ao transcurso histórico, com mudanças em concepções e na própria estrutura da sociedade.

A respeito do mesmo livro, Lygia revela ter entendido que “*não dá para comparar com um livro mais atual*”. Nesse caso, desfazendo-se da expectativa de uma narrativa igual ou parecida com uma produção contemporânea, é possível aprofundar o olhar crítico sobre o texto e expandir, inclusive, a análise social do Brasil. Além disso, observo a oportunidade de proporcionar a diferenciação entre autoria e obra, como quando Eliane alega ter sentido “*raiva*” de Maria Firmina dos Reis. Ainda que não seja o caso de impedir a mobilização de afetos negativos, cabe reiterar a perspectiva ficcional, isto é, não se trata de um depoimento ou manifesto, mas de uma criação artística. Podem contribuir para olhar a narrativa como um objeto artístico e historicamente contextualizado perguntas lembradas por Lygia, como: “*Mas para quem que ela escreveu? Por que que ela escreveu desse jeito? Por que que ela não foi... não se aprofundou tanto em questões que a gente esperava, sabe, tipo de racismo e coisas assim?*”.

Nessa mesma direção, Isabel cita o encontro sobre *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, dizendo: “*para mim, foi muito esclarecedor... Primeiro que eu achei o livro difícilimo! Meu Deus do céu, que trauma esse livro! E eu estava com muitas dúvidas*”. Mais uma vez, foi destacada por uma interlocutora a importância de se situar a obra quanto a: onde, quando e quem escreveu. Nesse romance, havia a característica formal que complexificava a sua compreensão. Lygia Fagundes Telles escreveu uma narrativa longa, em fluxo de consciência, com três personagens narradoras que adotaram, cada uma, modos particulares de narrar. Por isso, saliento a relevância de se explicitar a forma das construções artísticas, visto que são “objetos que dizem, mostram, calam e sugerem de um modo e não de outro” (Bajour, 2012, p. 26), ou seja, a maneira com a qual são produzidos e se manifestam é indispensável para analisar as reverberações nos/as leitores/as.

Com o exposto nesta seção, busquei evidenciar que as ressonâncias são constitutivas da leitura partilhada. Elas acontecem em razão das diferentes vozes que estão disponíveis. Assim, fala e escuta se entrecruzam e estão abertas a serem afetadas pelo alcance de outros sons. Essa abertura propicia o contato com significados diversos e seus entrelaçamentos, de modo que a leitura partilhada oportuniza o desenvolvimento de novos sentidos, os quais não surgiriam em uma leitura solitária. Nem sempre, porém, a voz do outro alcança. São esses momentos que abordo na próxima seção.

#### 4.3 DISSONÂNCIAS OU QUANDO A VOZ DO OUTRO NÃO REPERCUTE

No encontro de sons propiciado pela leitura partilhada, há “acordes sonantes e dissonantes” (Bajour, 2012, p. 24). Se, por vezes, conforme exposto na seção anterior, acontecem ressonâncias, existe aproximação entre leitores/as e a transformação de suas percepções; em outros momentos, ocorrem dissonâncias, que provocam o distanciamento entre leitores/as, dificultando a escuta.

Dissonâncias foram identificadas nas falas de algumas interlocutoras. Octavia relatou: “*existem certos momentos que eu fico meio intimidada de falar, porque eu sinto que tem algumas pessoas que manjam muito de interpretar obras. Então aquilo me deixa um pouquinho acuada*”. Verifico, por conseguinte, que, de um lado, a presença de pessoas dotadas de saber instrucional a respeito de literatura pode colaborar para o aprofundamento do diálogo; de outro, esta também pode ser a razão para que se estabeleça uma noção de hierarquia de conhecimento, fazendo com que algumas pessoas prefiram não se manifestar por medo de errar.

Ainda sobre essa situação, Octavia justifica: *“isso é uma coisa minha. É uma coisa que eu tenho que ir desconstruindo, porque é um espaço [o Leia Mulheres] que a gente cria para que todo mundo possa falar um pouco”*. Participar de um grupo com subjetividades diversas gera atritos, visto que esta é uma característica de se relacionar, o que é um elemento da leitura partilhada. Desse modo, o Leia Mulheres oportuniza que as pessoas sintam essa fricção proporcionada pela convivência, bem como defrontem-se com dificuldade que, por vezes, só aparecem no limite da relação com o outro. Quando, em Octavia, reverberou a *“chapulexada”* que uma integrante do grupo deu em um personagem, a partir de uma manifestação sua, esta pode ter sido também uma circunstância para *“ensaiar”* (Bajour, 2012) os próprios limites.

Quanto a esse limite pessoal, Isabel expõe o desconforto que sentiu perante uma declaração sobre um livro do qual gostou muito. Considerar o afeto nutrido pela interlocutora pela obra é relevante para dimensionar seu incômodo, contudo, na seguinte fala, há também outros pontos a serem destacados: *“uma análise tão rasa de toda a situação que tu trazer isso para um debate, onde tem pessoas que leram o livro, que são inteligentes”*. Portanto, em relação aos encontros, pode haver a expectativa de uma profundidade e coerência nas manifestações, com argumentos bem elaborados, no caso, sem reduzir personagens a estereótipos.

Trata-se de uma questão complexa, tendo em vista que o Leia Mulheres não tem o objetivo de proporcionar discussão teórica e técnica sobre literatura. Entretanto, também não são negadas colocações críticas ou teóricas, além da própria observação do limite da construção de sentido, conforme observado por Isabel: *“eu também não sou da opinião de que tem leitura certa e leitura errada. Eu acho que existem interpretações. Mas eu acho que, em determinadas obras, existe uma leitura certa”*. Isabel sinaliza que há alguma demarcação para as possibilidades de análise, isto é, não se pode compreender qualquer coisa a partir de um texto. O texto delimita um caminho a ser percorrido, apesar das lacunas entre uma palavra e outra, brechas para o/a leitor/a *“levantar a cabeça”* (Barthes, 2004).

Ainda, Isabel percebe um aspecto importante: *“a gente vem de classes diferentes, de lugares diferentes e de formações diferentes. [...] dependendo da obra, eu tenho uma bagagem de leitura que vai me fazer entender melhor”*. Assim, as bagagens diversas que Isabel observa estão em consonância com a multiplicidade de partituras referidas por Bajour (2012), e, nesse caso, não se trata de algo passível de solução, quando a natureza dos sujeitos é distinta, proporcionando aproximações e distanciamentos.

É o que Daniela comprova quando afirma: *“interpretei o livro tão diferente de todo mundo, sabe? Então isso fiquei me perguntando também, assim, sei lá, por eu ser mãe e as*

*outras pessoas não serem*”. Sua vivência com a maternidade possivelmente a levou a ler *O papel de parede amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman, de uma forma e não de outra, distanciando-a da compreensão dos/as demais sobre o texto, de modo que ela concluiu que “*cada um sente diferente, interpreta diferente*”.

Outra evidência dessa subjetividade da leitura é trazida por Octavia: “*Eu lembro de alguns momentos em que algumas pessoas acabam contando um pouco da sua história, quando se envolvem com livro assim. E aí tu vê: ‘nossa, essa pessoa está indo um pouco além, olha como ela está se expondo’, sabe?*”. A interlocutora indica que, por vezes, a leitura partilhada transcende o âmbito ficcional, mobilizando afetos o suficiente para externalização de uma narrativa subjetiva perante o grupo, o que a leva a definir: “*Tem momentos de vulnerabilidade ali*” (Octavia).

Com isso, ela sintetiza a percepção compartilhada por outras entrevistadas de que o Leia Mulheres pode promover o contato com a sensibilidade e a fragilidade – a própria ou a de terceiros. Estas sem dúvida envolvem o afetar-se pela leitura do livro ou pela leitura de outros/as leitores/as, mas pode mobilizar afetos negativos. Nos relatos desta pesquisa, escutei, algumas vezes, a manifestação de diferentes pessoas sobre vergonha, medo, preocupação, introversão e nervosismo, particularmente, em relação à dimensão da fala no que diz respeito à leitura partilhada.

Compreendo a “*vulnerabilidade*” citada por Octavia como a oportunidade proporcionada pelo Leia Mulheres de ser afetado/a por uma obra ou pela manifestação de algum/a leitor/a. Quando os/as participantes não silenciam nos encontros, trazendo um relato pessoal e íntimo, advém certa fragilidade devido à incerteza do encontro com o outro, que pode tanto ser empático e acolhedor quanto se mostrar crítico e hostil. Quanto a esse último comportamento, Elena apresenta “*uma péssima experiência*” com outro grupo de leitura, realizado de forma on-line, explicando que “*as pessoas colocaram a experiência delas em cima da [sua] e anularam totalmente a [sua] experiência de ser uma mulher livre*”, que, no caso, dedicava-se ao trabalho doméstico.

Para ampliar a compreensão das referidas falas de Octavia e Elena, anoro-me em Larrosa (2015, p. 26) ao tratar da experiência:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

Diante desse entendimento de Larrosa (2015), ressalto os termos semelhantes aos do autor empregados pelas interlocutoras. Octavia percebe como alguns/algumas leitores/as podem “se expor” nos encontros do grupo de leitura, por isso, conclui é uma ocasião de “vulnerabilidade”, indo ao encontro da compreensão do autor. Já Elena utiliza “experiência” em um contexto no qual a expressão se aproxima do que Larrosa (2015, p. 32) define como “saber da experiência”, que é “particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal”. “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (Larrosa, 2015, p. 33). Assim, compreende-se a razão de Elena qualificar como “*péssima*” a ocasião que viveu. Não se tratava apenas da discussão sobre um livro, mas de sua própria vida, haja vista a “qualidade existencial” (Larrosa, 2015, p. 33) do saber da experiência.

“O sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’” (Larrosa, 2015, p. 26.). Portanto, na experiência de leitura partilhada, há certo risco, porque este está implicado no movimento de se apresentar perante o outro. Esse sujeito não sabe como sua exposição será recebida pelos demais; é possível que ela ressoe, porém, também pode acontecer que se depare com acordes dissonantes (Bajour, 2015).

Outro exemplo da sensibilidade fomentada pelas obras e pelos encontros do Leia Mulheres e da ocorrência de uma experiência literária foi apresentado por Eliane ao citar *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara, “*um livro que trouxe muita coisa da [sua] ancestralidade*” (Eliane). A entrevistada narra: “*teve uma fala, eu não sei se foi da prof. Foi bem no final. Assim eu nem quis abrir, percebi: isso aqui é uma matéria para minha terapia. Porque eles falaram um negócio de que se pegava índias na mata, né?*”. Ela relembrou sua história familiar, no que diz respeito à origem de sua bisavó, a partir do livro e da leitura partilhada, ocasião em que a interlocutora Camila mencionou a crônica de Daniel Munduku, “*Minha vó foi pega a laço*”<sup>7</sup>. A reflexão sobre a violência desse comportamento culminou na conexão entre literatura, história nacional e história pessoal. O impacto dessa relação para Eliane pode ser verificado pela constatação de que seria “*matéria para [sua] terapia*”.

Quando “*Você vai ler a partir das suas experiências. Você vai interpretar a partir das suas experiências. E você dá opinião a partir das suas experiências*” (Elena), há necessidade da constituição de um espaço de respeito e acolhimento. Acrescenta-se a essa perspectiva sobre a subjetividade da leitura e relevância de um espaço receptivo a ela a própria natureza da literatura que, por sua competência estética, dispõe de “força humanizadora” (Candido, 2011, p. 184).

---

<sup>7</sup> MUNDURUKU, Daniel. “Minha vó foi pega a laço”. **Daniel Munduruku**, 2 nov. 2017. Disponível em: <https://danielmunduruku.blogspot.com/2017/11/minha-vo-foi-pegalaco.html>. Acesso em: 3 maio 2025.

Na medida em que a promoção da integridade a partir da literatura pautada por Candido (2011) favorece o surgimento do que é de ordem do humano, está implicada a subjetividade dos sujeitos. Em virtude desta, da individualidade, frente à arte, surgem múltiplas possibilidades de entendimento. Por essa razão, também é natural que sons dissemelhantes apareçam, de tal forma que é frequente a disparidade referente à apreciação ou não das obras abordadas no Leia Mulheres em Caxias do Sul. Essa naturalidade é apontada por Clarice, que destaca a importância de se manifestar “*entre nós que somos dos livros*”.

A referida interlocutora também acrescenta que

*não falaria isso de uma forma mais pública, porque eu acho feio. Eu acho que isso pode chegar no autor. E eu acho... Eu me coloco no lugar dele. Tipo assim, é o trabalho dele. Que horror, sabe?! E eu não sou crítica literária. Eu não tenho formação para isso. Eu sou só uma pessoa. E as pessoas gostam de ódio (Clarice).*

Ressalto o entendimento de Clarice sobre os prejuízos de uma crítica negativa a um/uma escritor/a. Nesse sentido, a noção de publicização e a afirmação de que “*as pessoas gostam de ódio*” estão bastante atreladas ao uso das redes sociais. Com a internet, os limites entre obra, autor/a e leitor/a encurtaram de modo que os danos de manifestações negativas podem ser graves, além de afetarem a própria leitura. Entretanto, na fala, é possível constatar também o entendimento de que o grupo de leitura deve ser preservado no que se refere às exposições sinceras sobre os afetos proporcionados pelas obras.

Nesse sentido, verifico que, por parte das interlocutoras, há também a valorização dos sons díspares, o que se evidencia pela unanimidade, entre as participantes mais antigas, de o encontro sobre *O mito da beleza*, de Naomi Woolf, ter sido o mais marcante devido às significativas discordâncias entre quem esteve presente. Entretanto, elucido que não considero disparidade e divergência como dissonâncias. Embora compartilhem o aspecto da diferença, a dissonância envolve afastamento e oposição; é quando a voz de alguém não alcança o outro, não repercute.

Retomando a metáfora de Bajour (2012), a leitura partilhada é uma orquestra cujo único objetivo é ensaiar. Ela não visa a um final grandioso, absolutamente harmonioso, um espetáculo perfeito. Ensaiar é sua única proposta, porque os acordes semelhantes e diferentes são o que constituem o sentido do concerto: revelar a multiplicidade de partituras, acionadas seja pelo/a musicista seja pelo/a leitor/a.

Até aqui, tratei das ressonâncias e dissonâncias ancoradas nas dimensões da leitura partilhada de falar e escutar. Entretanto, diante dos relatos das interlocutoras, foi possível

verificar que o silêncio também se constitui como uma dimensão da leitura partilhada. É ele que abordo na seção seguinte.

#### 4.4 “EU VENHO NO LEIA E NÃO FALO NADA”, QUANDO O SILÊNCIO TAMBÉM SIGNIFICA

A frase que intitula esta seção foi proferida por Lygia durante a sua entrevista. Com ela, a interlocutora desvela o entremeio do ouvir e do dizer: o silêncio. Embora esteja *entre*, seja um intervalo e possa parecer uma ausência, por meio das entrevistadas, constatei que silenciar também revela algo e significa. Por isso, uma vez que o texto é uma oportunidade para a abertura à sensibilidade e afeta o/a leitor/a, bem como os modos com os quais reverbera podem variar de acordo com quem o leu, neste capítulo, apresento diferentes manifestações do silêncio, entendendo-o como parte do ato de ler em conjunto, isto é, outra dimensão da leitura partilhada. Busco investigar suas razões, a fim de compreender em que medida impede, desafia ou viabiliza a leitura partilhada.

Quando declarou “*eu venho no Leia e não falo nada. Pra mim, estar aqui já é o máximo!*”, Lygia indicou, mais uma vez, a sua natureza introspectiva, sobre a qual já havia discorrido quando questionei a respeito de sua trajetória como leitora. Para tal, corrobora quando diz sobre o grupo de leitura: “*eu lembro de ter vindo assim e ter gostado bastante justamente, né? Porque eu sou muito introvertida, muito na minha, muito eu, eu, eu*”. Portanto, sua preferência pela escuta e seu silêncio estão relacionados a características pessoais, no caso, a introspecção e a introversão.

Esses traços de sua personalidade não são um empecilho no contexto do Leia Mulheres, visto que Lygia “*lembra[a] de [se] sentir bem, bem tranquila*” em sua primeira participação, explicando que “*fala quem quer*”. Diante de sua observação, atesto que seu silenciar é um modo de fruir a leitura partilhada. Por essa razão, a liberdade quanto ao desejo de manifestação ou de silenciamento demonstra-se relevante para a continuidade da participação das leitoras, tendo em vista que Lygia atribuiu a isso também a sua permanência no grupo – “*Tanto que daí eu acho que eu já vim nos outros assim. Então foi bem, bem bom*”.

Nesse grupo, o silêncio perante a leitura é acolhido como uma possibilidade de presença de cada participante, que pode até não ter lido a obra tema do encontro, considerando-se, assim, o entendimento de Bajour (2012, p. 36) que “nem todos os silêncios precisam ser preenchidos”. Entretanto, apesar da liberdade para falar ou calar, atento para o silêncio que deriva do constrangimento e do receio de alguma declaração compreendida como inadequada,

como a já mencionada fala de Octavia sobre se sentir “*intimidada*” e “*acuada*” por haver “*pessoas que manjam muito de interpretar obras*”.

Nessa perspectiva, Isabel contou: “*quando eu entrei, eu tinha muita vergonha, eu ficava nervosa*”. Esse comportamento não se extinguiu completamente ao longo dos encontros, pois é o tempo presente que emprega para dizer: “*Então, sim, eu fico nervosa, eu fico pensando: ai meu deus, se eu falar alguma bobagem, se eu começar a gaguejar aqui?*”. Isabel revela o medo da exposição e a insegurança de colocar seu modo de ler e de mostrar-se diante de outra pessoa. Ela esclarece que quer que suas falas “*façam sentido*”, “*que tenham uma sequência lógica*”. Assim, a reação da participante está associada à sua preocupação em ser compreendida de forma apropriada, tentando se manifestar com coerência, conforme percebe como deve ser sua própria postura profissional como advogada e professora.

De igual modo, Clarice demonstra “*o medo de falar alguma besteira*”, elucidando que se refere “*àquela coisa meio moderna*”, “*ser cancelada pelo grupo*”. A razão para tal, em sua compreensão, seria “*cair em alguma coisa, algum tipo de fala errada*”, um temor que percebo como bastante atual e associado ao uso das redes sociais. Ela alega: “*tenho muito mais facilidade pra chegar e falar pra ti e expor do que num grupo*”. Esclareço que, entre mim e a participante, constituiu-se uma relação de confiança e amizade, que, apesar de ter se iniciado a partir do Leia Mulheres, transcende-o, e, por isso, a livre manifestação sobre as obras literárias, sem receio de mal-entendidos, é intensificada.

Diante dos relatos de Isabel e Clarice, verifico que seus silêncios diferem do de Lygia, não se tratando de mera preferência, na medida em que Clarice assinala: “*eu sinto que isso é uma trava*”. “Trava” é uma palavra relacionada à ação de “travar”, verbo cujo significado é “dificultar ou impedir os movimentos” e “colocar entrave em; obstruir, travancar” (Houaiss, Villar, 2009, p. 1873). Por conseguinte, silenciar em razão do receio de dizer “*alguma bobagem*” é um modo de autocensura, justificada pelo desejo de se proteger da hipótese de inadequação, sendo um obstáculo para a efetivação do diálogo. Se, de um lado, o silêncio pode ser uma tentativa de autopreservação; de outro, é possível concluir que dizer é um ato de coragem, posto que implica a suscetibilidade a julgamentos e a responsabilidade da autoria pelo que se diz. Assim há a corroboração da afirmação de Larrosa (2015, p. 26): “O sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’”.

Camila também sente constrangimento em falar algumas vezes. No entanto, sua razão difere, pois decorre de sua condição profissional: “*parece que as pessoas vão me olhar e dizer assim: ah claro, ela é prof., por que ela está se metendo aqui? Não tem que estar falando*”. Ela teme inibir as manifestações das outras pessoas que participam do grupo por seu conhecimento

técnico sobre literatura. Perante isso, é possível concluir que seu silêncio se vincula a uma autocensura, devido ao desejo de não se sobrepor a outras falas, sendo um calar para deixar espaço para outras vozes.

A preocupação relacionada à formação profissional, no contexto do Leia Mulheres, é compartilhada por Camila, que não quer impedir as falas dos demais, e por Isabel, que busca coerência em seu discurso. Ambas têm em comum o fato de serem docentes. Com base nisso, evidencia-se que a forma como a própria pessoa vê a si mesma e sua profissão influencia em seu comportamento no grupo de leitura. Nesse ponto, retomo a exposição de Octavia a respeito das “*várias pessoas que entendem de literatura*”, salientando que estas apresentam percepções sobre o aspecto formal do objeto literário em virtude de sua profissionalização. No entanto, apesar da possibilidade de surgir alguma inibição derivada da falta desse conhecimento técnico, e embora Camila, professora de literatura, evite falar para não constranger, Octavia ressalta: “*Não é o tipo de análise que eu faça, mas é legal essa troca*”. Portanto, sobressai-se ainda o compartilhamento da experiência de leitura, a aprendizagem com o outro, a realização do ensaio, conforme a metáfora de Bajour (2012).

Desse modo, noto que novamente aparece a subjetividade, desta vez, pelo viés da profissão, como elemento integrante da leitura partilhada. A sua indissociabilidade é ressaltada quando Camila, durante o encontro a respeito de *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara, lembrou da crônica de Daniel Munduruku citada anteriormente, “Minha vó foi pega a laço”, que utilizei no período em que fui sua aluna em um dos estágios do Curso de Licenciatura em Letras. Em vista disso, verifico que, mesmo tencionando deixar de lado sua atuação como professora e preferindo o silêncio, quando se manifesta, Camila revela sua trajetória profissional, pois essa característica compõe sua forma de ver o mundo e, logo, de ler. Não é possível, assim, dissociar-se de si para se relacionar com o texto, ainda que tente.

Ainda, há para quem o silêncio não seja uma questão de introversão ou autocensura, como para Daniela:

*No Leia, eu nunca senti [constrangimento em falar]. Eu nunca senti, porque eu acho que é um ambiente tão acolhedor, sabe? Ninguém está ali... Não é uma coisa, é uma coisa de pessoas normais lendo e falando sobre o livro, sabe? Não tem disputa. Não tem ego. Eu acho isso bem legal assim. Não tem ninguém te julgando, não vai ter ninguém te julgando, sabe? Eu acho que nesse sentido é bem importante.*

A interlocutora demonstra considerar o grupo de leitura como um espaço seguro para a livre manifestação, seja pela fala, seja pelo silêncio, em prol de um objetivo compartilhado: ter uma experiência literária.

Perante os relatos, saliento que as dificuldades sentidas pelas entrevistadas estão mais atreladas à fala do que à escuta, o que pode prejudicar o desenvolvimento da leitura partilhada, na medida em que dizer é tão necessário quanto ouvir. Ciente de que a prevalência da preferência pela escuta pode estar associada a um traço de personalidade, como a introversão, ou de alguma questão pessoal, não argumento a favor da imposição da fala, mas sinalizo a impossibilidade da efetivação de uma relação dialógica sem qualquer uma das ações.

Para Bajour (2012, p. 22), “Dar e escutar a palavra sobre o lido [...] seria objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para outros. É como escrever a leitura ‘em voz alta’ e como se outros a vivenciassem como parte do texto que nossas cabeças criam quando leem”. Por conseguinte, a exposição da leitura para outros beneficia quem se manifesta, que tem a possibilidade de se surpreender “com os sons de sua própria interpretação” (Bajour, 2012, p. 23); enquanto calar priva as outras pessoas de experienciar o texto que o/a leitor/a cria a partir de sua leitura individual. Ao compartilhar do entendimento de Bajour (2012) sobre a leitura partilhada ser um eterno ensaio, com diferentes partituras, sem entendimento de que haveria uma leitura perfeita, compreendo a fala como um exercício. Clarice, por exemplo, adota uma estratégia: *“Eu espero sentir um pouco a coisa, como que está. É... Realmente, o clima. E se alguém fala alguma coisa mais ou menos na linha do que eu estou pensando, que daí eu sinto que eu fico um pouco mais encorajada, tipo: não, a sua opinião é legal de colocar”*.

Não sendo viável a garantia da compreensão e da concordância entre todos os/as participantes, o caminho que se aponta é o compromisso dos/as integrantes com a constituição de um vínculo alicerçado no respeito pelo que diverge. Nesse sentido, Bajour (2012, p. 25) defende que a “democracia da palavra compartilhada implica [...] o encontro intersubjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença e estejam dispostas a enriquecer a vida, a leitura e a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concorde com ela”.

Quando “no balanço entre o dizer e o calar geralmente predomina o silêncio como refúgio, como resistência ou como alienação da própria palavra” (Bajour, 2012, p. 20), cabe reiterar que silenciar é necessário para a escuta e, consequentemente, para a leitura partilhada. Além disso, ressalto que o silêncio pode indicar presença e emergir como uma reação da experiência literária, aproximando-se do “levantar a cabeça” de Barthes (2004), gesto que não é fala, mas demonstra os afetos mobilizados ao ler. O silêncio é mais do que a ausência de sons audíveis, pode significar um tempo, uma condição necessária para a organização do pensamento. Portanto, dentre as reverberações dos textos e das leituras, silenciar não é necessariamente não compreender ou não sentir, mas pode ser indício de uma leitura que foi profundamente experienciada.

Nesta e nas seções anteriores do quarto capítulo, dediquei-me a relacionar as narrativas das leitoras selecionadas para a pesquisa, a fim de compreender como as múltiplas vozes que se manifestam nos encontros do Leia Mulheres reverberam, afetando umas as outras. Desse modo, constatei que a leitura partilhada, a construção conjunta de sentido sobre um texto, é sonante, geradora de sons<sup>8</sup>, os quais podem ser ressonantes ou dissonantes. Ambos se realizam pela fala e pela escuta e são delineados a partir da relação entre os/as leitores/as. Porém, a ressonância, embora abranja a diferença em relação ao outro – isto é, não equalize sons –, propicia a aproximação entre os sujeitos, que estão disponíveis para que as leituras – “partituras” (Bajour, 2012, p. 24) – afetem-lhes. Já a dissonância refere-se à diferença ruidosa diante desse outro, que produz atrito, discordância e até mesmo hostilidade, implicando afastamento.

Entre esses “acordes”, pode aparecer o silêncio, que tem significados diversos, mas que, nas narrativas descritas, não sinaliza ausência ou inércia. Silenciar, neste estudo, apresenta-se como um modo de participar da própria leitura partilhada: o/a leitor/a faz uma experiência literária e não consegue ou não deseja expor-se, por isso, participa sem falar. Contudo, também há o silêncio para se preservar, resistir e respeitar, por medo, vergonha, insegurança ou prevenção de confronto. Esse silêncio mobilizado por sentimentos negativos revela como a fala pode ser mais desafiadora do que a escuta, indicando aspectos a serem observados para a realização da leitura partilhada.

Após acompanhar esses tópicos, como pistas, nas manifestações das interlocutoras, a seguir, apresento a conclusão desta dissertação, percorrendo sobre a promoção da leitura partilhada, com a retomada de alguns aspectos centrais abordados.

---

<sup>8</sup> Significado retirado do Dicionário Houaiss (2009).

## 5 CONCLUIR? FINALIZANDO UM PERCURSO E DESCORTINANDO HORIZONTES

Ao intitular esta pesquisa com *Entre o livro e a arte de ler: reverberações do Leia Mulheres em Caxias do Sul*, com a preposição “entre”, busquei sinalizar a existência de um espaço no qual quem age são os/as leitores/as. Nesse sentido, minha investigação foi dedicada à reflexão sobre o que acontece aos/às leitores/as, partindo da compreensão de que a leitura da obra literária se trata de um processo mais profundo do que a mera decodificação do texto. É por isso que optei por empregar a expressão “arte de ler” no lugar de simplesmente “leitura” ou “ato de ler”, ressaltando que o objeto artístico livro implica uma experiência.

Quando alguém lê um texto literário, mais do que efetuar uma prática social, tem a oportunidade de experienciar um acontecimento que pode deixar marcas. Embora fazer uma experiência requeira certa disponibilidade para o padecimento, um deixar-se afetar, “a arte de ler” indica a concepção de que leitores/as são também autores/as do que leem, na medida em que emprestam ao texto o seu olhar, a sua subjetividade. Já “reverberações” foi um modo de indicar o efeito gerado pelo Leia Mulheres e as múltiplas vozes – de teóricos/as e leitoras – que compuseram esta dissertação.

Com o objetivo de analisar a leitura partilhada, por meio de entrevistas de participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul sobre suas trajetórias como leitoras, procurei contribuir para as discussões a respeito da experiência de leitura literária de modo a fomentá-la. Para tanto, contei com a generosidade de leitoras, que se dispuseram a dividir comigo seus percursos, a fim de que houvesse material a ser analisado. Este foi relacionado às noções sobre experiência e possibilitou a constituição de um entendimento sobre a leitura partilhada, o que se deu a partir de entrevistas individuais, as quais, após transcritas, foram lidas e relidas diversas vezes para a identificação dos tópicos relacionados aos objetivos da investigação, abordados nos capítulos deste estudo.

Em atenção ao objetivo específico **(a) registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul – RS**, utilizei, além das entrevistas, fotos em redes sociais e os registros que compilei ao longo de meus oito anos como mediadora do grupo. Assim, elaborei uma narrativa do início do projeto até 2025, quando escrevo este texto. É dessa história que tratei no segundo capítulo, no item 2.3.

No terceiro capítulo, dediquei-me ao objetivo específico **(b) conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras**. Os nove relatos das entrevistadas foram relacionados, propiciando a visualização de similaridades e diferenças em seus percursos, bem

como do significado da leitura para elas. Dentre as constatações, destacou-se o fato de todas serem leitoras desde criança ou adolescente, independentemente de possuírem livros em casa fornecidos pelos responsáveis ou não. Se não havia livros, havia a narrativa oral – livros-vivos. Se a família não podia comprá-los, havia a biblioteca ou alguém que os doava. Essas mulheres também compartilham o fato de que são leitoras. E sublinho: elas são leitoras principalmente, porque a leitura integra – para algumas de forma mais profunda, outras menos – a sua subjetividade e faz parte de seu dia a dia. Ancorada nos seus cotidianos, a leitura acompanha os ritmos da vida de cada uma.

Para as interlocutoras, a leitura pode estar associada ao exercício de suas profissões – a leitura de trabalho – ou pode ser uma ferramenta de profissionalização. Todavia, para todas elas, ler é uma questão de apreciação pessoal. Quanto às razões para tal, há divergências. A leitura é: entretenimento, um caminho para expandir horizontes, uma forma de se entender melhor, a preservação da subjetividade, uma oportunidade para serenar, uma possibilidade para exercitar a criatividade. Perante essa diversidade, verifiquei que ler envolve ações contraditórias: reconhecer-se no outro e diferenciar-se deste, profissionalizar-se e apenas fruir, estudar e distrair-se, aprofundar o autoconhecimento ou esquecer-se de si.

No quarto capítulo, abordei o objetivo **(c) caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo**. Como um modo específico de ler, esta caracteriza-se especialmente por seu aspecto relacional: a construção de sentido de um texto a partir da interação entre sujeitos. Logo, não se refere a uma leitura em voz alta, mas a um encontro com o outro, um sujeito disposto a emprestar suas lentes a outras pessoas enquanto também toma como empréstimo as delas. Trata-se de uma relação dialógica, tendo em vista que sua efetivação se dá a partir da fala e da escuta, conforme aponta Bajour (2012).

Identificando essas duas dimensões nos relatos das leitoras, percebi que seus efeitos geraram dissonâncias e ressonâncias. Nas primeiras, há atrito com outros/as leitores/as; a diferença se sobrepõe, culminando no distanciamento entre eles/as. Já no segundo caso, apesar de não haver a supressão da diferença, ela não produz distância, mas pode aproximar e, principalmente, gera a transformação da leitura individual a partir do contato com outras interpretações.

Nas narrativas das interlocutoras, o silêncio emergiu como uma dimensão da leitura partilhada. Ao contrário do que talvez poderia se esperar, ele não se revelou como ausência – de palavras ou afetos –, mas mostrou-se com significado. Às vezes, silenciar era uma forma de proteção contra a “ex-posição” (Larrosa, 2015) atrelada à leitura partilhada; outras, uma demonstração de respeito; e outras, um modo de tentar acomodar o texto dentro de si junto às

demais pessoas. Constatar o silêncio e significá-lo foi importante para entender seu papel para além da viabilização da escuta, mas como um modo apropriado ao fazer da experiência da leitura literária.

Silêncio, fala e escuta são, portanto, as três dimensões constituintes da leitura partilhada, as quais são mobilizadas por cada sujeito envolvido no processo de significação. Retomando a metáfora de um ensaio de orquestra de Bajour (2012), no encontro de partituras de leitores, entre dizer e ouvir, são provocadas ressonâncias e dissonâncias. Todavia, na leitura partilhada, dos arranjos dessa orquestra, cujo único objetivo é ensaiar, surge a possibilidade de uma nova compreensão. Para tanto, requer-se do/a leitor/a certa disponibilidade para o enriquecimento da própria interpretação – e da própria vida – por meio da diferença entre os indivíduos.

Com este estudo, mais do que investigar obras escritas por mulheres, o que já vem sendo feito com profundidade por outros/as pesquisadores/as, dediquei-me à particularidade da leitura realizada por um grupo de mulheres que optaram por entrar nos universos gerados pela escritura de outras mulheres. A leitura do livro literário escrito e escolhido por mulheres acontece, saliento, de modo singular. Não se dá apenas nos processos de decodificação e no isolamento previsto para a leitura de romances, indo além, portanto, das leitoras “de carne e osso” românticas ou as “de papel”, tematizada nos romances produzidos no século XIX, citadas por Zilberman e Lajolo (2019).

Além disso, as interlocutoras já superaram a compreensão binária de livros para homens e mulheres, as quais leriam exclusivamente por identificação, com a experiência literária atrelada ao emocional, conforme Zilberman e Lajolo (2019) constata em autores do final do século XIX e início do XX. Partindo-se da experiência, segundo Larrosa (2015) e Yunes (2014), não há como nem por que evitar as emoções. Estas estão associadas à leitura, na medida em que experienciar um texto é ser tocado/a por ele (Larrosa, 2015). Desse modo, passa-se a conhecer uma obra literária: quando ela é interiorizada pelo indivíduo, ficando gravada na sua “carne” (Yunes, 2014).

A possibilidade de decidir o que se vai ler, eleger as escritoras e falar sobre o que foi lido com outras pessoas transcende, reitero, o que se supõe sobre a leitura como prática social. Trata-se de uma experiência que se faz no encontro, na partilha: das narrativas das leitoras, da vida de personagens, de escritas que tocam. Se ler literatura é um acontecimento que afeta o/a leitor/a, ao partilhar-se, as possibilidades de reverberações se ampliam e aprofundam. A razão para tal é que cada membro do grupo tem uma trajetória particular e lê por razões que nem

sempre se assemelham. Essa diversidade se encontra na leitura partilhada, gerando novos sentidos para os textos.

Quando mais da metade dos brasileiros não leem, de acordo com o Instituto Pró-Livro (2024), projetos como o Leia Mulheres são essenciais. Com eles, é possível conquistar novos leitores, visto que os encontros mensais oportunizam a vinculação com a leitura literária e com outras pessoas. Esse efeito ganha mais relevância diante do imperativo contemporâneo da informação, opinião, velocidade e ação. Em contextos assim, a experiência é inviabilizada, porque ela demanda vagar, atenção, interrupção da opinião, sem operar no ritmo da produtividade e da individualidade (Larrosa, 2015).

Diante disso, fica evidente a potência da leitura partilhada para a promoção da literatura e para o estabelecimento de relações, ao propiciar o encontro com o outro. Ela convoca leitores/as para a escuta, a coragem de se expor, o sentir, a atenção aos detalhes e a prática de silenciar. Constituída pela integração entre sujeitos diversos, a leitura partilhada se modifica e se adequa a diferentes espaços, com especificidades em cada um deles. Por isso, outros estudos sobre ela são pertinentes, especialmente, com enfoque na mediação, indispensável para a efetivação desse modo de ler.

Destaco que foi justamente a mediação a motivadora deste estudo. Embora eu não tenha abordado a temática diretamente – não por falta de desejo, mas em razão do tempo, que se mostrou insuficiente para abranger todas as intenções iniciais de uma pesquisa empírica –, meu papel como mediadora fomentou reflexões e dúvidas que culminaram no desenvolvimento da investigação. Portanto, minha experiência como mediadora e como pesquisadora estão integradas.

Em referência a Larrosa (2015) – fundamentação teórica, mas com implicações em minha trajetória pessoal –, saliento a qualidade existencial desta pesquisa, que, do início ao fim, esteve ancorada no meu “saber da experiência”. Ele, conforme o referido autor, possibilita que as pessoas se apropriem de sua existência. Nesse sentido, o desenvolvimento da pesquisa, ao conectar diferentes aspectos relacionados a mim, afetou também minha subjetividade, além de modificar minhas percepções sobre a ciência.

Percebi como essencial a constituição do conhecimento conectado à experiência. Motiva minha curiosidade, gera inquietação, o que vejo a partir do que sou, em meu cotidiano, e não apartada dele para alcançar uma pretensa realidade. À vista da proposição de Larrosa (2015) de que o saber da experiência não visa à verdade, com este estudo, procurei dar sentido ao que me acontece. Ainda que persistam dúvidas, finalizo esta trajetória transformada pela experiência que vivi.

Como não poderia deixar de ser em um estudo sobre literatura, concluo a presente dissertação com os versos de “O último poema”, da obra *O livro das semelhanças*, de Ana Martins Marques, lido para o encontro do Leia Mulheres, em Caxias do Sul, em 30 de abril de 2022: “Agora deixa o livro/ volta os olhos/ para a janela/ a cidade/ a rua/ o chão/ o corpo mais próximo/ tuas próprias mãos:/ aí também/ se lê” (Marques, 2015, p. 29). Encerro, então, este mergulho, olho ao redor enquanto tomo fôlego, lendo o mundo em busca de outras histórias e vendo em minhas mãos outras linhas a serem escritas.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. 152 p.
- BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. 120 p.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Mulheres e leitoras: entre oralidade e escrita, espaços privados e públicos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 417-439, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/1127>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011. 270 p.
- CARPINTÉRO, Ana Carolina Barbosa. **Caminhos da literatura na internet**: o booktube e a partilha de experiências de leitura. 132 p. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7676938](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7676938). Acesso em: 15 jun. 2024.
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, 2021. DOI: 10.15448/1984-7726.2021.1.40429. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/40429>. Acesso em: 11 maio 2025.
- ECO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 278 p.
- ECOAR. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 278 p.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GALEANO, Eduardo. A função da arte/1. In: GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Brasília: Ministério da Cultura, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?**. São Paulo: Parábola, 2012.

KUPIEC, Anne; NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. **Antares**: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, p. 163-177, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/issue/view/152>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEIA MULHERES. **Oi, gente**. Tudo bom? Ficamos muito felizes com a aderência de vcs ao desafio. Vai ser muito legal lermos juntas tantas autoras brasileiras! Vimos que algumas pessoas estão pedindo dicas pra cada categoria (ou até mesmo pedindo para mudar coisas), e é claro que vamos indicar alguns livros que amamos. Só que a ideia do desafio é justamente essa: exigir da gente uma pesquisa, procurar além das grandes editoras do mercado e conhecer autoras independentes. Por isso criamos esse desafio, porque há muita literatura boa sendo feita e a gente precisa descobrir!. São Paulo, 6 dez. 2022a. Instagram: @\_leiamulheres. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C11Fvp\\_uoGh/?igsh=cXprZTFqYzZzYjBo](https://www.instagram.com/p/C11Fvp_uoGh/?igsh=cXprZTFqYzZzYjBo).

LEIA MULHERES. **Olá!** Como é de praxe, voltamos com o nosso desafio! E para 2023 escolhemos um tema especial: Brasil. Com a posse de Lula, teremos a retomada de nossa cultura, então nada melhor do que conhecermos mais escritoras brasileiras. E claro, também um pouco em clima de Copa. :) Caso forem seguir o desafio, não esqueçam de usar #desafioleiamulheres2023 pra gente ficar de olho nas leituras de vocês!. São Paulo, 5 dez. 2022a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClyqNIOLJ0A/?igsh=Nzc4eTZ3Ym9rcTBv>. Acesso em: 9 out. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUSA, Diana. **Tornar-se leitora**: percursos de professoras. 2024. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In*: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (org.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduep, 2003. 11-25 p.

MARQUES, Ana Martins. O último poema. *In*: MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 29 p.

MONCAU, Gabriela. Sistema sexo-gênero – Gayle Rubin. *In*: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA. **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo: Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/sistema-sexo-genero-gayle-rubin>. Acesso em: 24 jul. 2024.

NEITZEL, Adair de Aguiar; RAMOS, Flávia Brocchetto. A leitura do literário como experiência artística e estética. *In*: CARVALHO, Mário de Faria; BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA, André Luiz dos S. Paiva. **Estéticas dissidentes e educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. 21-41 p. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Práticas culturais e leitura: leitoras e formas de resistir. **Raído**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 379-390, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/645>. Acesso em: 29 abr. 2025.

RAMOS, Flávia Brocchetto. Por que literatura?. *In*: RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. **Mergulhos de leitura: a compreensão leitora da literatura infantil**. Caxias do Sul: Educs, 2015. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 12 jun. 2024.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura infantil: de ponto a ponto**. Curitiba: CRV, 2010.

REPERCUSSÃO. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 671 p.

REPERCUTIR. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 671 p.

RESSONÂNCIA. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1654-1655 p.

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DO CONCEITO DE GÊNERO. Palestrante: Jacqueline Teixeira. Publicado pelo canal Casa do Saber. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (17 min. 07 s.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SR-y7SIJi1U&list=LL>. Acesso em: 24 jul. 2024.

TRAVA. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1873 p.

TRAVAR. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1873 p.

TROIAN, Aline Dalpiaz. **Círculo de leitura**: experiências de leitura literária com jovens leitores. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>. Acesso em: 25 jan. 2024.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher?. Tradução de Osmundo Pinho. **Portal Geledés**, 08 jan. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

YUNES, Eliana. Leituras compartilhadas, leitores múltiplos. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 130-141, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/6239>. Acesso em: 8 jan. 2024.

ZILBERMAN, Regina. O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014). **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 50, p. 424-443, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185025>. Acesso em: 11 maio 2025.

**APÊNDICE A – SÍNTESE DO ESTADO DA ARTE COM OS DESCRITORES “LEITURA COMPARTILHADA” E “LEITURA PARTILHADA” [reduz espaço no final do item]**

| <b>Ano</b> | <b>Título</b>                                                                                                                                              | <b>Autoria</b>                           | <b>Palavras-chave</b>                                                                                                                   |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2023       | Interação professor aluno na leitura compartilhada: efeitos no desenvolvimento linguístico do aluno                                                        | Laudelina Pontes Albuquerque             | Leitura Compartilhada. Educação Infantil. Interação professor aluno. Linguagem. Perguntas inferenciais e literais.                      |
| 2023       | O leitor biblioteca: leitura, recepção e a transformação do leitor em livro literário                                                                      | Lucianno Di Mendonça                     | Leitor. Leitura. Poética do compartilhamento. Fahrenheit 451. Borges. Leitorbiblioteca.                                                 |
| 2023       | De Escola Normal a Instituto de Educação no Brasil: uma leitura de espaços compartilhados (1835-1971)                                                      | Maria Claudia Lemos Moraes do Nascimento | História da Educação. Instituições escolares. Escola Normal.                                                                            |
| 2023       | Muito além da dancinha: as apropriações do Tiktok para o compartilhamento da leitura                                                                       | Marina Judiele dos Santos Freitas        | Booktoker. Tiktok. Comunidades. Leitura Compartilhada.                                                                                  |
| 2023       | A recepção de livros de autoria de mulheres negras: representação e reconhecimento em leituras compartilhadas                                              | Adriana Aires da Silva                   | Clubes de Leitura. Mulheres Negras. Recepção.                                                                                           |
| 2022       | Leitura compartilhada e leitura crítica: a construção do conhecimento em contexto escolar orientada pela pedagogia com base em gêneros da escola de Sydney | Carolina Zeferino Pires                  | Linguística sistêmico-funcional. Pedagogia com base em gênero. Ciclo de Ensino e Aprendizagem. Leitura.                                 |
| 2022       | A voz e a palavra viva na leitura em voz alta compartilhada, notas d'um leitor                                                                             | Augusto Stevanin                         | Leitura literária. Voz alta. Som. Sentido. Experiência.                                                                                 |
| 2022       | Leitura e escrita na educação infantil: sentidos produzidos por crianças e professoras em processos de aprendizagem compartilhada                          | Fernanda Michelle Pereira Girão          | Criança. Infância. Leitura. Escrita. Prática docente. Educação infantil.                                                                |
| 2022       | Quarenteners: leituras partilhadas durante a pandemia da Covid-19                                                                                          | Ana Paula Gomes Rosa                     | Leitura literária. Comunidades de leitores. Pandemia.                                                                                   |
| 2022       | Contribuições das redes sociais livrescas para a sociabilidade literária                                                                                   | Marina Gonçalves                         | Redes sociais livrescas. Skoob. Leitura Compartilhada. Mediação de leitura. Sociabilidade Literária. Normalização da leitura literária. |
| 2022       | Leitura compartilhada na educação bilíngue de surdos: pesquisa-ação com materiais didáticos para surdocegos                                                | Abdel Azziz Moussa Hassan Daoud          | Surdocegueira. Contação de histórias. Leitura Compartilhada. Material didático. Acessibilidade.                                         |

|      |                                                                                                                                                           |                                         |                                                                                                                                |
|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2021 | Contribuições da prática de leitura compartilhada na infância para o desenvolvimento da literacia e para a criação de leitores                            | Aline Elisabete Pereira                 | Leitura compartilhada. Educação Infantil. Literacia Emergente. Aprendizagem da leitura.                                        |
| 2021 | Uma análise da leitura compartilhada no ensino remoto durante a pandemia de Covid-19                                                                      | Carmen Lucia Martins da Silva           | leitura compartilhada. Interação professor aluno. Habilidades linguísticas. Leitura.                                           |
| 2021 | Desenvolvendo a intertextualidade a partir de smartphones: leituras compartilhadas na formação do leitor contemporâneo                                    | Anderson de Santana Lins                | Leitura. Intertextualidades. Tecnologias digitais.                                                                             |
| 2021 | As literaturas africanas na (trans)formação do leitor literário brasileiro                                                                                | Priscila Estevam Lopes                  | Ensino de literatura. Leitura compartilhada. Literaturas africanas. Lei 10.639/03.                                             |
| 2021 | De leitor para leitores: o compartilhamento de experiências de leitura literária por meio da videorresenha no 3º ano do Ensino Médio                      | Leidiane Maria Magalhaes Nascimento     | Leitor. Leitura Literária Compreensão. Videorresenha. Booktuber.                                                               |
| 2021 | Narrativas de mistério e de suspense: propostas para a formação do leitor literário                                                                       | Elitania Vieira Lima                    | Letramento literário. Leitura compartilhada. Sequência Básica. Formação de leitor.                                             |
| 2020 | Letramento literário como incentivo à formação do leitor crítico                                                                                          | Tatiele Jesus Faria                     | Letramento literário. Formação de leitores. Compartilhamento de leitura. Leitura crítica. Conto.                               |
| 2020 | Leitura compartilhada e desenvolvimento do leitor crítico no 5º ano do Ensino Fundamental por meio do gênero discursivo conto                             | Carla Alessandra Paula da Silva Menezes | Leitura compartilhada. Oficinas de leitura. Ensino Fundamental. Conto.                                                         |
| 2019 | O ensino de leitura e literatura como ferramenta para o letramento e estímulo para a formação do leitor                                                   | Fernanda Caetano de Lima                | Ensino de leitura. Ensino de literatura. Autonomia. Alfabetização. Compartilhamento de leituras.                               |
| 2019 | Literatura de temática afro: desafios e possibilidades à educação antirracista                                                                            | Tamara Alcoforado Vianna Pinheiro       | Literatura de temática africana e afrodescendente. Voz. Leitura compartilhada. Educação literária. Literatura infanto-juvenil. |
| 2019 | O clube da leitura na biblioteca escolar: a construção de novos sentidos, em situação de leitura compartilhada, por crianças em processo de alfabetização | Michelle Silva Pinto                    | Clube da Leitura. Biblioteca escolar. Espaços de elaboração de sentidos. Formação de leitores.                                 |
| 2019 | Por uma alfabetização sem cartilha: narrativas e experiências compartilhadas no Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da Unirio                       | Tiago Ribeiro da Silva                  | Alfabetização sem cartilha. Concepção discursiva. Diferença e alteridade. Investigação-formação. Formação docente.             |

|      |                                                                                                                                                                    |                                        |                                                                                                                                              |
|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2019 | Pedagogia dos multiletramentos em um projeto de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental: construção de base para um projeto de compartilhamento pedagógico | Nordecí de Lima Silva                  | Alfabetização. Formação contínua. Letramento. Multiletramentos.                                                                              |
| 2019 | Do igual, o igual, conversas desarmadas: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em clubes de leitura                                          | Mara Aline de Campos dos Santos        | Clubes de leitura. Coletivos de leitura. Efeito estético. Experiência estética literária. Leitura compartilhada. Leitura dialógica.          |
| 2019 | Caminhos da literatura na internet o booktube e a partilha de experiências de leitura                                                                              | Ana Carolina Barbosa Carpintero        | Booktube. Práticas de leitura na internet. Cultura participativa. Convergência. Crítica literária contemporânea.                             |
| 2018 | A leitura literária na formação de leitores críticos: uma proposta de intervenção                                                                                  | Roberta Guerreiro Costa                | Literatura. Leitura crítica. Leitura compartilhada. Leitura subjetiva. Diários de leitura. Intervenção.                                      |
| 2018 | Desvendando o espaço em contos de Ricardo Ramos: experiências de leitura compartilhada                                                                             | Marina Macedo Santos Martins           | Leitura literária. Contos. Recepção. Espaço. Ricardo Ramos.                                                                                  |
| 2017 | Movimentos interpretativos na leitura: um estudo sobre o leitor e o seu papel de autor                                                                             | Baktalaia de Lis Andrade Leal          | Leitura. Autoria-compartilhada. Inferência. Superinterpretação. Intenção textual. Dialogismo.                                                |
| 2017 | Leitura no ensino de biologia na educação de jovens e adultos                                                                                                      | Simone Paixão Araujo                   | Ensino de ciências. Ensino de Biologia. Educação de jovens e adultos. Leitura. Compreensão leitora. Ensino recíproco. Leitura compartilhada. |
| 2016 | Do <i>Diário de um banana</i> às crônicas do <i>Pequeno Nicolau</i> : uma proposta de ampliação do repertório literário do jovem leitor                            | Cristiana Lopes de Souza Brinati       | Repertório literário. Letramento literário. Leitura compartilhada. Comunidade de leitores.                                                   |
| 2016 | Machado no Ensino Fundamental: pode isso? Mediação dos clássicos: estratégias e diálogos                                                                           | Luana Rodrigues de Oliveira dos Santos | Literatura. Cânone. Diálogo Intertextual. Leitura oral. Leitura compartilhada. Ensino Fundamental II.                                        |
| 2016 | Poesia infantil e leitura compartilhada: uma metodologia possível para a percepção do idoso em sala de aula                                                        | Jessica Amanda de Souza Silva          | Poesia Infantil. Idoso. Ensino de Literatura. Leitura Compartilhada.                                                                         |
| 2016 | “Entendores, entenderão!” podcasts, fanfictions e fansites: leituras e escritas compartilhadas                                                                     | Tatiana de Laai                        | Antropologia. Identidade. Consumo. Cibercultura. Fã. Fandom.                                                                                 |

|      |                                                                                                                                 |                                      |                                                                                                                     |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2015 | Da partilha do sensível no Brasil: uma leitura de “A hora e a vez de Augusto Matraga” e “Buriti”                                | Thais Travassos                      | “A hora e a vez de Augusto Matraga”. “Buriti”. Guimarães Rosa. Partilha do sensível. Políticas da literatura.       |
| 2015 | Roteiros de leitura compartilhada em suspense na sala de aula: perspectivas para o letramento literário                         | Keturiny Fernandes Marques Rezende   | Letramento literário. Roteiros de leitura. Estratégias de letramento. Leitura compartilhada. Autobiografia. Ensino. |
| 2015 | Leitura compartilhada: estratégias de mediação no letramento literário                                                          | Simone Machado de Aguiar             | Letramento literário. Compartilhamento de leituras. Comunidade de leitores. Círculo de leituras. Skoob.             |
| 2014 | A tragédia clássica grega: uma vivência com a <i>Antígona</i> , de Sófocles, na sala de aula                                    | Viviane Moraes de Caldas             | Tragédia grega. Antígona. Sófocles. Leitura compartilhada. Ensino de literatura.                                    |
| 2014 | A leitura dos enunciados dos problemas matemáticos e as estratégias para a resolução por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental | Lidiane Camilo Sossolote Leite       | Práticas de leitura. Formação de conceitos. Ensino Fundamental. São Paulo Faz Escola.                               |
| 2013 | Práticas de leitura de alunos do Ensino Médio em diferentes suportes                                                            | Brena Carla Martins dos Santos Nagao | Suportes de leitura. Práticas de leitura. Alunos de Ensino Médio.                                                   |

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

| <b>ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>                                                                                                                                                |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Tempo aproximado de duração: 60 minutos</b>                                                                                                                              |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>1 IDENTIFICAÇÃO</b><br>Idade:<br>Escolaridade:<br>Profissão:<br>Filhas ou filhos:                                                                                        |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Pergunta                                                                                                                                                                    | Tema                                                       | Para quero saber isto/ Objetivos específicos                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 1. Tem alguma(s) memória(s) marcante(s) envolvendo a leitura na infância ou na adolescência? Narre-a(s).                                                                    | Trajetória pessoal                                         | b) Conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras.                                                                                                                                                                                                                              |
| 2. Houve alguém que lhe apresentou o mundo da literatura por meio de livros ou da contação de histórias ou de outra forma? Quem? Quando?                                    | Trajetória pessoal                                         | b) Conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras.                                                                                                                                                                                                                              |
| 3. Você acha que ser mulher afeta as suas leituras no sentido de que ler uma escritora é diferente de ler um escritor? Sua experiência literária é diferente? De que forma? | - Trajetória pessoal<br>- Leia Mulheres                    | a) Registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul-RS.<br>b) Conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras.<br>d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul. |
| 4. Por que você lê?                                                                                                                                                         | - Trajetória pessoal<br>- Experiência de leitura literária | b) Conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras.<br>d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul.                                                                  |
| 5. Você costuma falar sobre os livros que lê com alguém?                                                                                                                    | Leitura partilhada                                         | b) Conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras.<br>c) Caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo.                                                                                                                           |
| 6. Você lembra do primeiro encontro que participou do Leia Mulheres? Se sim, como foi?                                                                                      | Leia Mulheres                                              | a) Registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul-RS.                                                                                                                                                                                                                                    |
| 7. Houve algum debate, ao longo de sua participação no Leia Mulheres, que tenha lhe marcado especialmente? Por quê?                                                         | Leia Mulheres                                              | a) Registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul-RS.                                                                                                                                                                                                                                    |
| 8. Que sentimentos e sensações surgiram a partir de livros lidos no projeto? E durante as discussões?                                                                       | Leitura partilhada                                         | c) Caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo.                                                                                                                                                                                                  |

|                                                                                            |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                            |                                                            | d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul.                                                                                                    |
| 9. Como é falar para outras pessoas o que você pensou e sentiu sobre um livro?             | Leitura partilhada                                         | c) Caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo.<br>d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul. |
| 10. Como é ouvir outra pessoa falando sobre um livro que você também leu?                  | Leitura partilhada                                         | c) Caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo.<br>d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul. |
| 11. Ouvir e falar, em um encontro do Leia, já modificou a sua percepção sobre um livro?    | Leitura partilhada                                         | c) Caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo.<br>d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul. |
| 12. Há leitoras que você deseja/espera ouvir nos encontros que influenciam a sua leitura?  | Leitura partilhada                                         | c) Caracterizar a leitura partilhada por meio de aspectos elencados por participantes do grupo.                                                                                                                                                             |
| 13. Por que você participa do Leia Mulheres? Que expectativas você leva para os encontros? | Experiência de leitura literária                           | a) Registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul-RS.<br>d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul.                                   |
| 14. Quando você falta aos encontros?                                                       | - Trajetória pessoal<br>- Experiência de leitura literária | d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul.                                                                                                    |
| 15. O Leia Mulheres provocou mudanças na sua relação com a leitura? Se sim, quais?         | - Leia Mulheres<br>- Experiência de leitura literária      | a) Registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul-RS.<br>d) Identificar elementos significativos para o processo de mediação de leitura a partir da percepção de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul.                                   |
| 16. Você pode citar um livro do Leia Mulheres que tenha sido significativo para você?      | - Leia Mulheres<br>- Experiência de leitura literária      | a) Registrar a história do Leia Mulheres de Caxias do Sul-RS.<br>b) Conhecer as trajetórias de participantes do grupo como leitoras.                                                                                                                        |

### APÊNDICE C – LIVROS LIDOS NO LEIA MULHERES EM CAXIAS DO SUL

| <b>Data</b> | <b>Autora</b>            | <b>Obra</b>                                      |
|-------------|--------------------------|--------------------------------------------------|
| 12/07/2017  | Natalia Borges Polesso   | <i>Amora</i>                                     |
| 16/08/2017  | Carolina Maria de Jesus  | <i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i> |
| 22/09/2017  | Svetlana Aleksiévitich   | <i>A guerra não tem rosto de mulher</i>          |
| 24/10/2017  | Alice Munro              | <i>Fugitiva</i> <sup>9</sup>                     |
| 29/11/2017  | Alice Munro              | <i>Fugitiva</i>                                  |
| 21/07/2018  | Lygia Fagundes Telles    | <i>Antes do baile verde</i>                      |
| 25/08/2018  | Marina Colassanti        | <i>A morada do ser</i>                           |
| 29/09/2018  | Chimamanda Ngozi Adichie | <i>Hibisco roxo</i>                              |
| 27/10/2018  | Maria Valéria Rezende    | <i>O voo da guará vermelha</i>                   |
| 02/02/2019  | Virginia Woolf           | <i>Mrs. Dalloway</i>                             |
| 02/03/2019  | Buchi Emecheta           | <i>As alegrias da maternidade</i>                |
| 06/04/2019  | Margaret Atwood          | <i>O conto da Aia</i>                            |
| 04/05/2019  | Naomi Wolf               | <i>O mito da beleza</i>                          |
| 18/05/2019  | Naomi Wolf               | <i>O mito da beleza</i> <sup>10</sup>            |
| 01/06/2019  | Charlotte Perkins Gilman | <i>O papel de parede amarelo</i>                 |
| 06/07/2019  | Silvia Federici          | <i>Calibã e a bruxa</i>                          |
| 03/08/2019  | Clarice Lispector        | <i>A hora da estrela</i>                         |
| 24/08/2019  | Natalia Borges Polesso   | <i>Controle</i> <sup>11</sup>                    |
| 14/09/2019  | Daniela Arbex            | <i>Holocausto Brasileiro</i>                     |
| 05/10/2019  | Conceição Evaristo       | <i>Poemas da recordação e outros movimentos</i>  |
| 09/11/2019  | Marcia Tiburi            | <i>Delírio de poder</i>                          |
| 07/12/2019  | Amanda Paschoal Miranda  | <i>Hibernáculo</i>                               |
| 08/02/2020  | Isabel Allende           | <i>A casa dos espíritos</i>                      |
| 07/03/2020  | Cidinha da Silva         | <i>Um Exu em Nova York</i>                       |

<sup>9</sup> Remarcado para o mês seguinte.

<sup>10</sup> Continuação do encontro da semana anterior.

<sup>11</sup> Encontro especial em razão do Mês da Visibilidade Lésbica. Contou com a presença da autora na ocasião.

|            |                                      |                                                               |
|------------|--------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| 20/06/2020 | Angela Davis                         | <i>Mulheres, raça e classe</i> <sup>12</sup>                  |
| 04/07/2020 | Angela Davis                         | <i>Mulheres, raça e classe</i>                                |
| 11/07/2020 | Angela Davis                         | <i>Mulheres, raça e classe</i>                                |
| 25/07/2020 | Angela Davis                         | <i>Mulheres, raça e classe</i>                                |
| 29/08/2020 | Fernanda Montenegro                  | <i>Prólogo, ato, epílogo: memórias</i>                        |
| 26/09/2020 | Katherine Mansfield                  | <i>15 contos escolhidos de Katherine Mansfield</i>            |
| 31/10/2020 | Elisa Lucinda                        | <i>A fúria da beleza</i>                                      |
| 28/11/2020 | Marjane Satrapi                      | <i>Persépolis</i>                                             |
| 06/03/2021 | Paloma Franca Amorim                 | <i>Eu preferia ter perdido um olho</i>                        |
| 10/04/2021 | Alison Bechdel                       | <i>Fun home</i>                                               |
| 08/05/2021 | Xinran                               | <i>As boas mulheres da China</i>                              |
| 12/06/2021 | Eliane Brum                          | <i>A vida que ninguém vê</i>                                  |
| 10/07/2021 | Liane Moriarty                       | <i>Pequenas grandes mentiras</i>                              |
| 14/08/2021 | Jarid Arraes                         | <i>Redemoinho em dia quente</i>                               |
| 11/09/2021 | Aline Bei                            | <i>O peso do pássaro morto</i>                                |
| 09/10/2021 | Conceição Evaristo                   | <i>Insubmissas lágrimas de mulher</i>                         |
| 13/11/2021 | Ayobami Adebayo                      | <i>Fique comigo</i>                                           |
| 04/12/2021 | Fabiane Guimarães                    | <i>Apague a luz se for chorar</i>                             |
| 29/01/2022 | Júlia Lopes de Almeida               | <i>A falência</i>                                             |
| 26/02/2022 | Djaimilia Pereira de Almeida         | <i>A visão das plantas</i>                                    |
| 19/03/2022 | bell hooks                           | <i>O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras</i> |
| 30/04/2022 | Ana Martins Marques                  | <i>O livro das semelhanças</i> <sup>13</sup>                  |
| 21/05/2022 | Han Kang                             | <i>A vegetariana</i>                                          |
| 18/06/2022 | Julie Dachez e Mademoiselle Caroline | <i>A diferença invisível</i>                                  |
| 23/07/2022 | Monique Malcher                      | <i>Flor de gume</i>                                           |
| 20/08/2022 | Patti Smith                          | <i>Só garotos</i>                                             |
| 24/09/2022 | Ursula K. Le Guin                    | <i>A mão esquerda da escuridão</i>                            |
| 22/10/2022 | Sally Rooney                         | <i>Pessoas normais</i>                                        |

<sup>12</sup> Em razão da pandemia de Covid-19, o Leia Mulheres teve um recesso de três meses, retomando as atividades em junho, de forma on-line, com encontros semanais sobre a obra de Angela Davis, ao longo de um mês.

<sup>13</sup> Retomada dos encontros presenciais.

|            |                                    |                                                                           |
|------------|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|
| 19/11/2022 | Geni Guimarães e Raquel de Almeida | “Metamorfose”, de Geni Guimarães, e “Maria Padilha”, de Raquel de Almeida |
| 17/12/2022 | Sylvia Plath                       | <i>A redoma de vidro</i>                                                  |
| 25/02/2023 | Annie Ernaux                       | <i>A vergonha</i>                                                         |
| 25/03/2023 | Jane Austen                        | <i>Orgulho e preconceito</i>                                              |
| 29/04/2023 | Octavia Butler                     | <i>Kindred: laços de sangue</i>                                           |
| 20/05/2023 | Clarice Lispector                  | <i>Felicidade clandestina</i>                                             |
| 24/06/2023 | Camila Sosa Villada                | <i>O parque das irmãs magníficas</i>                                      |
| 29/07/2023 | Elena Ferrante                     | <i>Dias de abandono</i>                                                   |
| 26/08/2023 | Avni Doshi                         | <i>Açúcar queimado</i>                                                    |
| 30/09/2023 | Hilda Hilst                        | <i>De amor tenho vivido</i>                                               |
| 09/10/2023 | Giovana Madalosso                  | <i>Suíte Tóquio</i>                                                       |
| 25/11/2023 | Joana Bértholo                     | <i>Natureza urbana</i>                                                    |
| 16/12/2023 | Eliane Potiguara                   | <i>Metade cara, metade máscara</i>                                        |
| 24/02/2024 | Várias autoras                     | <i>Vitoriana Macabras</i>                                                 |
| 23/03/2024 | Clarice Lispector                  | <i>A paixão segundo G. H.</i>                                             |
| 27/04/2024 | Carla Madeira                      | <i>A natureza da mordida</i>                                              |
| 25/05/2024 | Maria Valéria Rezende              | <i>Modo de apanhar pássaros à mão</i>                                     |
| 29/06/2024 | Maria Firmina dos Reis             | <i>Úrsula</i>                                                             |
| 27/07/2024 | Lygia Fagundes Telles              | <i>As meninas</i>                                                         |
| 29/09/2024 | Amara Moira                        | <i>E se eu fosse puta</i>                                                 |
| 26/10/2024 | Nélida Piñon                       | <i>O calor das coisas</i>                                                 |
| 30/11/2024 | Lélia Gonzalez                     | <i>Por um feminismo afro-latino-americano</i>                             |
| 14/12/2024 | Socorro Acioli                     | <i>A cabeça do santo</i>                                                  |
| 22/02/2025 | Angélica Freitas                   | <i>Um útero é do tamanho de um punho</i>                                  |
| 29/03/2025 | Teresa Cárdenas                    | <i>Cartas para a minha mãe</i>                                            |
| 26/04/2025 | Karina Sainz Borgo                 | <i>Noite em Caracas</i>                                                   |
| 31/05/2025 | Gabriela Wiener                    | <i>Exploração</i>                                                         |

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada leitora:

Você está sendo convidada a participar da pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS), intitulada *Entre o livro literário e a arte de ler: reverberações do Leia Mulheres de Caxias do Sul*. Eu, Roberta Regina Saldanha, desenvolverei a pesquisa, que fará parte de minha dissertação de Mestrado, sob orientação da Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos. A pesquisa visa à investigação de narrativas de participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul (RS), tendo como pergunta: **De que modo a leitura partilhada afeta a experiência literária de participantes do Leia Mulheres em Caxias do Sul?**

Para a pesquisa, estão sendo convidadas integrantes que participaram de, pelo menos, seis encontros do Leia Mulheres de Caxias do Sul, no período de julho de 2023 a julho de 2024. Os procedimentos metodológicos do estudo dos quais você participará preveem entrevistas, que serão gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Estima-se duração de uma hora para a realização dessa ação. Você receberá esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Sinta-se livre para recusar e interromper a sua participação ou solicitar o acesso a esse registro de consentimento a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa em participar da pesquisa não acarretará qualquer penalidade.

A entrevista poderá ser realizada na Livraria Do Arco da Velha, em Caxias do Sul (RS), ou na sua casa, em data e horário a serem definidos conforme sua disponibilidade. O material produzido ficará sob a guarda da pesquisadora responsável pelo período de cinco anos e, após esse prazo, será totalmente apagado e inutilizado.

Os relatos escritos, a partir da entrevista, garantirão o anonimato das participantes. Após a conclusão da pesquisa, cada participante receberá, por via digital, uma cópia da redação final do produto que ela resultará: a dissertação. As informações obtidas no decorrer da investigação serão utilizadas somente com a finalidade científica. Os dados da pesquisa poderão ser vistos exclusivamente pela pesquisadora e pela orientadora. Na publicação dos resultados da pesquisa, a identidade das participantes será mantida em sigilo e todas as informações que possam identificar as participantes serão omitidas.

A participação na pesquisa não traz complicações legais. A pesquisa oferece riscos mínimos à integridade física, psíquica e moral das participantes. No entanto, pode haver algum

desconforto ou constrangimento em responder alguma pergunta. Você terá total liberdade para não responder a qualquer pergunta que a faça se sentir desconfortável. Esta pesquisa possibilitará, ao conhecer a sua trajetória como leitora e de demais participantes do Leia Mulheres de Caxias do Sul, uma investigação sobre a leitura partilhada e a verificação de indicadores de mediação de leitura. Com isso, busca-se contribuir para as discussões sobre a experiência de leitura literária e para o registro da história do projeto Leia Mulheres.

### **Dúvidas**

A pesquisadora compromete-se a esclarecer qualquer dúvida que as participantes possam ter no momento da pesquisa ou posteriormente, por meio do e-mail [rrsaldanha@ucs.br](mailto:rrsaldanha@ucs.br), ou pessoalmente, por meio de agendamento de encontro.

### **Comitê de Ética**

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Caxias do Sul (CEP/UCS), colegiado interdisciplinar e independente, criado para analisar e aprovar ética e cientificamente as pesquisas envolvendo seres humanos, bem como acompanhar e contribuir com o seu desenvolvimento. O CEP/UCS está localizado na Universidade de Caxias do Sul (UCS), Campus-sede, Bloco S, sala 405, com atendimento de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30min e das 13h30min às 18h. O contato com o Comitê pode ser realizado pelo e-mail [cep-ucs@ucs.br](mailto:cep-ucs@ucs.br) ou pelo telefone (54) 3218-2829.

Atenciosamente,  
Roberta Regina Saldanha

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista as informações apresentadas, eu (nome por extenso), \_\_\_\_\_, aceito o convite para participar de forma voluntária da pesquisa acima e declaro que entendi o objetivo do estudo, seus procedimentos e esclareci minhas dúvidas.

Caxias do Sul/RS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

Assinatura da participante da pesquisa

---

Assinatura da pesquisadora Roberta Regina Saldanha

**Contatos**

Roberta Regina Saldanha – Mestranda – Pesquisadora, e-mail rrsaldanha@ucs.br

Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos – Orientadora, e-mail fbramos@ucs.br

Universidade de Caxias do Sul

Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura

Curso de Mestrado em Letras e Cultura

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais sobre o processo de investigação.